

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

O PAPEL DO COMÉRCIO NA PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE EM PELOTAS - RS.

ANDRÉ PINHO PETER

RIO GRANDE, 2010

ANDRÉ PINHO PETER

O PAPEL DO COMÉRCIO NA PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE EM PELOTAS - RS.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito para a obtenção do grau de Mestre

Prof. Sidney Gonçalves Vieira – Orientador

RIO GRANDE

2010

O PAPEL DO COMÉRCIO NA PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE EM PELOTAS - RS.

Por

ANDRÉ PINHO PETER

Dissertação aprovada para obtenção do grau de
Mestre pela Banca examinadora formada por:

Presidente: Prof. Sidney Gonçalves Vieira, Dr. UNESP Rio Claro - Orientador, UFPEL

Membro: Prof. Solismar Fraga Martins, Dr. UFSC, FURG

Membro: Prof. Giovana Mendes de Oliveira, Dra. UFRGS, UCS

Membro: Prof. Erika Collischonn, Dra. UFSC, UFPEL

Rio grande 23 de novembro de 2010

Dedico essa Dissertação a todos que me ajudaram a concluí-la, essas pessoas sabem bem quanto gosto delas, em especial, minha família pelo carinho e ajuda que sempre foram fundamentais, e também meus professores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e minha saúde, e de poder ser útil a todos que a mim procuram, agradeço minha Mãe, Professora Maria Nelzi, pelo apoio e a cobrança de uma postura ética, ao meu Pai Professor Neri Peter pela ajuda, ao meu irmão Gabriel, pelo apoio, inclusive tecnológico e minha cunhada Ana Lucia pela ajuda, e minha irmã Alice .

Agradecimento também os meus professores, que sempre me ajudaram a crescer como profissional e entender melhor esse mundo, principalmente, meu orientador Professor Dr. Sidney Vieira, que me ensinou não apenas o conteúdo, mais do que tudo me orientou. Não devo esquecer claro, do Professor MS. Paulo Quintana, da Professora Dra. Giancarla Salamoni, Professora Dra. Rosangela Spironello, Professor Dr. Edinei Koester, Professora Dr. Rosa Lucas e ao Professor Dr. Adão Vital, que me auxiliaram muito no meu progresso acadêmico na Universidade Federal de Pelotas, junto com as Funcionárias e colegas de Trabalho Professora Mara Lucia, Professora Mara Silva, e Professora Shana Ramos.

Ao curso de Pós – Graduação da FURG, principalmente ao Professor Dr. Solismar Fraga Martins, que na Disciplina de Produção do Espaço Urbano, possibilitou ferramental para esse trabalho, ao Professor Dr. Dário de Araújo Lima, Professor Dr. Pedro Quevedo Neto, Professora Dra. Beatriz Thiessen Valadão e a Professora Dra. Jussara Mantelli.

A professora Dra. Giovana Mendes de Oliveira da Universidade de Caxias do Sul, que aceitou ser avaliadora do trabalho.

A Capes, pelo auxílio financeiro.

Muito obrigado mesmo meus amigos.

Bebida é agua
Comida é Pasto
Voce tem fome de que?
Voce tem sede de que?

“Comida” Titãs

RESUMO

Esse trabalho propõe explicar o Papel do Comércio, na Produção da Centralidade em Pelotas, para tal hipótese levantada objetiva-se estudar a história da cidade, bem como a produção do meio de vida urbano do centro e sua relação com o comércio. Assim em primeira instância, estabelece uma contextualização dos estudos sobre o comércio no âmbito da Geografia, passando assim para os fundamentos teóricos metodológicos que envolvem a produção do espaço urbano, conduzindo a análise a cerca do avanço da atividade terciária no século XX, esse ponto destacam-se as mudanças no centro das cidades e o crescimento urbano organizado em função do comércio. No que tange ao objeto de estudo, começamos estudando a produção do espaço urbano, destacam-se então a produção da cidade Política/Comercial com o espaço temporal de 1780 a 1890, depois a produção da Cidade Industrial entre 1890 e 1970 e logo após destaca-se o período que se segue a partir de 1970, com o desenvolvimento varejista produtor da centralidade urbana em Pelotas. Para tal objeto de estudo da hipótese, necessita-se identificar as temporalidades da atualidade fazendo uso do Método Regressivo Progressivo. O trabalho então, tem desfecho com a pesquisa de campo para identificar os principais pontos de destaque no centro e o seu papel na produção da centralidade.

Palavras Chave: Centro, Centralidade, Espaço Urbano, Pelotas.

Abstract

This work proposes to explain the role of Trade in the Production of Centrality in Pelotas, for this raised hypothesis the objective is to study focuses on the history of the city as well as the production of livelihood of the urban center and its relationship to trade. So in the first instance, establishes a context of studies on trade in the scope of the Geography, passing well to the theoretical methodology involving the production of urban space, taking the analysis near to the tertiary industry advances in the twentieth century, in this point is highlighted the changes in inner cities and urban growth as a function of organized trade. In respect to the object of study, we started studying the Production of the Political/ Commercial with the timeline from 1780 to 1890, after the production of the Industrial City between 1890 and 1970 and after stands out the period that follows after 1970, with the retail development producer in the urban centrality of Pelotas. For such an object of study of the hypothesis, you need to identify the temporality of the present using the Regressive and Progressive Method This work then has outcome with field research to identify main points highlighted in the center and its role in the production of centrality.

Keywords: Center, Centrality, Urban Space, Pelotas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Área Comercial e Centro	23
Figura 02: Novas Expressões da Centralidade e Centro de Pelotas.	27
Figura 03: Planta de Pelotas em 1835.....	27
Figura 04: Eixo de Urbanização proposto por Lefebvre.	31
Figura 05: Praça da República no Início do Século XX.	54
Figura 06: Mapa da Rede de Esgotos em 1915.	55
Figura 07: Planta de Pelotas em 1815.	60
Figura 08: Mapa Urbano de 1835.	60
Figura 09: Rua Felix da Cunha no Início do Século XX	63
Figura 10: Rua Felix da Cunha, entre Dom Pedro II e General Teles, no início do Séc.XX.	63
Figura 11: Rua Quinze de Novembro no Início do Século XX.	64
Figura 12: Rua Quinze de Novembro entre Marechal Floriano e Sete de Setembro.....	65
Figura 13: Crescimento Urbano em Pelotas no século XIX.	66
Figura 14: Parque Pelotense inaugurado em1883.	66
Figura 15: Catedral São Francisco de Paula início do Século XX	67
Figura 16: Praça Coronel Pedro Osório início do século XX.....	67
Figura 17: Clube Caixeiral final do Século XIX.....	67
Figura 18: Clube Caixeiral em 2010.....	68
Figura 19: Praça Coronel Pedro Osório, metade do Século XIX.	68
Figura 20: Mercado Público no Início século XX.....	69
Figura 21: Localização das principais indústrias em Pelotas em 1922.	73
Figura 22: Frigorífico Anglo.	78
Figura 23: Planta da Cidade em 1921	78
Figura 24: Cervejaria Brahma.	79
Figura 25: Cervejaria Brahma.	79
Figura 26: Moinho Pelotense.	80
Figura 27: Fábrica da Cotada.	81
Figura 28: Principais Indústrias Portuárias em Pelotas em 1950 – 1960.	82
Figura 29: Divisão Geoeconômica do Rio Grande do Sul.	85
Figura 30: Planta da Cidade de 1947.....	90
Figura 31: Mapa do Circuitos Urbanos em Pelotas – RS.....	91
Figura 32: Edifício Gloria nos início do século XXI.....	93
Figura 33: Edifício Gloria em 2010.....	93
Figura 34: Edifício da Associação Comercial de Pelotas em 1940.....	94
Figura 35: Associação Comercial anos 1990.	94
Figura 36: Edifício APIP.	95
Figura 37: Hotel Rex.....	96
Figura 38: Edifício Ferraz Vianna.....	97
Figura 39: Edifício Itatiaia.....	98
Figura 40: Edifício Princesa do Sul.	98
Figura 41: Edifício Sul Banco.....	99
Figura 42: Edifício Assumpção Rheingantz (1957) e Edifício Barão de Jarau (1975).	100
Figura 43: Edifício Jose Del Grande.....	100
Figura 44: Edifício Embaixador e Álvaro Rosa.....	101
Figura: 45: Várias Temporalidades do Presente, Teatro Guarani 1922, Edifício Reighantz	

1955 e Banco do Brasil ao Fundo 1965.	102
Figura 46: Instalação da Caixa d'água.....	103
Figura 47: Residência na Rua Andrade Neves 1.....	104
Figura 48: Residência na Rua Marechal Deodoro.....	104
Figura 49: Residência na Rua Andrade Neves.....	104
Figura 50: Residência na Rua Andrade Neves.....	105
Figura 51: Trecho 01 do Calçadão.....	112
Figura 52: Trecho 02 do Calçadão.	113
Figura 53: Trecho 03 do Calçadão.....	114
Figura 54: Trecho 03 do Calçadão.....	114
Figura 55: Trecho 04 do Calçadão.....	115
Figura 56: Trecho 05 do Calçadão.....	115
Figura 57: Trecho 06 do Calçadão.....	116
Figura 58: Trecho 06 do Calçadão com Mercado Público.....	117
Figura 59: Trecho 07 do Calçadão.....	117
Figura 60: Café Atuários.....	118
Figura 61: Trecho 08 do Calçadão.....	118
Figura 62: Trecho 09 do Calçadão, vista aérea.....	119
Figura 63:Localização das Principais Lojas do Calçadão segundo Ranking da Pesquisa de Campo.....	126
Figura 64: Localização das Lojas mais populares segundo pesquisa de campo.....	127
Figura 65: Localização das lojas mais sofisticadas segundo pesquisa de campo.....	128
Figura 66: Limites do Comércio no Centro por ruas citadas, oeste, norte, leste e sul.....	130
Figura 67: Deslocamento da Centralidade em Pelotas de 1960 até a atualidade.....	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 Principais Indústrias e Casas de Comércio de Pelotas no século XIX	64
Tabela 02: Crescimento Populacional no Período 1890 – 1960.....	69
Tabela 03 Relação das Principais Indústrias e em Pelotas em 1922.....	72
Tabela 04: Composição do Aparelho comercial do Calçadão.....	110
Tabela 05: Estabelecimentos Comerciais Citados Pelos entrevistados.....	121
Tabela 06: Estabelecimentos Comerciais Citados como mais Importantes.....	122
Tabela 07: Lojas mais populares segundo pesquisa de campo.....	122
Tabela 08: Lojas mais sofisticadas segundo pesquisa de campo.....	123
Tabela 09: Lojas importantes no passado recente segundo pesquisa de campo.....	124
Tabela 10: Ruas Limites do Centro.....	129
Tabela 11: Principais Problemas do centro relatados na pesquisa.....	131
Tabela 12: Meios de Acesso a Centro.....	132

LISTA DE ABREVIATURAS

FEE- Fundação Estadual de Economia de Estatística do Rio Grande do Sul.

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas.

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas.

ITEPA – Instituto Técnico de Pesquisa Aplicada.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

PIB – Produto Interno Bruto.

BPSI – Bender e Peter Sistema de Informações

SISQAN – Sistema Questionário André

PMP – Prefeitura Municipal de Pelotas

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	09
LISTA DE TABELAS.....	11
LISTA DE ABREVIATURAS.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Apresentação.....	15
1.2 Evolução do pensamento Geográfico da Geografia do Comércio e do Consumo.	17
1.3 Modelos de Evolução Comercial.....	20
2. OBJETIVOS.....	22
2.1 Objetivo Geral.....	22
2.2 Objetivos Específicos.....	24
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1. O Conceito de Espaço e a Sociedade.....	33
3.2. Produção do Espaço Urbano.....	38
3.3. O espaço Intra – Urbano e Regional.....	41
3.4. Aspectos do Comércio no Século XX.....	43
3.5. A Formação e expansão do Centro	45
3.5.1. A Formação do Centro.....	45
3.5.2. O Centro sua expansão.....	47
4. EVOLUÇÃO URBANA DE PELOTAS.....	53
4.1 A produção inicial do Espaço Urbano de Pelotas.....	53
4.2 A formação da cidade política/comercial (1780 -1890).....	57
4.3 Formação da Cidade Industrial (1890 – 1970).....	69
4.3.1 A diversificação industrial do Centro (1890 – 1930).....	69
4.3.2 O auge da Industrialização (1930 – 1950), e a modernização do parque fabril.....	74
4.3.3 O Declínio da Atividade Industrial em Pelotas (1950 – 1970).....	83
4.4 O comércio e a produção do Centralidade.....	89

4.5 A Verticalização do centro de Pelotas.....	91
4.6 A Expansão da Centralidade, o crescimento horizontal do Centro.....	103
5. O PAPEL DO COMÉRCIO NA PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA...	107
5.1 Pesquisa de Campo.....	110
6. PERSPECTIVAS FUTURAS.....	133
7. CONSIDERAÇÕES.....	137
8. REFERÊNCIAS.	141
1 APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	147
APÊNDICE B – Banco de dados com resposta	149
APÊNDICE C – Mapa da Evolução Urbana em Pelotas.....	160
2 ANEXO A – LEI DO ZONEAMENTO EM PELOTAS.....	161

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O tema tratado neste trabalho, refere-se à produção do espaço urbano atual no centro cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul – Brasil, e foi efetuada através da análise da atividade comercial realizada nessa área.

Pelotas, localiza-se na porção Sudeste do estado Rio Grande do Sul- Brasil, com uma área de, 1.921.80 km² na encosta do sudeste, às margens do canal São Gonçalo, com coordenadas geográficas de 31° 46'19" S e 52° 20'33" O, limitada ao Norte pelos municípios de Turuçu e São Lourenço do Sul, ao Sul pelos municípios de Rio Grande e Capão do Leão, a Leste pela Laguna dos Patos e a Oeste por Canguçu e Morro Redondo, distancia-se de Porto Alegre em 250 quilômetros, e conta com 323 034 habitantes, sendo 300 952 (PMP, 2002) na área urbana e 22.082 habitantes na área rural, com uma densidade demográfica de 192,18 hab/km², situa-se na confluência das rodovias BR 116, BR 392 e BR471.

No que tange a atividade comercial, no município existem cerca de 7.500 estabelecimentos que incluem lojas, agências bancárias (38 no total), seguradoras, casas de câmbio e empresas de transporte, responsáveis por 60% dos empregos no município.

Segundo a Fundação Estadual de Economia e estatística do Rio Grande do Sul (FEE), no ano de 2004 o setor terciário de Pelotas participava com 60% na produção do PIB municipal, o que equivalia a 1,3 bilhão de reais, não obstante, o Instituto Técnico de Pesquisa Aplicada (ITPEPA) – da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), apontava que em Pelotas, existia uma abrangência regional de 1 milhão de consumidores em 27 municípios..

Assim posto, analisar essa questão parece ser de fundamental importância na Geografia, corroborando na interpretação da realidade ao qual estamos inseridos, contudo, não existem de forma numerosa grupos de estudos que tratem da temática do comércio como produtor de espaço, recentemente desenvolveram-se tais pesquisas em Portugal, sob a responsabilidade da professora Tereza Barata – Salgueiro e do professor Herculano Cachinho, bem como as pesquisas do professor José Fernandes Balsas, no Brasil as pesquisas tem sido principalmente efetuadas, pela professora Silvana Maria Pintaudi através do Núcleo de Estudos Sobre o Comércio e o Consumo da Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”.

Recentemente as pesquisas sobre comércio e consumo começaram a ser efetuadas também pela Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal de São Carlos, e no caso desse trabalho, encontra-se tutela no curso de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande.

Trabalho esse justamente, fruto do empenho do curso de pós – graduação da FURG, em formar profissionais pesquisadores que atuem no estudo das problemáticas da região sul do Rio Grande do Sul, região conhecida por seu desenvolvimento econômico inferior em relação a região nordeste do estado¹.

Segundo Cachinho (2000, p.20) “Embora possa parecer simplista, esta idéia tem escapado geralmente ao pensamento econômico e social mais influente no desenvolvimento das investigações sobre o comércio com isso, a maioria dos modelos de estudo o espaço ou esta ausente ou é considerado de forma abstracta e o homem reduzido á sua racionalidade econômica” no mesmo sentido, Santos (1978, p.145) alerta que

“Quando se pretende subordinar o espacial ao econômico, a primeira pergunta que acode é a seguinte: pode a economia funcionar sem uma base geográfica? A resposta naturalmente é não, mesmo se a palavra geográfico é tomada na sua acepção mais equivocada, como um sinônimo de condição natural. O fato, porém, é que muitos economistas e tantos outros cientistas sociais somente falam do espaço dentro dessa acepção estreita e errada”.

No caso de Pelotas, a formação urbana deve-se principalmente a riqueza vinda da venda de charque, formando uma exuberância material formidável, proveniente de um período de grande crescimento econômico que teve inicio no séc. XIX segundo Arriada (1994, p. 121), “A população que aos poucos se ia arranchando ao redor da capela e da Praça da Matriz não deveria se insignificante para a época, visto que em 1815, era levantada a primeira planta da zona urbana. A partir desse momento já tendo sido ocupado o sitio urbano e com a instalação de órgãos administrativos, novos valores e determinações passam a reger a vida da incipiente população que aos poucos vai adquirindo características puramente urbanas” corroborando a isso Villaça (1998,p. 239) interpreta que, “essa condição é favorável a construção do centro da cidade“, assim com o desenvolvimento da vida social surgem atividades que exigem o deslocamento, para o mesmo ponto (governo, religião, comércio), para o atendimento ótimo da maioria dos membros

¹Para mais informações consultar, ILHA, Adayr da S. ; ALVES, Fabiano Dutra ; SARAVIA, Luiz Hector Barboza . **DESIGUALDADES REGIONAIS NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA METADE SUL.** In: 1º ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 2002, PORTO ALEGRE. 1º ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 2002. v. 1.

da comunidade... tais atividades devem localizar-se no ponto que minimiza o somatório de todos os deslocamentos” dessa forma tem-se a formação da cidade e principalmente do centro.

Com o aumento da população, o centro da cidade torna-se lócus de concentração do comércio, sendo o seu principal papel é a venda a varejo. Um centro de cidade é mais que um centro comercial, no entanto, se perder a sua atractividade como centro de comércio, dificilmente pode sobreviver como um centro em sentido lato. (Balsas 1999, p. 53).

1.2 Evolução do pensamento Geográfico da Geografia do Comércio e do Consumo.

No que tange ao desenvolvimento do pensamento Geográfico sobre o Comércio e o Consumo, temos no inicio do século XX, a adoção da corrente Racionalista, impulsionada pelo ao positivismo lógico, trazendo assim um novo paradigma ao pensamento geográfico, surge então o Pragmatismo nos Estados Unidos, país que no inicio dos anos 1930, toma a frente do pensamento científico, segundo Gomes (1996, p. 227):

Finalmente, os Estados Unidos, pela primeira vez, estavam na origem de um influencia filosófica que se estendeu à Europa. Trata-se do pragmatismo, nascido da idéias de W. James. Para ele, também, o mais importante libertar a ciência da influencia do idealismo e ao mesmo tempo se prevenir contra as construções monolíticas do positivismo clássico. A base de seu sistema é a vontade, uma vontade que é antes de tudo guiada pelo interesse de utilidade.

O Racionalismo então abriu caminho para uma renovação critica, que influenciada por seu caráter utilitário fundou a Geografia Nova, segundo Gomes (1996, p. 251):

Contudo, foi apenas por volta da metade do séc XX, que ao positivimo lógico estendeu sua influencia sobre as outras disciplinas. Esta orientação, também conhecida como filosofia analítica, estabeleceu-se primeiro sobre os domínios da matemática e da física, e, em seguida, às outras ciências, à psicologia, sociologia, biologia e economia. Na geografia, este movimento é geralmente conhecido sob o nome de Nova Geografia ou Geografia quantitativa.

Nota-se então, que a Nova Geografia a orientação contraria as tradições geográficas ocorrendo à negação ao metafísico, assentando a análise em bases matemáticas lógicas, segundo Gomes (1996, p. 253):

A conseqüência imediata desta corrente foi a valorização das ciências matemáticas como o novo paradigma metodológico. As outras disciplinas deveriam buscar, no modelo da matemática, sua coerência, rigor e objetividade. A outra conseqüência importante é a universalização dos procedimentos para a ciência e a unificação do, que se referem sempre aos princípios lógicos, os quais são o fundamento da matemática.

Esse ponto é considerado como inicial na análise dos estudos do Comércio e Consumo na Geografia, Christaller por exemplo: propunha um estudo em que o desenvolvimento das cidades obedecia a uma lógica que era estabelecida por uma rede urbana de comércio e serviços, que se articulava no espaço, assim procurou construir um modelo de análise que serviria para outras localidades, como uma lei geral de análise das estruturas urbanas.

Nessa perspectiva, a análise do consumo é tratada como um ato individual um processo meramente econômico e objetivo, como cita Cachinho (2002, p. 32):

Empenhada na procura de regularidades e na construção de modelos normativos capazes de funcionar como verdadeiras sínteses da realidade, os indivíduos, sejam eles produtores ou consumidores, perfilam-se como verdadeiros autômatos, que tendo do mercado um perfeito conhecimento, regem a sua conduta por mecanismos puramente econômicos.

Na perspectiva da Geografia Crítica Radical (crítica teórica e metodológica efetuada em relação a Geografia Tradicional e à Nova Geografia), Gomes (1996, p. 275) afirma que:

O entusiasmo e a vigor da geografia analítica foram progressivamente perdendo o fôlego, em face das múltiplas críticas e das dificuldades impostas, sobretudo pelas considerações do caráter político do espaço, feitas a geografia. O progresso do início dos anos sessenta perdia seu impacto e as numerosas promessas contidas no discurso da Nova Geografia começavam mostrar seus limites.

A crítica radical da Geografia, instituiu-se em um período ao qual o mundo passava por grandes transformações econômicas, (início da fase neoliberal do capitalismo, aumento do preço do petróleo) e assim se fazia necessário uma análise mais profunda e crítica da sociedade, e principalmente, crítica da própria ciência, que ocorre em dois campos segundo Gomes, (1996, p. 274):

Essas críticas podem se reunidas em dois grandes grupos: as de caráter teórico metodológico e as que consideram o domínio prático e ideológico da Nova Geografia. O progresso do início dos anos sessenta perdia seu impacto e as numerosas promessas contidas no discurso da Nova Geografia começavam a mostrar seus limites.

A primeira a crítica, esta relacionada ao método o racional analítico da Nova Geografia, que concedia ao consumidor como um *homo oeconomicus*, individual e objetivo. A segunda é, no sentido de criticar o papel político da geografia, que se deve ao fato da Nova Geografia ter o seu caráter utilitário, inferindo um suposta neutralidade na produção científica, na verdade a própria neutralidade exposta seria uma posição ideológica de quem domina o pensamento Geográfico.

Dessa forma, a Geografia Crítica Radical propõem a utilização de métodos materialistas

históricos de análise, nota-se que apesar de negar o contexto racional analítico (neutro), o materialismo histórico também acredita que a única maneira de busca da verdade é pelo pensamento científico, a grande diferença esta no método, segundo Gomes (1996, p. 281)

A perspectiva de Marx é produzir um saber objetivo e racional, objetivo, pois representa a observação do real/histórico; racional, pois é guiado por demonstrações e deduções lógicas, rigorosas e necessárias.

Dentro da perspectiva do Comércio e do Consumo, a visão da Geografia Radical será pautada na análise da disputa de classes, vendo o produto como um objeto ideológico e tratando o consumo como um processo sócio econômico. Na Crítica Radical o comércio e consumo são vistos de forma objetiva resultante de uma produção sócia econômica (luta de classes).

Na perspectiva Humanista, o enfoque de análise, busca os valores simbólicos que expressam o espaço vivido, que segundo, Gomes (1996, p. 319) pode ser exemplificado assim:

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sócias que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. Cada geógrafo deve possuir “sua” região, “seu” espaço, e a proximidade física e afetiva são elementos fundamentais nesta conduta

Em uma análise Humanista, devem ser considerados aspectos do homem e seus simbolismos, mais do que classificar ele em classes ou potencial de consumo, o humanista procura trazer a questão da vivencia. Segundo Gomes (1996) “A tarefa do geógrafo e, portanto, interpretar todo o jogo complexo de analogias, de valores, de representações e de identidades que figuram neste espaço”.

Nesse contexto, valores individuais, são reposicionados, o *homo oeconomicus*, torna-se *homo sensibile*, produzido pelo processo simbólico e subjetivo, exatamente ao contrario da Nova Geografia e dos Marxistas. Como evidenciada por Cachinho (2002, p. 36) :

O comportamento do individuo enquanto consumidor deve ser entendido como um processo global intersubjetivo; isto é, em que na sua configuração, a racionalidade se conjuga com a emotividade, os sentimentos, a afectividade, os valores e muitas outras manifestações intrínsecas à existência humana, mediante as quais as pessoas se envolvem com o mundo. Nesse sentido, enquanto categoria conceptual, o consumo transforma-se num processo psico – social e simbólico. A sua explicação parte sempre do sujeito, das representações e das relações afectivas que estabelece com os objectos e oslugares de consumo, e pouca importância é concebida à óptica dos produtores e dos comerciantes responsáveis pelo fabrico e a distribuição dos bens e serviços que são objecto de consumo.

Na análise Humanista, o consumidor assume um papel de grande evidência, não mais sendo considerado o fim de uma transação econômica, mas sim um agente, que com seus simbolismos transforma as formas de comércio, segundo Cachinho (2002, p. 36) “revelam os fortes valores emocionais e sociais que os indivíduos ligam às atividades comerciais (locais), que suplantam em muito as vantagens dos baixos preços oferecidos pelos supermercados”.

Dessa forma, podemos concluir que a Geografia do Comércio e do Consumo, traz um primeiro ponto, uma análise quantitativa proposta pela Nova Geografia que produziu uma síntese focada no parâmetro econômico e em uma objetividade racional. Contudo efetua-se, uma crítica Radical, que baseada no materialismo histórico preocupou-se em trabalhar as lutas de classes e com isso, agregou ao estudo sobre comércio e consumo novas categorias, classificando-a não mais como um simples agente econômico, mas social.

No ambiente humanista, o indivíduo possui uma visão de mundo fortemente respaldada pelos simbolismos e representações, formatando um consumidor subjetivo e individualista.

1.3 Modelos de Evolução Comercial.

Os modelos de evolução comercial no sistema varejista, inserem-se nesse trabalho no sentido de avaliar como desenrolam o surgimento e crescimento de tais atividades no espaço urbano, são importantes, pois, se baseiam em modelos que tem por base a dialética e o evolucionismo. Para a realização dessa análise, baseamos nos argumentos de Cachinho (2002), que destaca dois modelos, o Dialético e de Crise e Resposta.

A teoria Dialética, trata da instalação e estruturação do comércio no movimento cíclico tese, antítese e síntese, como por exemplo: a cadeia de comércio independente tradicional (tese), contraposta com uma estrutura moderna materializada pelo supermercado (antítese), sendo o mini mercado a síntese dessa disputa.

No âmbito do espaço urbano, podemos citar os centros tradicionais, dominados por pequenos varejistas com ambiente pobre e dificuldade de acesso como a tese; centros comerciais planejados, ambiente controlado e facilidade de acesso sendo a Antítese, e a posterior renovação dos centros tradicionais como Síntese.

O modelo crise resposta (evolucionista), esta focalizado em quatro etapas: o choque, o retraimento defensivo, o reconhecimento e a adaptação.

Quando o centro da cidade é ameaçado pela instalação de um empreendimento na periferia, os comerciantes entram em choque com a novidade, logo após ocorre um retraimento defensivo com a dificuldade de aceitar o novo empreendimento, depois o mesmo passa-se a reconhecer os impactos negativos e se busca a melhoria do centro, ao passo que novamente chega-se a um equilíbrio entre as formas comerciais.

Esses modelos expõem de forma sucinta como o espaço urbano é modificado pela atividade comercial e demonstram como elas impulsionam as lutas dentro das cidades, essas teorias são de forma explícita impulsionadas pelas modificações ocorridas no comércio no Século XX, principalmente pelo crescimento dos centros e a integração ao espaço urbano de superfícies de grande porte como os shopping - center e hipermercados.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Objetiva-se analisar a formação do espaço urbano no centro de Pelotas, como sendo produto de relações comerciais que ali se realizam. No contexto desse trabalho, procura se desvincular a produção de um espaço intra – urbano e regional, trata-se aqui de estudar a formação “interna” de Pelotas claro que não é possível dissecar-lo de uma realidade regional, contudo pretende-se estruturar uma pesquisa capaz de verificar no centro da cidade, que mesmo em franca depreciação residencial ainda ocorre a garantia de atratividade para a atividade varejista, formando assim seus principais pontos de referencia e garantindo sua centralidade.

Propõe-se então, trabalhar a produção do espaço urbano do centro² de Pelotas, tomando por base a atualidade comercial, com a descrição das atividades comerciais que atuam no centro de Pelotas, empiricamente essa descrição pode ser estabelecida de forma hierárquica, as partes mais importantes do centro, ou seja, as mais concentradoras de atividades urbanas estão instaladas no calçadão central³ que compreende a área das ruas no sentido sul/norte Andrade Neves e XV de Novembro, e ruas no sentido leste/oeste, Voluntários de Pátria, General Neto, Sete de Setembro e Marechal Floriano, podemos verificar no entorno um anel central formado pelas Rua Marechal Deodoro a Oeste, Gonçalves Chaves a Leste, Av. Bento Gonçalves ao Norte, Tiradentes, fora a dessa área até os limites legais do Centro ocorre uma diminuição da atividade comercial, assim existe um centro dentro do centro, e dentro de um anel central uma área com maior concentração de comércio (calçadão) Fig. 01.

Nessa parte fazemos uma reflexão da formação do centro, e assim percebermos como na atualidade essas formas mais antigas estão presentes mesmo que de forma implícita.

No terceiro ponto ocorre o apontamento de possibilidades futuras, o papel do comércio como produtor de centralidade passa a ser analisado por duas faces, a primeira refere-se a mobilidade urbana, e a segunda a qualidade do aparelho comercial, respectivamente quando ocorre o deslocamento da centralidade comercial urbana o fluxo de comércio mais denso ocorre fora do centro, e na qualidade, podemos verificar que tipo de uso o centro irá abrigar, ocorrendo

² Coordenadas Geográficas do Centro Limite Norte 31° 44' 22" "LAT" S, Oeste 52° 21' 59" "LONG" O, Leste 52° 19' 32" "LONG" O, e SUL 31° 47' 65" "LAT" S.

³ Coordenadas Geográficas ao Norte do calçadão 31° 45' 55" "LAT" S, Oeste 52° 20' 35" "LONG" O, Leste 52° 20' 30" LONG O e Sul 31° 46' 16" "LAT" S

ou não novas possibilidades de investimento, seja privado (novas lojas) seja estatal (investimento em infra – estrutura)

Esse trabalho, parte da hipótese de que a atividade comercial produz espaço, esses espaço de comércio não são apenas espaços para aquisição de produtos, são espaços de uso, o comércio não só responde pelo apelo de compra, serve como sustentação de uma rede social, mas ao mesmo tempo que podemos associar o centro ao comércio não podemos simplesmente atribuir unicamente a ele sua produção.

O centro como elemento dinâmico, possui espaço de consumo e consumo de espaço, dessa forma existem diferentes territórios dentro de um mesmo centro, isso aponta para uma maior ou menor densidade de usos, essa densidade de usos encaminha então para uma nova forma central, no caso estudado potencialmente destaca-se o deslocamento de centralidade em direção a zona norte do centro.

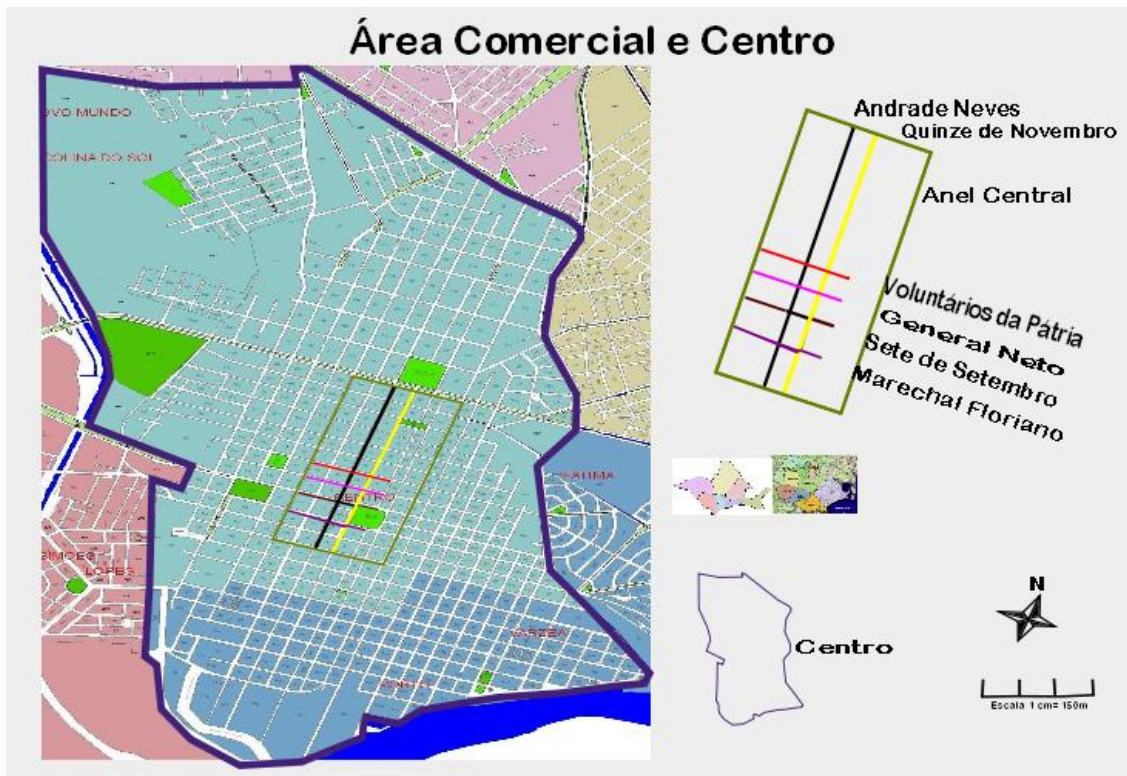


Figura 01: Área Comercial e Centro.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas (2009), editado pelo Autor (2010)

2.2 Objetivos Específicos

Avaliar a produção da centralidade urbana em Pelotas por intermédio da atividade comercial, buscando as características que lhe tornam centralizador garantindo assim sua função através da concentração de atividades urbanas que ali se realizam.

Para tal análise, verificamos que em primeira instância o centro é o local de moradia das pelas classes de maior renda. Já em um segundo plano e quase que ao mesmo tempo, instalam-se no centro as atividades urbanas (administrativas, religiosas, recreativas), garantindo a concentração dos serviços na área.

Com o aumento da população e com a garantia de fixação de serviços de cunho administrativos, a atividade comercial encontra razão para instalar-se fazendo parte da produção da centralidade. Já com o advento do Séc. XX, as mudanças na atividade a varejo em âmbito mundial, trouxeram novo impulso ao entendimento do comércio como atividade produtora de espaço, entende-se então, que nos centros das cidades a atividade comercial adquire valor central na produção da centralidade.

Em Pelotas, que já na metade do século XIX, a rua Feliz da Cunha continha considerável concentração comercial, e com a passagem para o séc. XX, e a sua inserção na economia capitalista, o setor varejista começa a responder pela centralidade urbana em Pelotas.

Compreender então, que a ampliação da cidade rumo ao norte que já tinha sido começada nos idos 1870, concretiza-se como opção para o crescimento populacional, um novo planejamento sanitário para o cenário urbano⁴, é efetuado em 1912. Nesse período ocorre o aumento considerável no tamanho da cidade, aumentam também o interesse imobiliário pelos lotes de maior tamanho que servirão de base para a instalação de residências de maior valor agregado para as classes de maior renda, começa assim, o movimento de deslocamento da centralidade urbana residencial⁵, rumo ao que chamamos de zona norte do centro de Pelotas.

Concomitantemente a isso, ocorre o fortalecimento de um centro regional de consumo, que no século XIX fora desenvolvido pelo comércio de charque, que trazia a cidade principalmente estancieiros que vendiam carne na Tablada, nos anos 1980 a transformação em centro regional se dá principalmente pela inserção de redes de comércio, sejam elas locais, regionais, nacionais ou mesmo estrangeiras, e a criação do calçadão.

⁴ SOARES, P. R. R. . Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, p. 184-201, 2000

⁵ PETER, A. P. ; RAMOS, S.M.P ; VELHO, Edna Afonso . Formação e Expansão do Centro: Comércio e Consumo. In: III Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, 2007, Pelotas. Colóquio sobre Comércio e Consumo, 2007

Dessa forma, o espaço começa a fragmentar-se, com a dinâmica residencial, algumas atividades comerciais mais refinadas acompanham as classes de maior renda que residem fora do tradicional centro comercial, juntamente a isso, alguns bairros com o seu crescimento demográfico começam a atrair atividades comerciais que garantem novas expressões de centralidade fora do centro tradicional.

Contudo, devemos entender que essas mudanças geram possibilidades futuras, o centro tradicional começa a sentir a força das novas expressões de centralidades existentes, desse ponto, parte-se talvez para a requalificação central, no sentido de garantir novamente sua centralidade e evitar sua destruição quanto elemento material e simbólico.

Compreendendo então, que o papel do comércio na formação de tais centralidades é vital no sentido de que a atividade terciária provoca o aglomerado de pessoas em torno das atividades do varejo, existem áreas na cidade que adquirem importância grande pelo potencial de população que ali residem atraindo o comércio.

Entendemos empiricamente que, a criação de expressões da centralidade no Bairro Fragata e no Centro Norte de Pelotas, a primeira vista apresentam maior instalação de comércio além tradicional centro.

No caso do Bairro Fragata, concede-se importância no sentido do mesmo estar distante do centro principal, observa-se o aparecimento do comércio em torno de sua avenida principal, (AV. Duque de Caxias), com a constituição de centro de compras planejado, bem como no curso da mesma apresentam-se; lojas de veículos, móveis, calçados, e atividades bancárias (loterias), constitui-se em primeira mão um sub – centro que funciona de forma paralela ao centro, tanto é verdade que o bairro Fragata localizado a Oeste no município é conhecido como bairro cidade, Fig. 02.

O caso da Zona Norte do Centro, o deslocamento dos imóveis residenciais iniciados nos anos 1950 e 1960, abrigando as classes de maior renda que residiam no centro, abre a possibilidade de novas expressões de centralidade ocorre a concentração na AV. Dom Joaquim e proximidades de residências de maior porte e o incipiente deslocamento do comércio, as empresas instalam-se com o intuito de atender determinada classe de renda mais elevada configurando-se também em um sub centro, contudo mais específico.

O interesse na área é evidente sendo estudada a instalação de Shoppings Centers, em um espaço temporal de cinco anos três projetos foram gerados, o primeiro um empreendimento que

não foi oficializado localizado no entroncamento da AV. Dom Joaquim com a Rua General Osório, e o segundo que pretendeu instalar-se no final da Rua Anchieta cerca de 500 metros de distancia da Avenida Dom Joaquim, atualmente existe um novo projeto de Shopping Localizado na Avenida São Francisco de Paula esquina com Ferreira Viana nas proximidades contendo 132 lojas⁶.

Identificar as origens da produção da centralidade urbana em Pelotas, datando os principais eventos que contribuem para formação do centro no passado, e relações de produção existentes. A formação Urbana de Pelotas, deve-se principalmente a riqueza provinda da venda de charque, em 1779, segundo Magalhães (1998, p.9) “... um cidadão português (José Pinto Martins) estabeleceu nessa data a primeira unidade industrial, no interior da Vila do Rio Grande; mais precisamente, às margens do já denominado arroio Pelotas”. Assim as margens do Arroio Pelotas têm-se a primeira forma de ocupação da região, em 1835 ocupava uma área um pouco maior como pode ser constada na Fig. 03, onde o limite norte é o Passeio Publico (Avenida Bento Gonçalves), atual limite sul do centro de Pelotas.

Nota-se que na planta de Pelotas de 1835, a cidade esta localizada na totalidade onde é o atual centro de Pelotas, desde sua gênese no mesmo sitio, Segundo Medeiros (2005, p. 36) “Até o ano de 1916 a área urbana de Pelotas ia somente até a Avenida Bento Gonçalves, antigo Passeio público” por lei municipal 467/53 e 498/53 é criado o Bairro Jardim e Bairro, que tem como principal via a Avenida Dom Joaquim, essa área é definida como centro no plano diretor em 1980.

Portanto o centro de Pelotas é resultado de um processo histórico de construção que foi delimitado por uma classe de maior renda, exemplo disso são as construções como o Teatro Sete de Abril (1833), Clube Comercial (1871), que se apresentam ate hoje no centro⁷.

⁶ Ver em <http://www.shoppingpelotas.com.br/>, acesso em 13 de outubro de 2010.

⁷ No que tange ao desenvolvimento material de Pelotas, destacam-se ainda o que o Professor Mario Osório Magalhães chama de “Opulência Cultural e Material” entre o período temporal de 1860 – 1890.

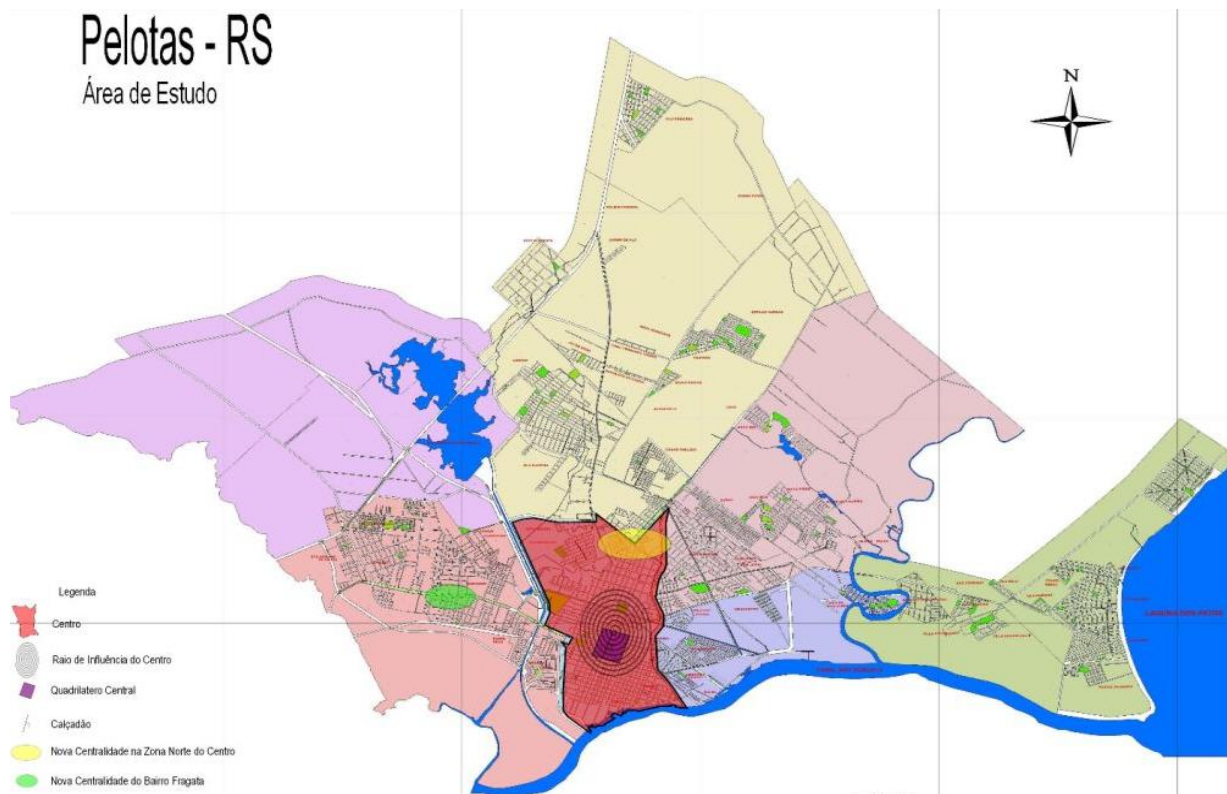


Figura 02: Novas Expressões da Centralidade e Centro de Pelotas.
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, modificado pelo autor.



Figura 03: Planta de Pelotas em 1835
Fonte: Arriada, 1994.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.

Como fundamentação teórica utiliza-se os argumentos dos seguintes autores; Cachinho (2002), Balsas (1999)), Soares (2004), Spósito (1991) Villaça (1998), Vieira (2004),(2005), Martins (2004) e Vargas (2001), no que tange a fundamentação metodológica utilizamos as obras de Henry Lefebvre (1966) (1991) (1999) (2001) (2002).

Divide-se então, a fundamentação em quatro partes, a primeira que diz respeito ao conceito de espaço urbano, a segunda parte trabalha-se a fundamentação na relação das diferenças entre o espaço intra – urbano e regional, o terceiro aspecto trata-se das questões referentes à evolução do comércio no século XX e no quarto aspecto, a formação e expansão do centro nas cidades médias e no Brasil.

No que tange a produção do espaço e como ela reflete na atividade comercial, recorreremos ao referencial metodológico proposto por Lefebvre que organiza a produção do espaço conforme categorizando-as em, forma, função e estrutura, bem como analisa a ordem próxima e distante o recurso metodológico utilizado é o regressivo/progressivo:

Sob esse ponto de vista, tem-se um instrumento metodológico, o método regressivo progressivo de que nos fala Lefebvre. Por - intermédio deste instrumento, capaz de identificar no presente as diferentes temporalidades da história, pode-se analisar o real sobrepondo-se à concepção de contemporaneidade das relações sociais. Se aparecem juntas no presente, as relações sociais, para serem entendidas de maneira correta, precisam ser datadas, precisam ter suas origens vinculadas a uma determinada data, para que se demonstre que a coexistência delas no tempo atual esconde a gênese em processos diferentes no passado. (VIEIRA, 2004, p. 152):

Começamos a análise com o advento do modo de produção capitalista onde a cidade passa por modificações complexas na sua estrutura como por exemplo a passagem da cidade comercial pela a cidade industrial formando a sociedade urbana, entende-se ela no sentido de uma:

“sociedade que nasce da industrialização. Essas palavras designam, portanto, a sociedade constituída por esse processo que domina e absorve a sociedade agrícola. Essa sociedade urbana só pode ser concebida ao final de um processo no curso do qual *explode* as antigas formas urbanas, herdades de transformações *descontínuas* (LEFÉBVRE, 2002, p. 15)

A sociedade do então modo de produção agrícola esta fadada a destituir-se e em troca, surge à sociedade urbana que responde por todas as esferas da vida social:

Mesmo considerando que as particularidades locais e regionais provenientes dos tempos em que a agricultura predominava não desapareceram, que as diferenças daí emanadas acentuam-se aqui e ali, não menos certo que a produção agrícola se converte num setor da

produção industrial, subordinada aos seus imperativos, submetida às suas exigências (LEFEBVRE, 2002, p. 17)

O espaço urbano se constitui num “tecido urbano” que cada vez mais denso, apropria-se de toda a vida social e nesse processo:

O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano. (LEFEBVRE, 2002 p.17)

A sociedade urbana esta edificada em um “tecido” o que não significa tão somente a cidade material, são as relações de poder e controle social exercidas por ela que trazem a ótica urbana concebida por um movimento, esse movimento se dá sobre um eixo que vai do zero a o cem por cento de urbanização⁸ nesse ponto:

Por hipótese, tracemos da esquerda para a direita um eixo que vai do zero de urbanização (a inexistência da cidade, a predominância completa da vida agrária, da produção agrícola, do campo) à urbanização cem por cento (absorção do campo pela cidade, predominância completa da produção industrial até mesmo na agricultura) (LEFEBVRE, 2001 p. 71)

Assim, a concepção do espaço urbano e seu tecido, fundamenta-se na transformação da anterior cidade política em comercial, ocorrendo um movimento de inflexão entre o agrário e o urbano culminando assim na cidade industrial, posteriormente torna-se crítico esse movimento é quando ocorre a implosão – explosão da cidade:

Esse eixo é ao mesmo tempo espacial e temporal: espacial: espacial, porque o processo se estende no espaço que ele modifica; temporal, uma vez que se desenvolve no tempo, aspecto de início menor, depois predominante, da prática e da história (LEFEBVRE, 2002, p. 20)

Sendo assim, voltamos ao início desse eixo com a cidade Política⁹:

Arrisquemo-nos, então, a colocar a *cidade política* no eixo espaço-temporal perto da origem. Quem povoava essa cidade política? Sacerdotes, e guerreiros, príncipes, “nobres”, chefes militares. Mas também administradores, escribas. A cidade política não pode ser concebida sem a escrita: documentos, ordens, inventários, cobrança de taxas. Ela é inteiramente ordem e ordenação, poder. Todavia, ela também implica um artesanato e trocas, no mínimo para proporcionar os materiais indispensáveis à guerra e ao poder (metais, couros, etc.), (LEFEBVRE, 2002 p. 20)

⁸ Nesse ponto podemos caracterizar que a totalidade da sociedade urbana não se dá de forma conjunta em todo o mundo, alguns lugares tiveram esses movimentos antes de outros.

⁹ Essa volta ao início do eixo é obrigatória, para podermos estabelecer as temporalidades que pretende-se analisar no presente inseridas no centro de Pelotas.

A cidade política tem por objetivo principal servir ao poder, as guerras e aos interesses bélicos de dominação e ordenamento é a centralização de poder do império, do rei, do exército, entende-se sua ocupação territorial como a cidade:

“política administra, protege, explora um território freqüentemente vasto, aí dirigindo os grandes trabalhos agrícolas: drenagem, irrigação, construção de diques, arroteamentos etc. Ela reina sobre um determinado número de aldeias. Aí, a propriedade do solo torna-se propriedade do monarca, símbolo da ordem e da ação. (LEFEBVRE, 2002. p. 22)

O comércio na cidade política também é presente, mas, considerado uma atividade estranha a essa cidade¹⁰, as pessoas que o praticavam eram “excluídos” o processo de fortalecimento do comércio e do mercado na cidade dura séculos e a cidade política resiste, pois, “ela sente-se, sabe-se ameaçada pelo mercado, pela mercadoria, pelos comerciantes; por sua forma de propriedade (a propriedade mobiliária, movente por definição: o dinheiro)” Lefebvre (2002, p. 22). “Ela sucede, suplanta a praça da reunião (a ágora, o fórum), em torno do mercado, tornando essencial, agrupam-se a igreja e a prefeitura (ocupada por uma oligarquia de mercadores)” Lefebvre (2002, p. 22).

Assim a cidade política vai tornando-se comercial, “o espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca. Ele se ornamenta dos signos dessa liberdade conquistada”

Em determinado momento, a importancia da cidade comercial torna-se tão evidente que a sua relação com o campo torna-se estranha, ou “heterotópica”, “a cidade não parece mais, nem mesmo para si mesma, como uma ilha num oceano camponês;” Lefebvre (2002, p. 23) assim o campo perde seu papel fundamental, apenas circunda a cidade, e as pessoas:

Segundo sua própria maneira de ver deixam de trabalhar para os senhores territoriais. Produzem para a cidade, para o mercado urbano. E, se sabem que os mercadores de trigo ou madeira os exploram, encontram porém no mercado o caminho da liberdade. (LEFEBVRE, 2002. 24)

Assim a realidade urbana não mais coincidiu com o campo, essa época na verdade constitui-se em uma grande renovação no pensamento do homem. “O racionalismo que culmina com Descartes acompanha a inversão que substitui a primazia camponesa pela prioridade urbana” Lefebvre (2002, p. 24).

¹⁰ Entende-se estranha, pois era realizada fora dos domínios da cidade, como elemento de ligação entre a produção e o mercado consumidor, composto respectivamente pelo “senhor territorial” e “senhores da cidade ”

Concomitantemente, atribui-se à formação de uma cidade comercial ligada ao “crescimento do capital comercial, da existência do mercado”¹¹. “Ela precede um pouco a emergência do capital industrial e, por conseguinte, a da cidade industrial. Lefebvre (2002, p. 25).

Na mudança da cidade comercial, para a industrial, a mesma (comercial) utiliza-se de mecanismos de defesa bem como a cidade política fez, sabe-se que a indústria primeiro instala-se próximo a fontes de energia e das matérias primas, e posteriormente tende a aproximar-se da cidade, dos capitalistas do mercado e da mão de obra barata e abundante. Nessa postura a indústria representa a não cidade, e essa (não cidade) ou “anti cidade” vai conquistar a cidade, penetrá-la, fazê-la explodir, e com isso estende-la desmesuradamente, levando a urbanização da sociedade, e o tecido urbano recobrando a “cidade anterior” Lefebvre (2002, p. 25).

Após esse movimento de inflexão, podemos conceber a existência de uma cidade industrial, que vai caracterizar então a produção do espaço urbano nessa concepção então podemos verificar as categorias de análise espaciais.

A criação de uma cidade industrial e a sociedade urbana estão ligada intimamente a o movimento de implosão – explosão urbana, esse movimento caracteriza-se como:

A implosão – explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos de disjuntos (periferias, *subúrbios*, residências secundárias, satélites etc.) (LEFEBVRE, 2002 p, 26)

A implosão - explosão encaminha a cidade a sua fase crítica no sentido de que a realidade urbana torna-se total, pois, “a compra e venda, a mercadoria e o mercado, o dinheiro e o capital parecem varrer os obstáculos” e a “problemática urbana impõe-se à escala mundial” Lefebvre (2002, p. 26), Fig.04.

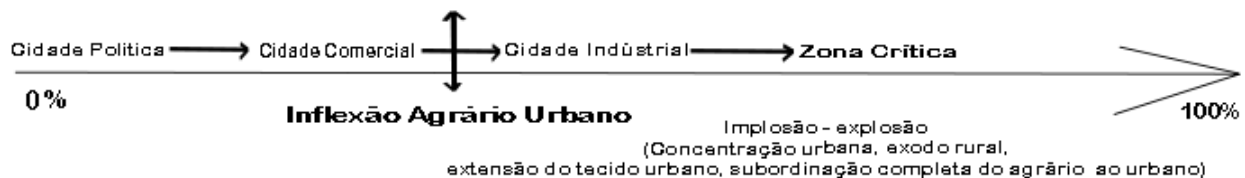


Figura 04: Eixo de Urbanização proposto por Lefebvre.

Fonte: Lefebvre (2002), montado pelo autor.

¹¹ Nota-se nesse ponto a transformação da cidade política em cidade comercial, percebe-se que não existe quebra, mas sim junção composição e sobre posição, o antigo permanece com o novo.

Para entender essa problemática Lefebvre propõe categorias de análise espacial, parte-se do pressuposto de que a sociedade urbana consegue explicar as outras sociedades, essa concepção baseia-se na análise do modo de produção foi objetivado em Marx¹², a partir do método dialético com o modo de produção capitalista como hegemônico no grau de desenvolvimento:

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão... A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. (MARX 1978, p. 17)

Para entendermos os modos de produção anteriores devemos compreender o modo de produção capitalista e assim fazer uma crítica a ele, por isso que

Temos tentado mostrar que, para Marx, a dissolução de produção feudal e a transição para o capitalismo se imputa e se vincula a um objeto: a cidade. Superando-se, esta rompe o sistema medieval (feudal): passando às relações de produção capitalista (sobre cuja emergência não há nenhuma dúvida), entrando, em consequência num outro modo de produção, o capitalismo. (LEFEBVRE, 1999, p. 77)

Então podemos estabelecer que em via de regra a produção do espaço é baseada na análise Marxista a cerca das relações econômicas relacionando assim ao modo de produção, mas entende-se também que o espaço é mais modo de produção:

O espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais de posse e propriedade – ele representa uma multiplicidade de preocupações sócio materiais... Essa idéia é fundamental para adoção de práxis de Lefebvre, que apresenta vantagens com relação a outras atitudes marxistas frente a luta popular. (GOTTDIENER, 1993 p. 127)

O “espaço desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação” “é o *locus* da reprodução das relações sócias de produção” Correa (1995, p.25), concomitante a isso:

E espaço não é apenas parte das forças e meios de produção, constitui também um produto dessas mesmas relações. Essa propriedade torna o *desing* espacial diferente de qualquer outro fator social ou mercadoria, um conceito ignorado pela economia política (GOTTDIENER, 1993p. 129)

Entende-se o espaço na concepção de Lefebvre, como sendo um espaço produzido por relações sociais, pois “afirma de forma ousada que os fenômenos espaciais, na medida em que

¹² MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Trad. Edgar Malagodi. Coleção Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

são produzidos em parte por antagonismos de classe, não podem ser abordados através da análise tradicional da economia política” Gottdiener (1993, p.131).

Dessa forma, a passagem da cidade política para a comercial o movimento de inflexão entre o campo e a cidade o advento da cidade industrial e o aparecimento da fase crítica, produz uma forma analítica fundamental no sentido de estabelecer as categorias do espaço, um espaço de produção e reprodução das relações sócias.

3.1. O conceito de Espaço e a Sociedade.

Conceito de espaço na Geografia e a sua relação com a sociedade exige uma reflexão sobre seu contexto e a realidade que está inserido, segunda Correa (1996, p. 17 – 18 – 19) o espaço não era de início um conceito chave na ciência:

O espaço, em realidade, não se constitui em um conceito-chave na geografia tradicional. Contudo, esta presente na obra de Ratzel e de Hartshorne, ainda que como no caso do segundo, de modo implícito. De acordo com MORAES (1990), o espaço em Ratzel é visto como base indispensável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer naturais, quer aqueles socialmente produzidos. Como tal, o domínio do espaço transforma-se em elemento crucial na história do Homem...O espaço na visão hartshorniana é o espaço absoluto, isto é um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa... O espaço de Hartshorne aparece como um receptáculo que apenas contem as coisas. O termo espaço é empregado no sentido de área.

Na conjectura temporal essas teses serviam respectivamente para a afirmação do estado Alemão na teoria do espaço vital, e de apoio as decisões locais na definição de políticas de firmas ou instituições públicas.

A escola teórico quantitativa calcada no positivismo lógico tornou -se nos anos 1950, responsável pela fundamentação metodológica na produção geográfica e na tentativa de promover uma unidade epistemológica da ciência aproximou-a das ciências da natureza e da física. Nessa concepção o espaço aparece pela primeira vez como conceito fundamental, e segundo Correa (1996) considerado sob duas formas, a planície isotrópica e sua representação matricial.

Parte-se de uma visão homogênea de todos os pontos no espaço, a circulação é livre entre eles, sendo os lugares analisados por uma racionalidade econômica apresentando diferenças na variável distancia saindo do homogêneo para o heterogêneo.

Já a representação matricial, ocupa-se em extrair o conhecimento total sobre as localizações fluxos e pontos, necessárias pois eram meios de explicação do espaço.

O espaço para essa escola é entendido como um processo de localizações ora privilegiadas, ora não, dentro do circuito de atividades econômicas, nessa postura não se preocupa em verificar a acumulação de tempos diferenciados pois o espaço é plano e visto sempre como atual.

Em refutação a esse procedimento metodológico e também ao método descritivo da escola tradicional, surge na década de 1970 mudanças no caráter metodológico da análise geográfica, essa postura acadêmica segundo Correa (1996), esta fundada no materialismo histórico e na dialética, nessa escola o espaço aparece novamente como conceito chave, ocorrendo um amplo debate sobre a natureza e o significado do espaço, e assim começa a ganhar força a partir da crise do capitalismo nos anos 1960, e através do aceleração das contradições sociais e espaciais entre os países centrais e periféricos, dessa forma, busca-se então uma teoria que de sustentação para a análise dessas contradições.

A ênfase Marxista é encontrada em Lefebvre no o Livro *Espacio y Política*, onde o espaço passa a ser entendido com uma prática social não devendo ser visto como “vazio e puro”, não ponto de partida, nem de chegada

É assim como “o lócus da reprodução das relações sociais de produção” Spósito (2004, p. 88), a renovação crítica surge nos anos 1970 é baseada nesse ponto pois:

No âmbito dos debates o espaço reaparece como o conceito – chave. Debate-se, de um lado, se na obra de Marx o espaço está presente ou ausente, de outro, qual a natureza e o significado do espaço. A identificação das categorias de análise do espaço é outra preocupação dos geógrafos críticos (CORREA, 1995 p.24)

O debate na análise em Marx é necessário, pois interliga a produção do espaço (esta ligada ao modo de produção), como o lócus de reprodução das relações sociais e assim desenvolve-se a discussão de sentido crítico do modo de produção e suas contradições:

O desenvolvimento da análise do espaço no âmbito da teoria marxista deve-se, em grande parte “a intensificação das contradições sócias e espaciais tanto nos países centrais como periféricos” (SOJA E HADJIMICHALS, 1979, p. 10), devido a crise geral do capitalismo durante a década de 1960. Crise que transformou o espaço por ele produzido e, “receptáculo de múltiplas contradições espaciais (SOJA e HADJIMICHALS, 1979 p. 10). (CORREA, p. 25).

Dessa forma, o espaço deve ser visto com uma base geográfica, a visão economicista como sendo sustentáculo da sociedade também é uma forma de mascarar a realidade em relação à produção do espaço.

Na verdade essa pratica comum do mundo atual inicia-se na cotidianidade gerada pelo consumo que faz parte da realidade urbana e da vida cotidiana a partir dos anos 1960:

A sociedade burocrática de consumo dirigido, segura de suas capacidades, orgulhosa de suas vitórias, está se aproximando do seu objetivo. Sua finalidade, meio consciente, meio inconsciente até aqui, torna-se transparente: a cibernetização da sociedade pelo caminho do cotidiano. (LEFEBVRE, 1991, p. 72)

Nesse ponto podemos então perceber três características da sociedade moderna; a abundancia, lazer e consumo. A sociedade de abundancia, lazer e consumo, pode ser percebida nos Estados Unidos e nos países mais industrializados da Europa, pois, “efetivamente, a produção industrial e a “tecnicidade” permitem antever uma produtividade sem limites, com a automação das atividades produtoras” Lefebvre (1991, p. 6), para tal objetivo de produção automatiza-se a sociedade, contudo a abundancia produz outras pobreza principalmente a cultural. Outro aspecto importante esta ligado ao próprio espaço em si, a sociedade o troca por um produto material tornado – o também mercadoria, a abundancia e automatização vão conseguindo, sagrar “O movimento da sociedade capitalista” que “nesse sentido liga-o (espaço), ao impulso capitalista de inovar produtos diversos, criando novos serviços e novas indústrias. Braverman (1987, p. 236).

Como a abundancia e a automatização, a sociedade urbana possui uma maior tempo despendido em atividades que saem da esfera laboral, contudo como citado antes existe a necessidade do consumo, alia-se então o útil ao agradável, transforma-se assim em uma sociedade de Lazer que na vida moderna:

Assumem uma importância cada vez maior na sociedade francesa e na sociedade dita industrial. Quem o negará? Eles entram nas necessidades e modificam as necessidades pré-existentes. As fadigas da “vida moderna” tornam indispensáveis o divertimento, a distração a distensão. Os teóricos do lazer, seguidos por uma legião de jornalistas e de vulgarizadores, já disseram e repetiram: as férias, fenômeno recente em toda a escala social, modificaram essa sociedade, deslocaram as preocupações, tornando-se centro dessas preocupações. (LEFEBVRE, 1991 p. 61).

E assim a sociedade de lazer se estabeleceria então uma forma de viver que potencializada pela automatização atribuiria uma menor exigência de tempo gasto no trabalho (*tempo obrigatório*), gerando mais tempo livre (*dos lazeres*) e conseqüentemente menor o tempo imposto (*formalidades, transporte*) que fundamentam maior parte do tempo do individuo, o tempo imposto passa a representar a cotidianidade, assim busca-se maior tempo livre.

“O desejo permanente de férias tem se tornado muito freqüente na sociedade, mas não ao ponto de se tornar um “estilo” nisso Lefebvre (1991, p.61) torna claro, pois” talvez o estilo esteja sendo procurado no âmbito das “cidades de lazer”.

Existe uma relação de não – trabalho material, ou seja, um trabalho totalmente substituído pela automação esse ponto deve ser analisado de forma criteriosa, a automação total das empresas geraria uma despesa de capital enorme e o trabalho não seria suplantado, pois mesmo onde a máquina esta inserida, as funções (controle e vigilância) ainda seriam necessárias. O lazer deveria ser de todos, ou mesmo a dedicação ao ócio deveria ser compreendida justamente como a fuga da cotidianidade, nos parece que o lazer toma outra postura a do entretenimento, de uma festa de um evento, exemplos são muitos¹³:

O preenchimento do tempo ocioso também se torna dependente do mercado, que inventa continuamente divertimentos passivos, entretenimentos, e espetáculos que se ajustam às restritas circunstâncias da cidade e são oferecidos como sucedâneos da própria vida. Uma vez que se tornam meios de encher as horas “livres”, eles fluem em profusão das instituições empresariais que transformam todos os meios em entretenimento... (BRAVERMAN, 1987 p. 237)

Então “o lazer não é mais a festa ou a recompensa do labor, também, não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesmo. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo. Lefebvre “(1991, p. 6)

A abundância e o lazer como elementos de consumo, são de fato algo que começa sua difusão a partir dos anos 1950 e 1960, principalmente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental:

Mostra-se, com números convincentes, que nos países industriais avançados o consumo dos bens materiais e culturais aumentou, que ele vai se ampliando, que os bens ditos “de consumo durável” (carros, aparelhos de televisão etc.) desempenham um papel novo e cada vez mais considerável. (LEFEBVRE, 1991, p. 62).

É a sociedade de consumo, que vai instaurar novas regras dentro do cotidiano, na sua discussão atribui-se novamente uma contradição que é permanente na dialética de Lefebvre, no pensamento dessa sociedade as necessidades agora são atendidas pelas vontades do consumidor, de fato ocorre um maior conhecimento dos interesses “desejos e necessidades” Lefebvre (1991, p. 62), dele (consumidor), mas se percebe não é um estudo sobre as necessidades sociais ou mesmo culturais, nota-se a principio que se trata de necessidades individuais.

Atendendo então a esse projeto a publicidade passa por análise:

Alias, a ação sobre as necessidades dispõe de meios mais poderosos que o estudo de mercado e das motivações. Qual é o papel da publicidade? O publicitário é o demiurgo da sociedade moderna, mágico todo – poderoso que concebe vitoriosamente a estratégia do desejo. Ou não passa de um modesto e honesto intermediário que informa as necessidades e faz saber que este ou aquele objeto se prepara para a satisfação do consumidor? (LEFEBVRE, 1991 p.63)

¹³Atualmente são comuns os eventos dito “sustentáveis”, que priorizam a preservação ambiental, empiricamente nota-se que de sustentáveis apenas no discurso, pois o acesso é restrito a quem pode pagar, um exemplo é o Festival de Musica SWU, onde a entrada custa R\$ 600, 00, mais que um salário mínimo que é R\$ 510,00

A discussão em torno da publicidade é apenas o começo do entendimento de uma sociedade de consumo, a princípio a concepção de uma nova realidade vai além das pesquisas de mercado, sabe-se que a publicidade tem papel de protagonista na divulgação de bens, mas ao passo disso não podemos apenas caracterizar uma sociedade de consumo apenas por seu caráter externo, isso é, necessita-se de uma reflexão sobre mudanças estruturais, seja uma passagem dialética de um estágio para o outro:

A denominação proposta não é falsa, no entanto não é aceitável. Existe efetivamente uma passagem da escassez à abundância, da produção insuficiente a um consumo imenso e mesmo a um superconsumo (desperdício, gastos com suntuosidade e prestígio) nos ambientes do capitalismo modificado. (LEFEBVRE, 1991 p.63 – 64)

Continuamente existe uma passagem de uma cultura que estava designada a trabalhar com a escassez para uma nova preparada para a abundância produtiva e na potencialização do consumo, instaurando assim uma *ideologia do consumo*:

Essa ideologia destituiu a classe operária de suas idéias e “valores” conservando a superioridade para a burguesia, para a qual reservou a iniciativa. Ela apagou a imagem do “homem” ativo colocando em seu lugar a imagem do consumidor como razão de felicidade, como racionalidade suprema, como identidade do real com o ideal...Não é o consumidor nem tampouco o objeto consumido que tem importância nesse mercado de imagens é a representação do consumidor e do ato de consumo, transformado em arte de consumir. (LEFEBVRE 1991, p. 64)

A presença dessa ideologia do consumo se fortalece de tal forma, que consegue acrescentar “alienações novas às antigas” Lefebvre (1991, p. 64)

Fundamentalmente, a questão da sociedade de consumo passa ainda por uma considerável diferença de nível:

Já notamos o contraste entre esta força e a miséria técnica do cotidiano, entre o esplendor dos verdadeiros objetos técnicos e as pobres pequenas invenções em sua embalagem ideológica. Assim também, a “cultura” se decompõe após uma cisão interna. Muito alto pairam a intelectualidade sutil, os jogos bizantinos a respeito da linguagem e da escrita literária, a compreensão dos estilos e da história. Muito baixo se exibem a vulgarização, os trocadilhos de gosto duvidoso, os jogos por demais grosseiros, a cultura para as massas (LEFEBVRE, 1991, p.65).

Esse nível baixo então serve de base para a cotidianidade, torna-se mais precisamente a “sociedade burocrática de consumo dirigido” Lefebvre (1991, p. 68). Burocrática no sentido de sua racionalidade, de consumo por seu objeto, e dirigida, pois esta impregnada de cotidianidade que “dita” seu comportamento.

O espaço torna-se conceito chave na Geografia pois entende as mudanças na sociedade e assim partindo de uma sociedade da abundância, para a do lazer e conseqüentemente a de

consumo, (em nenhum caso uma anula a outra, elas convivem juntas, sendo a de consumo a mais recente, e necessário entendimento no das outras sociedades).

Portanto nos interessa nesse aspecto é verificar que essas mudanças na produção capitalista e, por conseguinte na sociedade estão intimamente ligadas a o espaço que é resultante dessa então sociedade burocrática de consumo dirigido.

3.2. Produção do Espaço Urbano

A produção do espaço urbano esta ligada principalmente ao fato de que a sociedade e o modo de produção estão presentes na produção do mesmo, que pode ser caracterizado primeiramente pelo modo de produção e sua evolução:

O modo de produção é pois caracterizado pela “classe dominante” num dado momento da história, dentro de determinadas relações de produção, sobre uma determinada base, a um determinado nível das forças produtivas. Marx e os marxistas falaram pois do modo de produção escravagista, feudal ou capitalista). O termo “modo de produção” designa o conjunto ou a “totalidade desses dois elementos: as forças produtivas e as relações de produção... Assim, a formação “econômico – social” é um processo histórico o do desenvolvimento da sociedade e do homem da civilização tomada na sua totalidade. As forças produtivas são o elemento activo, o móbil desse desenvolvimento e, essencialmente, o que motiva mudanças nas relações de produção e no modo de produção, na “estrutura social” (LEFEBVRE, 1966, p. 239)

A estrutura social (sociedade burocrática de consumo dirigido) que se impõem na industrialização e na transformação da cidade comercial em cidade industrial, e no momento de implosão – explosão da cidade, faz com que o espaço possa ser entendido na perspectiva dialética, esse o espaço, e essa sociedade urbana, tem a capacidade de produzir os elementos para seu entendimento e suas categorias servem para análise histórica da sociedade e da cidade.

Dentro dessa “sociedade urbana” então estabelecemos a produção do espaço entendida como uma produção social:

O conceito de espaço social de desenvolve, se amplificando. Ele se introduz no seio do conceito de produção o mesmo o invade; ele se torna o conteúdo, talvez essencial. Ele engendra então a um movimento dialético muito específico que não abole certamente a relação “produção- consumo” aplicada às coisas (os bens, as mercadorias, os objetos de troca), mas a modifica, amplificando-as. Uma unidade entrevê entre os níveis freqüentemente separados da análise; as forças produtivas e seus componentes (natureza, trabalho, técnica, conhecimento), as estruturas (relações de propriedade), as superestruturas (as instituições a o próprio estado) (MARTINS, 2004, p. 36 apud LEFEBVRE, 1974 p. 103)

Continuando no mesmo sentido:

Os espaços sociais são complexos, pois se mesclam e/ou se superpõem. Há as fronteiras visíveis, como os muros que expõem uma separação física, que representam um limite da propriedade privada, porém não separam o espaço social. Este é produzido ao longo do tempo: são distintos, mas não dissociáveis. (MARTINS, 2004 p. 37)

Assim podemos verificar que o espaço é uma formação histórica que se sobrepõem e se mescla, ocorrendo assim a possibilidade do estabelecimento de categorias analíticas, como forma, função e estrutura, para seu entendimento:

A forma corresponde aproximativamente ao momento comunicável, portanto ao percebido. A função se cumpre se efetua ou não: ela corresponde ao vivido em um espaço de representação. A estrutura se concebe: ela implica uma representação do espaço. (MARTINS, 2004 p. 38 apud LEFEBVRE, 1974, p. 425)

Para Forma podemos verificar que:

A forma do espaço social corresponde ao reencontro e a simultaneidade de tudo o que está no espaço, incluindo o que se produz nesse espaço a partir da natureza, da sociedade através de cooperação e conflitos. A terminologia forma pode apresentar uma pluralidade de acepções: estética, plástica e abstrata. Geralmente sua utilização implica a descrição de contornos, de volumes, de simetrias. (MARTINS, 2004.p. 39).

A forma então é atribuída à morfologia dos objetos, das coisas ao que se vê ao que se percebe, mas também é o código de leis e regras as quais as coisas são regulamentadas, no comércio podemos caracterizar a forma como a morfologia das lojas como elas se apresentam aos olhos, como as percebemos se são mais elegantes ou se nos causam repulsa.

A função é definida como:

A função de um espaço geográfico está ligada às consequências da existência e ação de pessoas e objetos, que mudam conforme as oscilações engendradas ao espaço. A função pode estar ligada a programas estatais ou privados, coletivos ou particulares que acabam se impondo ou se permeando às funções existentes. (MARTINS, 2004 .p.39).

A função então pode ser atribuída à ação em relação a uma forma, nos parece ser uma visão em movimento ou o uso de uma forma, em relação ao comércio pode atribuir à função mercantil, ou seja, a forma loja tem sua função venda considerada um espaço vivido, nosso caso de estudo, a função de comércio a varejo é responsável pela produção da centralidade.

Estrutura pode ser definida assim:

Já a estrutura se refere à disposição de elementos que no conjunto tomam uma forma, e que são vitais para a funcionalidade de um espaço. Ela corresponde à natureza social e econômica existente num determinado momento para a sociedade. Lefebvre (1974, p.461). “A própria estrutura combina unidades elementares no seio de um conjunto: ela exige de um lado o todo e de outro as unidades. (MARTINS, p. 39)

A estrutura sustenta o espaço no sentido de ser representar a natureza social e econômica, sustenta fisicamente assim a forma e a função, no caso estudado a estrutura comercial esta edificada no centro da cidade, respondendo pela garantia de uma forma comercial, com função de venda a varejo, essa estrutura representa o lugar onde é realizada as maiores quantidades de relações sociais urbanas, por isso é considerada centro, no comércio a estrutura varejista é concebida como única, em relação a sua forma (lojas) e sua função (mercantil) na economia capitalista, com isso podemos concluir que:

Conhecer o alcance deles, suas áreas de validez, seus limites e suas relações recíprocas – saber que eles formam um todo, mas que os elementos desse todo têm uma certa independência e uma autonomia relativa – não privilegiar nenhum deles, fato que dá origem a uma ideologia, isto é, um sistema dogmático e fechado de significações. Compreender que uma função pode ser realizada através de estruturas diferentes, que não existe ligação unívoca entre os termos. Que função e estrutura se revestem de formas que as revelam e que as ocultam – que a triplicidade desses aspectos constitui um “todo” que é mais que esses aspectos, elementos e partes (MARTINS, 2004 p. 40 apud LEFEBVRE, 1974 p. 109).

Então a junção dessas três categorias, faz com que ocorra uma triplicidade de análise; a prática espacial, a representação do espaço e os espaços de representação.

Podemos atribuir as práticas espaciais, a nossa vida cotidiana, encobrendo faces ou revelando o espaço, prática espacial de uma sociedade moderna, se constitui principalmente pelo ato do consumo. As representações do espaço então colaboram no sentido de fazer uma representação do que é produzido, os artigos de marca são representação do espaço, já o espaço de representação esta a disposição de verificar no mesmo (espaço) sua face mais pura, ocorre dentro desse espaço um representação do que realmente ele é.

Nesse ponto, percebemos que as representações do espaço e os espaços de representação estão alicerçados aos espaços abstratos e absolutos respectivamente, ao passo que o espaço absoluto pode ser entendido como um espaço vivido e não concebido, típico das cidades políticas gregas, e que o espaço abstrato ocorre com o fim da cidade comercial, já tomando a realidade urbana.

Em relação à ordem próxima e ordem distante, podemos primeiramente ver que:

Primeiro, há que se esclarecer que o próximo e o distante na obra de Lefebvre não seriam dimensões numéricas, quantitativas. Que em termos do tempo significariam duração e do espaço distâncias materiais, escalas cartográficas, correlações físicas restritas ao assim chamado mundo material. Ao contrário, de um ponto de vista filosófico, que busca uma abordagem unitária da realidade o próximo e o distante na obra de Lefebvre referem-se não a quantidades, mas a qualidades. Qualidades que expressam diferenças em termos de escalas, esferas e formas de representação e (re)produção do espaço social. Que representam uma retomada da contradição latente entre o valor de uso e o valor de troca

entre a apropriação social, o vivido e a dominação, o concebido. Entre o hegemônico e o não-hegemônico. Contra a subsunção do espaço absoluto pelo espaço abstrato do capitalismo (LIMOAD, 2003, p. 22)

Trata-se então não só de quantidade, mas de qualidade, o próximo e o distante não são apenas localizações quilométricas, mas sim espaço de vida, onde o próximo que parece ser próximo não é, e que o distante às vezes é mais próximo do que o próprio próximo.

A ordem próxima e distante esta ligada ao mundo cotidiano ao qual vivemos, uma diferença entre concreto e abstrato, o vivido e concedido a parte e ao todo, interna e externa, o comércio local e o comércio das grandes redes.

Entende-se que, as categorias de análise, forma, função e estrutura, apresentam-se de forma unitária, e o espaço como social, e que é composto por uma prática espacial com uma representação do espaço, e um espaço de representação, e podemos entender um espaço absoluto e um espaço abstrato, transformando a cidade antes obra (arte), em agora produto, por sua ordem próxima ou distante.

Nesse aspecto, o espaço é entendido como urbano em um sentido lato, onde as relações da cidade moldam a sociedade, que se encontra em um grau de desenvolvimento técnico de abundância e de consumo jamais visto, onde a cotidianidade as representações do espaço, a ordem distante mascaram a realidade concebendo um espaço abstrato, essa postura tende a ser revelada pelo pensamento geográfico no sentido não só de denuncia, mas e principalmente no sentido analítico de um entendimento que possa aproveitar as características do espaço de vivência, de ócio e de lazer verdadeiro, na produção de um espaço mais denso e menos artificializado e excludente.

3.3. O espaço Intra – Urbano e Regional.

Avaliar as diferenças entre o espaço intra - urbano e regional, torna-se importante no sentido de entendermos a dinâmica do comércio local e a sua abrangência regional, nessa etapa trabalhamos com a fundamentação teórica defendida por Villaça (1998), que faz uma discussão sobre a questão semântica do uso de tais terminologias, bem como explicita as especificidades do espaço intra – urbano e do espaço regional.

Segundo Villaça (1998) existe um problema em relação à questão semântica dos espaços intra – urbano e regional:

A expressão *espaço urbano*, bem como “estrutura urbana”, “estruturação urbana”, “reestruturação urbana” e outra congêneres, só pode se referir ao intra – urbano. Tal expressão deveria ser, pois, desnecessária, em face de sua redundância. Porém, espaço urbano - e todas aquelas afins – esta hoje de tal forma comprometida com o componente urbano do espaço regional que houve necessidade de criar outra expressão para designar o espaço urbano; daí o surgimento e uso de espaço intra – urbano.(VILLAÇA,1998 p. 18)

Dessa forma, o que se tem referido como espaço urbano trata-se na verdade do processo de urbanização em geral que compreende espaço regional, nacional e mundial, nessa problemática se impõem então o uso da expressão intra (urbano) para se referir ao espaço interno das cidades, pois, quanto ao espaço regional, esse é muitas vezes é analisado sobre o nome de urbano, o motivo talvez seja a tomada da cidade como elemento monopolizador da estruturação da região, no caso proposto pelo projeto isso é bem evidente, pretende-se estudar o espaço intra urbano (centro) e sua consequência como centralizador das atividades urbanas e não polo regional de comércio (espaço regional).

As diferenças entre espaço intra – urbano e regional, derivam do transporte e comunicações, Villaça considera que a estruturação de um espaço regional “é dominada pelo deslocamento das informações, da energia, do capital constante e das mercadorias em geral, eventualmente até da mercadoria trabalho” (Villaça, 1998 p. 20), já para o espaço intra- urbano impõem-se, principalmente,” pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho, deslocando casa – compra, casa lazer, escola” (Villaça,1998 p. 20).

O papel do comércio e dos serviços na estruturação do espaço intra – urbanos é relevante “Exatamente daí vem, por exemplo, o enorme poder estruturador intra – urbano das áreas comerciais e de serviços, a começar pelo próprio centro urbano” (Villaça, p. 1998).

Portanto eleva-se a importância da distinção entre espaço intra – urbano e regional, no caso do primeiro pretende-se estudar as estruturas que o comércio edifica nos centros, e na formação de novas centralidades, no deslocamento das classes sócias e na decadência do centro tradicional explicitada na expansão do centro.

No caráter regional, imbrica-se uma questão mais ampla, que se refere ao uso dos transportes de mercadorias, da comunicação.

O comércio então dividi-se em dois tipos de atuação, no espaço intra – urbano ele entra como modelador de uma centralidade urbana, ou seja, representa valores internos da cidade, no âmbito regional funciona como pólo, as idas e vindas do público consumidor são mais raras, existe uma importância maior no produto e na quantidade, ao passo que para o consumidor local o comércio no centro é mais usável como localização do que como para compras.

3.4. Aspectos do comércio no Século XX no Brasil.

Nessa parte do trabalho, trabalhamos com o referencial teórico baseado em Vargas (2001), principalmente no histórico sobre as mudanças que o comércio tem no séc.XX, segundo Vargas (2001, p. 238):

O século XX será marcado por dois processo fortemente relacionados entre si e que rebatem, diretamente, sobre o desenvolvimento varejista: o crescimento demográfico e a industrialização. Esses dois fenômenos, juntos, responderam pelo forte processo de urbanização e congestionamento das grandes cidades e pela deterioração ambiental e da qualidade de vida. Num segundo momento e como resposta e essa situação, a descentralização urbana materializa-se por meio da suburbanização e dos transportes favoreceram e incentivaram esse processo.

Nesse ponto “a industrialização fornece o ponto de partida da reflexão sobre nossa época” Lefebvre (2001, p. 03). Essas mudanças são potencializadas por dois motivos, o primeiro relacionado às técnicas de vendas como, o *self service* e a criação do super e do hipermercado, já em um segundo ponto, os shoppings Center.

Devido à crise de 1929, tornava-se preciso vender produtos de baixo custo ou mesmo de preço único, “nada de luxo inútil e nada de serviços ao consumidor” Vargas (2001, p. 240), “Segundo Renoy, a velha Europa olha, mais uma vez, para a América. Lá havia nascido o supermercado. E até a sua tradução para o francês não apresentava nenhuma dificuldade: *supermarché*. Vargas (2001, p. 241).

O primeiro grande super mercado da Europa surge em 1957, sua evolução continua ate chegar ao hiper mercado, mas ele (supermercado) já havia surgido nos EUA nos anos 1930, como resposta a crise de 1929.

O supermercado caracteriza-se por trabalhar com faturamento baseado na venda de mercadorias de baixo valor, exposição de produtos, grande quantidade de consumidores e o sistema de atendimento *self service*.

Já a passagem do super mercado para o hiper, ocorrera primeiramente na Europa, sua instalação obedece a uma série de procedimentos:

Uma evolução europeia para o supermercado será o hipermercado, que constitui-se numa grande loja periférica que se dedicou, inicialmente, à venda de mercadorias de conveniência. Sua lógica locacional, inicialmente incluiu: proximidade a entroncamentos viários importantes, afastamento em relação à área urbana mais densa (periférica) e grandes áreas de estacionamento. Seu principal elemento de venda era o preço, mais do que os serviços ou variedade de mercadorias. Seu nome veio do francês *hypermarché*, trazendo sua origem como um grande supermercado, utilizando-se de técnicas de self – service e acentuado a ligação entre produtor e consumidor com grande espaço para estocagem na própria edificação. O tamanho variava entre 10 mil a 50 mil metros quadrados com uma variedade de itens entre 25 a 35 mil. (VARGAS, 2001 p. 242).

O exemplo clássico de hiper mercado é o Carrefour, “vendendo alimentos como um supermercado, roupas como cadeia de lojas e mercadorias para casa uma loja de departamentos” Vargas (2001, p. 243).

Em relação ao shopping Center, (centro de compras planejados), podemos afirmar que ele começa a ser planejado em 1898, por Ebenezer Howard, como uma resposta aos problemas de congestionamentos urbanos, as primeiras cidades e conhecer esse centros são Radburn, em New Jersey (1928), e Greenbelt, em Maryland (1935) que derivam do conceito de cidade – jardim, ou seja cidades novas construídas conforme um processo de descentralização. Essa tendência estendeu-se a Europa. Nos EUA, a construção de centro de compras planejado obedeceu também à ótica a suburbanização.

Esse processo (suburbanização) ocorreu de forma rápida nos anos 1950, onde as áreas suburbanas cresceram 29 vezes mais que as áreas centrais, assim as vias de tráfego transformam-se atrativas para a instalação desses centros com estacionamento próprio conhecidos como centros comerciais periféricos (*shopping Center out of town*). Existem também os downtown, criados a partir dos anos 1960, como alternativa na reestruturação dos centros, alterando de forma acentuada a estrutura urbana principalmente na Europa.

Em relação ao planejamento, esses empreendimentos trabalhavam com a perspectiva de relação a áreas que hierarquizavam, incorporando os modelos de Christaller:

Centros locais (mercadorias de conveniência, máximo de 10 mil pessoas, caminhadas a pé); distritais (40 mil pessoas, maior variedade de mercadorias); ou regionais (mais de 100 mil pessoas, todo o tipo de mercadoria com competição por preço, com uma loja de departamento vendendo materiais duráveis. Cada centro maior na hierarquia assumia, também, as funções do menor. (VARGAS, 2001 p. 249).

Em termos de localização, verificamos a ocorrência de um terceiro tipo de shopping, O *inner – town* (fora do centro, mas dentro da mancha urbana) utilizado no Brasil por motivos simples, o modelo fora da mancha urbana exigia uma taxa de dez pessoas por carro, níveis alcançáveis na Europa e EUA, (e nesses países o preço do solo central era diversas vezes mais

caro que o periférico), e ainda combina-se um aumento considerável no já alto padrão de renda principalmente no EUA, assim o modelo brasileiro de shopping é uma variação do modelo americano e europeu.

No que tange as lojas de departamento que surgem no Brasil no século XX, deriva-se também de modelos Europeus e Estadunidenses, sendo a primeira loja de departamentos a instalar-se no Brasil a Mappin Stores (1913), com o crescimento econômico e populacional de São Paulo nos anos 1940 instalam-se na capital paulistana as lojas Clipper com forte impulso no crediário, a loja Isnard e Sears e mais tardiamente surgem Lojas Americanas, Lojas Brasileiras e a Mesbla. Já as galerias reuniam na década de 1950 a cultura e o estilo da elite paulistana, em 1957 criam-se leis próprias em São Paulo para a construção das Galerias. Mas as mudanças mais profundas no comércio foram os shoppings Centers, o primeiro foi o Iguatemi em 1966 em São Paulo, contudo seu desenvolvimento ocorre de forma mais forte nos anos 1980.

Então podemos concluir que o comércio mudou radicalmente nos anos 1950 no âmbito mundial e mais precisamente nos anos 1970 e 1980 no Brasil, com a multiplicação de shopping centres e lojas departamentos,

3.5. A Formação e expansão do Centro

Nesse aspecto, apresenta-se a formação do centro da cidade, trabalhamos com os argumentos de Villaça (1998) e Spósito (1991) para conceituarmos o centro e sua expansão, no primeiro destaca-se como um local de dominação histórica das classes de maior renda, e o segundo busca-se analisar a formas de expansão da centralidade que vem ocorrendo nas cidades médias e grandes brasileiras a partir dos anos 1950.

3.5.1. A Formação do Centro

O centro é local de moradia das classes de maior renda também é concentrador da atividade varejista, nos parece que, estabelecendo esses parâmetros podemos entender porque o mesmo responde por uma centralidade que lhe é dada.

Conceitualmente temos de entender que o centro como único pois:

Toda aglomeração socioespacial humana – da taba indígena á metrópole contemporânea, passando pelas cidades medievais e as pré-colombianas – desenvolve, um e apenas um centro principal. (VILLAÇA 1998, p. 237)

Dessa forma se estabelece o entendimento que existe apenas um centro principal, ou seja, as cidades estão divididas entre o centro e não centro essa questão é importante para não nos confundimos na próxima etapa em que trabalharemos a questão da expansão da centralidade¹⁴, pois não se trata da formação de um novo centro e sim de uma expansão da centralidade, ou de uma nova expressão da mesma¹⁵.

Primeiro podemos dizer que, o centro é o ponto de convergência de uma grande parcela da população que diariamente circula por seu espaço, ou mesmo que o centro existe pelo grande numero de comércio e serviços ali presentes, ou ainda, ser um centro administrativo, mas essas especulações isoladas são enganosas, o centro é resultado de uma construção histórica, nesse ponto:

Concluído: os centros não são centros porque neles se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos. Vimos que o oposto também não é verdadeiro. Não é verdade que os palácios, catedrais ou bancos se localizam nos centros porque eles são centros. E por que eles são centros? Fica claro o circulo vicioso. Qual a origem ou fonte da centralidade? Esta na possibilidade de minimizarem o tempo gasto e os desgastes e os custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos. (VILLAÇA 1998, p. 242)

A garantia de uma função central apresenta categorias que a definem como área central, dessa forma possui uma dinâmica que o torna centro:

No interior da cidade, o centro não está necessariamente no centro Geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, 'o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades ai localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo. (SPÓSITO 1991, p. 6)

Logo entende-se que que muitas atividades comerciais ocorrem nele (centro), claro que não é fruto somente da instalação do comércio ou mesmo de instituições publicas, sociais (clubes), culturais (escolas), ou mesmo religiosas(igrejas) vistas de forma isoladas. Essas atividades contemplam o centro e lhe dão a centralidade.

Partimos do entendimento que centro é resultado de uma construção histórica, local no qual as pessoas circularem e realizam atividades urbanas, como trabalhamos no propósito de ter

¹⁴ Aqui se trata de valores de centralidade não vinculados somente ao comércio, essa expansão da centralidade, é sem dúvida um movimento duplo, primeiro residencial e com o comércio varejista.

¹⁵ Nesse ponto pode-se definir essa expressão da centralidade como sendo puramente um movimento do comércio.

uma análise crítica do espaço e suas contradições, a abordagem da luta de classe é evidente, e permeia também o entendimento da formação da centralidade:

Admitimos agora uma comunidade maior e contemporânea, com centenas ou milhares de famílias organizadas em classes sociais, com distinções de renda e de poder político e fazendo uso de diferentes meios de transporte. Em uma sociedade de classes, essas famílias disputam as localizações e desenvolvem mecanismos sociais para regular essa disputa ao mesmo tempo em lutam pelo domínio dos meios e condições de transporte e procuram produzir espaços urbanos moldados por esses meios e condições. Acabam por produzir espaços urbanos diferenciados. (VILLAÇA 1998, p. 242-243)

Assim a produção de espaços urbanos diferenciados faz com que certas classes tenham uma posição mais privilegiada enquanto a localização dentro das cidades, e buscam o centro para poder dominar o espaço urbano, nesse ponto:

Dominar o centro e o acesso a ele representa não só uma vantagem material concreta, mas também o domínio de toda uma simbologia. Os Centros urbanos principais são, portanto (ainda são, em que pesam suas recentes decadências), pontos altamente estratégicos para o exercício da dominação. (VILLAÇA 1998, p. 244)

Assim, o centro é um local de dominação onde as classes sócias buscam então as melhores localizações de moradia, nesse parâmetro podemos vislumbrar que sua ligação com o comércio é evidente nesse ponto verificamos que::

O que distingue o centro das cidades das zonas periféricas é a sua multifuncionalidade e a sua mistura orgânica de funções (Champion e Daves 1983, Robertson 1995, Moss, 1997), podendo encontrar-se mercados públicos, centros de negócios, escolas e universidades, instituições de saúde e salões de beleza, locais para reuniões, galerias de arte, cultura e lazer; locais para visitar, transportes e áreas residenciais. No entanto, o seu principal papel é a venda a retalho. Um centro de cidade é mais que um centro comercial. No entanto, se perder a sua atratividade como centro de comércio, dificilmente pode sobreviver como um centro em sentido lato. (Balsas 1999, p. 53).

O que percebemos então é que o centro existe por uma multifuncionalidade de objetos e obras, que o compõe e lhe garantem seu valor como centralidade e nos parece então evidente nesse processo que analisar sua estruturação intra – urbana por um método que decomponha suas temporalidades diferentes aponta para entendimento dessas diferentes esferas.

3.5.2. O Centro sua expansão

Com o crescimento demográfico das principais cidades brasileiras no séc. XX, seus centros passaram a ficar inchados e pouco atraentes para classes de maior renda, ocorrendo assim uma dinâmica residencial caracterizada pela saída do centro em busca de áreas menos lotadas.

Com a expansão da centralidade, pode se gerar em locais não centrais os símbolos de centro, expandindo-se e seguindo as classes de alta renda e levando consigo os valores centrais ligados a atividade comercial:

Torna-se cada vez mais acentuada a divisão de nossas metrópoles em duas cidades divorciadas uma da outra – a dos mais ricos e a dos mais pobres e excluídos. Essas cidades estão produzindo, inclusive, dois centros distintos: o que chamam de “centro velho”, que é o centro tradicional, outrora dos mais ricos, mas hoje tomado pelas camadas populares; e o “centro novo”, dos mais ricos. (VILLAÇA 1998, p. 311)

Nesse sentido, temos então a divisão do centro, entre os mais “ricos” e entre os mais “pobres” Villaça (1998, p. 277), nos auxilia a chegarmos a algumas conclusões, sobre a formação da expansão da centralidade nas principais cidades do Brasil:

A década de 1960 marcou, em todas as nossas metrópoles e mesmo em cidades médias, o início do desenvolvimento de grandes “sub-regiões urbanas”, de comércio e serviços voltados para as camadas de alta renda; para essas “sub-regiões”, transferiram-se lojas, consultórios, cinemas, restaurantes, bancos, profissionais liberais, estabelecimentos de diversão, etc. que atendem aquelas camadas e que se localizavam no centro principal. Tais sub-regiões passaram a ser conhecidas como “centro novo”.

Sendo assim nos anos 1960 e 1970 com o loteamento de novos terrenos de dimensões maiores, para atender a classe de mais alta renda ocorre à saída do “centro velho”, abrindo caminho para nova centralidade logo a nova forma de moradia das classes de mais alta renda em seus novos bairros residenciais, tem levado consigo uma nova tipologia comercial, empresas que visam atender esses consumidores de renda elevada, é esse abandono residencial do centro “velho”, e a formação de novos bairros de moradia que explicam o surgimento das novas centralidades.

Essas mudanças ocorrem, no sentido da expansão do centro, pois ele é único, nesse ponto Spósito(1991, p. 7) nos orienta:

O crescimento urbano implica necessariamente uma reestruturação do uso das áreas já ocupadas. Assim, por exemplo, o centro principal tem que se expandir, à medida que aumentar a população que ele serve.(...) O anel residencial que circunda o centro principal se desvaloriza e passa ser ocupado por serviços inferiores: locais de diversão noturna e de prostituição, hotéis de segunda classe, pensões e – em estágio mais avançado de decadência – por cortiços, marginais

O estado teve papel preponderante nesse novo arranjo, construindo suas novas sedes em áreas nobres, ou mesmo em seus planos diretores permitindo o uso de lotes de terrenos maiores fora do centro visando à ocupação por parte de população de mais alta renda.

Mas não podemos esquecer que existem outros dois fatores que modificam as estruturas dos centros, o primeiro deles é a dinâmica imobiliária que necessita “inventar” novas áreas, e o uso do automóvel¹⁶.

Primeira gera áreas de interesse, ou seja, a composição de bairros de classe média e alta atraiu essas classes que buscavam além de status um investimento. Já o uso do automóvel traz mais velocidade à locomoção territorial, nesse aspecto:

Houve uma força com atuação simultânea, generalizada e profunda, composta pelo novo padrão de mobilidade espacial decorrente da difusão no uso do automóvel, com as novas frentes de acessibilidade que ele criou e com o novo espaço urbano que foi para ele produzido pelas e para as camadas de mais alta renda. Essa nova mobilidade territorial, juntamente com ao empenho do capital imobiliário em tornar obsoletos os centros existentes e promover novos centros e novas frentes imobiliárias, fez com que um novo padrão de deslocamento se estabelecesse em nossas metrópoles. (VILLAÇA, 1998, p. 281)

Com o crescimento desses bairros, as empresas de comércio a varejo buscam o público de mais alta renda, nessa etapa ocorre o deslocamento comercial do centro principal por parte de empresas que trabalham com produtos de maior valor ou mesmo a abertura de filiais. Essa mudança chama-se expansão da centralidade e ela obedece à regra de formação de novas expressões de centralidade, que é a de atender as classes de mais alta renda

Perceptíveis no espaço das cidades, essas mudanças na estrutura central podem ser caracterizadas no Brasil também pelo aumento populacional:

Mesmo sem ter realizado um levantamento pormenorizado (o que lembra a possibilidade/necessidade de múltiplas pesquisas em muitas cidades), podemos dizer que, até meados da década de 70, as cidades até um determinado porte tinham praticamente um centro único e monopolizador, com forte concentração de atividades comerciais e de serviços. (Spósito, 1991 p. 9)

Atribui-se também o grande êxodo rural que representaram um expressivo aumento da população urbana a partir da década de 1950, assim as populações mais ricas que habitavam o centro começaram priorizar novos espaços de moradia, o centro teve de se adaptar a essa nova realidade expandindo-se:

O crescimento populacional destas cidades levava estas áreas centrais a um processo de *expansão*, através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, através do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em comercial e de serviços, via demolição de construções residenciais e construções de novas edificações adequadas ao comércio e/ou serviços. (Spósito 1991, p. 9)

¹⁶ Cabe lembrar aqui o crescimento da indústria automobilística ocorrido nos fins dos anos 1950 exemplos podem ser acessados em <http://www2.uol.com.br/bestcars/cpassado3/fusca-11.htm> e <http://www2.uol.com.br/bestcars/cpassado3/belair-1.htm> em Pelotas, ocorre a instalação da ampla Concessionária Panambra em 1959, como informa SCHRODER, Victor Faria et al (2007). Em http://www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_01616.pdf acesso em 13 de outubro de 2010.

Como resultado dessa transformação, as residências que eram ocupadas por classes mais ricas foram sendo substituídas por comércio ao passar do tempo o comércio de itens de maior valor agregado passaram a posicionar-se próximos aos bairros residências, provocando então o abandono comercial do centro de lojas de grife.

Devemos entender que essas transformações não são lineares, ou seja, não ocorrem em todas as cidades grandes e médias ao mesmo tempo, dependem do tamanho e do desenvolvimento econômico de cada cidade.

Genericamente as expressões de centralidade são conceituadas de três formas, seguindo a orientação de Spósito (1991, p. 09 – 10) tratam-se dos “Sub-centros, Desdobramentos, e Shopping Centers /Hipermercados:

Nas cidades maiores, sobretudo aquelas de escala metropolitana, este processo de *expansão* do centro foi acompanhado da emergência de *subcentros*, face ao seu crescimento territorial e à conseqüente impossibilidade de permanência de um único centro cumprindo o papel comercial e de serviços, por causa do aumento das distancias ao centro principal e da ineficiência do sistema viário e de transporte coletivo, dificultando o acesso a ele. (SPÓSITO 1991, p. 09 -10)

Continuando Spósito (1991, p.10) nos auxilia:

Tais subcentros podem ser caracterizados como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas. Tais atividades voltadas para um público mais restrito, funcional ou economicamente (como por exemplo, livrarias especializadas, galerias de arte, oficinas de confecção de calçados sob medida, etc.) estavam localizadas predominantemente no centro principal; a partir da década de 80, estas atividades têm procurado novas localizações, ou em função do aumento do preço da terra no centro e/ ou porque o público ao qual se destinam já não circula com tanta frequência nesta área. (SPÓSITO 1991, p. 10)

O *sub – centro* funciona em uma escala menor, pois atende uma classe específica, portanto o subcentro é a reprodução do centro principal mas em menor escala e variedade, pois apresenta demanda específica para uma classe social.

Se os subcentros vêm a atender as demandas das cidades de grande população, as cidades médias que em teoria venha a ser Pelotas, tem outro parâmetro de expressão de centralidade conhecido como *desdobramento*:

Assim, pontuamos a partir da década de 70 nas áreas metropolitanas, e dos anos 80 nas cidades médias, a generalização de uma tendência a localização de atividades terciárias tipicamente centrais, ao longo de vias de maior circulação de veículos, traduzindo-se na configuração de eixos comerciais e de serviços importantes. (SPÓSITO 1991, p. 10)

Existe um cuidado para a diferenciação entre *Subcentros* e *desdobramentos*, enquanto o primeiro se caracteriza-se em um centro em escala menor, o segundo trata de fazer uma especialização do comércio em uma via movimentada:

Daí, a caracterização do processo como desdobramento da centralidade (ao invés de reprodução da localização das atividades centrais em menor escala, como o que se observa nos subcentros) como se multiplicasse, desdobrando-se especializadamente em outros eixos da estrutura urbana. São inúmeros exemplos: -A avenida Paulista como eixo financeiro, Marginal Pinheiros como eixo empresarial [...]

- Em muitos destes casos, em outros, esta especialização se traduz na procura dos segmentos de maior poder aquisitivo do mercado, que progressivamente, “abandonam” o comércio e os serviços do centro tradicional. (SPÓSITO 1991, p. 11)

Os desdobramentos ocorrem nas vias movimentadas como um desdobrar de uma atividade comercial específica em um local que muitas vezes é distante dos centros.

A terceira forma e expansão do centro é o shopping centres/hipermercados, assim como os *subcentros*, e o *desdobramento* firmam-se no Brasil a partir dos anos 1980, sendo o primeiro shopping o Iguatemi instala-se em São Paulo em 1966, a colocação do Shopping Center via de regra ocorre em locais de mais alta renda.

Quanto a formação do shopping:

Aparentemente, os *shoppings* poderiam se identificados como “herdeiros” dos hipermercados, até porque é freqüente a associação locacional das duas modalidades comerciais. Contudo, quando observamos quais as atividades que se desenvolvem num *shopping*, constatamos que, apesar dos hipermercados (os quais são considerados lojas ancoras, já que desempenham o papel de atrair o consumidor, que mais frequentemente tem que sair às compras para o abastecimento alimentar), ele se constitui numa reprodução, em nova localização, de atividades que tradicionalmente ocupavam o centro principal e/ou outros eixos comerciais no interior da cidade. Tais atividades são, principalmente, comerciais e de serviços (estes ligados ao lazer como cinemas, restaurantes, lanchonetes, e eventualmente serviços bancários) (SPÓSITO 1991, p. 12)

Contudo, Spósito faz uma diferenciação entre o hipermercado e o shopping, dessa forma ela consegue estabelecer uma forma de centralidade apenas centrada na figura do shopping, sendo um tipo diferente de expansão da centralidade (sub centro e desdobramento), baseado principalmente na acessibilidade:

Assim, apesar da localização associada hipermercado-shopping, é possível distingui-los e identificar o ultimo como nova expressão da centralidade, como produção de nova centralidade, na medida em que através da concentração de um conjunto de estabelecimentos voltados ao comércio e aos serviços, em uma nova localização, recria-se a centralidade, ou seja, reúnem-se em outro *locus* as mesmas qualidades de concentração que se encontram no centro, associadas a um novo modelo de acessibilidade, já que os shoppings são alocados próximos as vias expressas e conjugam grandes áreas de estacionamento. (SPÓSITO 1991, p. 12)

O fato de localizar-se em outro lócus (propriedade particular) e juntamente por ter o comércio coordenado por uma imposição do agente imobiliário que controla o shopping considera-se ele um novo estilo de expressão da centralidade:

Ao contrário dos eixos de desdobramento da área central, cada vez mais caracterizados por um nível maior ou menor de especialidade funcional, os shoppings podem ser identificados por uma multiplicidade funcional (talvez, não tão ampla quanto a do centro tradicional), mas por uma especialização socioeconômica, na medida em que se voltam para clientela de maior poder aquisitivo, oferecendo facilidades de acesso para o transporte individual, abrigo, segurança, beleza arquitetônica, etiquetas, enfim de “distinção social” (SPÓSITO 1991, p. 12)

O Shopping também pode ligar-se ao subcentro, sendo o aspecto que fundamenta a formação de tal extensão da centralidade:

Para reforçar esta tese de nova centralidade, lembramos que é bastante comum se observar, após a instalação de shoppings, uma atração para as localizações adjacentes, de outras atividades comerciais e de serviços, gerando novos subcentros, principalmente quando ligados a áreas residenciais. (SPÓSITO 1991, p. 12)

Logo as três formas subcentros, desdobramento e shopping centers são formações urbanas recentes, primeiro em grandes cidades e posteriormente em cidades médias, nota-se também que nas cidades que apareceram primeiro esses fenômenos estão com estágios maiores de desenvolvimento, como São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

No plano de Pelotas, os desdobramentos e os subcentros, estão principalmente ligados a presença de vias de grande tráfego e bairros que contenham grandes empreendimentos residências, verifica-se na Av. Fernando Osório um grande volume de empresas que vendem carros são concessionárias que representam marcas próprias e empresas que trabalham com vendas de multimarcas, nesse caso estabelecem-se ali pela grande visibilidade que podem ter em relação aos consumidores motorizados e também pela fixação em grande escala de populações de renda mais elevada em seu entorno.

Quanto aos subcentros, os grandes condomínios residências tendem a deslocar massa de consumidores e com isso formam-se pequenos grupos de varejo para atender tal demanda ou mesmo quando um grupo empresarial instala um grande empreendimento de superfície tendem a constituir-se no mesmo, em Pelotas a Cohabpel é um exemplo na zona norte do centro onde foi construída junto a um super mercado posteriormente vários empreendimentos de pequeno porte se instalaram, outro caso é o Hiper Big, próximo ao condomínio Village Center, ou mesmo a aglomeração comercial do bairro Fragata

4 EVOLUÇÃO URBANA DE PELOTAS.

O estudo da produção do espaço urbano de Pelotas tem importância vital, pois trabalhamos com a decomposição das temporalidades do presente no sentido de entender como ocorre a centralidade através do comércio na atualidade, identificando a cidade política/comercial o movimento de inflexão agrário/industrial, e o movimento de implosão e explosão e assim estabelecer a sociedade urbana, a princípio podemos destacar o período de 1780 a 1890, como o de produção de uma cidade Política/ Comercial e que foi de grande concentração de capital principalmente pelo uso de mão de obra escrava na economia saladeril, como cita Vieira (2005, p.147)

Ainda hoje, é possível caminhar pela cidade e obter perspectivas em que os elementos antigos se alinham de tal forma, que não se percebe os elementos de outros tempos. É como parar no tempo. O conjunto de casarões da Praça Coronel Pedro Osório é um exemplo, como tantos outros, de prédios isolados, mas que guardam entre si a mesma identidade com o passado

Nesse período, ocorre uma grande concentração urbana, que se constitui em uma notável presença na paisagem da atualidade, já o período de 1890 a 1970, é caracterizado como industrial, inicia-se com o fim da economia baseada no charque e a industrialização da carne, e culmina posteriormente com cadeia alimentícia da agro indústria do pêssego a partir dos anos 1950 até 1970, logo após como o movimento de implosão e explosão a cotidianidade urbana sendo explicitada na forma comercial, função mercantil e estrutura varejista central.

4.1 A produção inicial do Espaço Urbano de Pelotas.

Atualmente, a cidade de Pelotas conta com uma população de 300 000 habitantes, a configuração atual por lei do 2º Plano Diretor, com adaptações é distribuída em regiões administrativas, o Centro possui área composta pelo Bairro Centro e pelos Bairros Várzea e Porto, limita-se ao sul, pelo Canal São Gonçalo, a norte pela Avenida Dom Joaquim, a Leste pela Avenida Juscelino Kubitschek e a Oeste pela Rua Marcilio Dias e Canal Santa Barbara.

A configuração apresentada hoje muito se assemelha a formação inicial da cidade a sua urbanidade bem como o formato das ruas no centro, essa composição é destacada por Soares (2004), com um “traçado em xadrez” (*damero*) configuração de quando as primeiras plantas urbanas foram sendo projetadas, as mudanças nas ruas centrais ocorreram de forma bastante

simples, quando muitas vezes foram só os nomes que se modificaram, como cita Vieira (2005, p.91)

As formas espaciais, representadas basicamente pelos conjuntos arquitetônicos e pelos prédios isolados, cuja construção remonta ao século XIX, principalmente, mas também perceptível no traçado das ruas e na forma dos loteamentos. denotam uma resistência muito grande à renovação.

Salienta-se que no início da urbanização a característica das cidades espanholas ou seja, dispor de uma praça central, com Igreja e Estruturas Administrativas, inseriam-se no caso de Pelotas, claro tornado a parte, pois o início de sua formação se dá próximo a Igreja, mas seu desenvolvimento urbano se dá em volta a outra praça, a Praça da Regeneração (República que se torna após Coronel Pedro Osório) Fig.05. É ali em um período caracterizado pelo historiador Mario Osório Magalhães como de Opulência entre (1860 – 1890) podemos sugerir como auge de uma sociedade que pretendia ser urbana e moderna, nota-se ao fundo a prefeitura e a Biblioteca pública.



Figura 05: Praça da República no Início do Século XX.
Fonte: OSORIO, F. (1998).

O desenvolvimento empreendido desse período está em muitas das obras que verificamos hoje na paisagem, na Pelotas do fim do Século XIX, com as menores distâncias para o acesso a qualquer que seja o serviço ou comércio bem como um local de moradia de classes mais abastadas ligadas ao setor do charque, mas também uma classe digamos “urbana” composta por professores, médicos e advogados e comerciantes que no centro circulam e comerciam, abria assim o caminho para a garantia do papel do centro como concentrador de atividade urbana, e

assim, otimizado em relação as distâncias e usos isso fica bem evidente ao analisamos as redes de esgoto que cobrem a cidade no início do Século XX Fig. 06, que se estendiam a uma área que alcança no máximo a avenida Bento Gonçalves. (Antigo Passeio Publico).

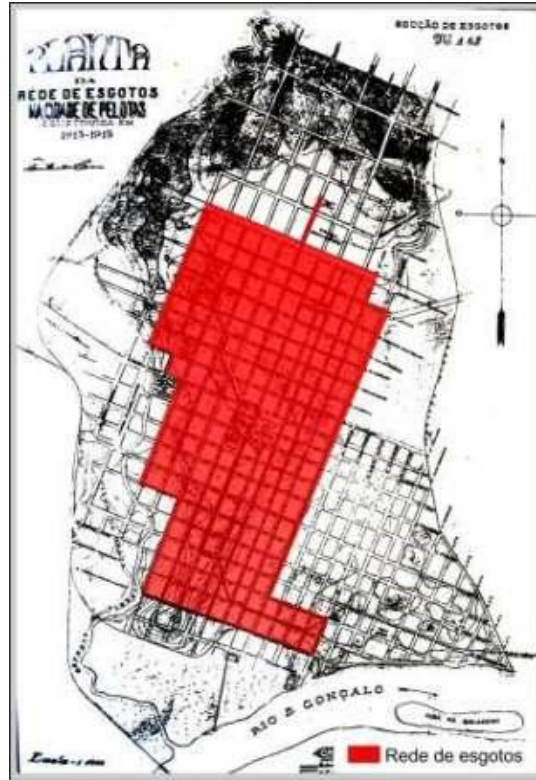


Figura 06: Mapa da Rede de Esgotos em 1915.
Fonte: MOURA, Rosa Maria (2006)

É também no início do século XX, que ocorre a busca da modernização do espaço urbano, principalmente com políticas sanitárias, em nível mundial corre o fortalecimento da atividade comercial e a entrada do Brasil no sistema Capitalista Mundial bem como o liberalismo econômico, fazendo que o desejo de consumo atinja a sociedade urbana, Lefebvre comenta que esse período (conhecido como implosão/Explosão), onde o urbano entra em todas as esferas da sociedade, ocorre um surto industrial, uma nova configuração urbana e tende a fazer com que a área portuária em Pelotas torna-se mais atraente as atividades fabris, pois facilita o escoamento por via lacustre pela Laguna dos Patos.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a nova configuração do sistema capitalista, que Hosbowan (1993) intitula era de “ouro do século XX”, obriga aos que neles antão inseridos a uma nova demanda por produtos e serviços, nesse período o modal rodoviário, o automóvel e a

propaganda as redes de comércio, fazem com que muitas das cidades brasileiras tenham que acompanhar esse movimento, junto ocorre um vertiginoso aumento populacional urbano, no caso do Brasil (sem uma política agrária que se atende a demanda por terra), um derradeiro movimento do campo para a cidade muitas as quais estavam mal preparadas, assim como o crescimento das cidades seus centros tornaram-se inchados, dessa forma, ou partia-se pra uma verticalização ou se expandia horizontalmente as áreas urbanas, opta-se claro pela primeira via, pois efetivamente era mais barato e ainda oferecia a vantagem da localização, contudo com o desenvolvimento da indústria automobilista, o problema da mobilidade de certo modo era resolvido para classes de renda mais elevada que podiam adquirir um veículo, essas então passam a ocupar áreas periféricas deixando o centro. que se torna comercial ainda servindo a todas as classes no que tange ao consumo.

Contudo, com o aceleração da divisão econômica as áreas periféricas começam a tornar-se atraentes ao comércio de bens mais sofisticados, no Brasil os Shopping Centers tornam-se locais de comércio para os ricos. Por exemplo o Shopping Iguatemi em São Paulo, 11º Local comercial mais caro do mundo¹⁷.

4.2 A formação da cidade política/comercial (1780 -1860)

A cidade de Pelotas surge de um movimento peculiar na produção do espaço do Rio Grande do Sul, como cita Vieira (2005, p. 94):

O Rio Grande do Sul, descoberto desde o início do Séc. XVI, através de expedições litorâneas de exploração e comércio do pau-brasil, não estava enquadrado nos casos de acumulação primitiva do capital, que permitiram a exploração colonial. Na realidade, só se chegou a parte meridional do Brasil durante o Domínio Espanhol, entre os anos de 1580 e 1640, quando os holandeses ocuparam o nordeste brasileiro e as regiões africanas fornecedoras de mão - de obra escrava, acarretando uma escassez de escravos no Brasil não holandês.

O Interesse Português no Rio Grande do Sul, surge a partir de 1725 como cita novamente Vieira (2005, p. 96 - 97)

“O interesse da coroa portuguesa pelas terras do Rio Grande do Sul aumentou com o sucesso da atividade dos tropeiros, que preavam o gado xucro. Já em 1725, a conhecida frota de João Magalhães entrou no território rio-grandense pelo canal que liga a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico, evidenciando o início da ocupação do território”.

¹⁷ Mais Informações em <http://portalexame.abril.com.br/negocios/noticias/shopping-iguatemi-11o-area-compras-mais-cara-mundo-598038.html> acesso em 13 de outubro de 2010.

“Portugal e Espanha eram opositores também na Europa, na Guerra dos Sete Anos, quando em 1763 D. Pedro de Ceballos ocupa o Rio Grande do Sul, após tomar Sacramento, Santa Tereza e São Miguel. Os acontecimentos decorrentes deste fato vão ter uma importância destacada para a ocupação do território gaúcho, especialmente no que diz respeito à região de Pelotas e Rio Grande.

Sendo assim, fazia-se necessário o povoamento da região, os tratados estabelecidos tinham função dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que garantiam certa paz, também justificavam um constante estado de atenção beligerante, foi nesse contexto que a ocupação do Sul do Estado, ocorre, o que Neves (1990)¹⁸ expõem como fixação de fronteiras externas na formação urbana do Rio Grande do Sul.

Contudo, alerta-se que nesse período de produção do espaço e de dominação da natureza é lento, requer uma série de acontecimentos que caracterizam a sua formação Moraes (2002 , p.52), salienta que:

Assim, de modo angular, concebe-se a história (numa ótica geográfica) como uma progressiva e reiterada apropriação e transformação do planeta resultando numa cumulativa antropomorfização do espaço terrestre. (MORAES, 2002, p. 52)

Nesse ponto, Peter (2009, p.49), analisa sob a perspectiva, de Moraes (2002), três dimensões de ocupação de produção a do espaço:

O uso da história na geografia nos transfere para a dimensão da ocupação do território, nesse processo, pode – se atribuir distintas fazes, a primeira seria a *apropriação dos meios naturais*, que mantém e sustenta as condições de existência e trabalho, a segunda esta ligada a *transformação dos meios naturais*, que de certa forma põem novas qualidades a o local, através principalmente da agricultura, assim ocorre uma terceira fase com a *reprodução dos meios já transformados*, ou reprodução das relações de produção. Nesse ponto as relações ligadas a natureza mudam para relações artificiais, ou humanas, a relações entre o espaço e a sociedade perdem a naturalidade, produzindo e reproduzindo o espaço, suas criações ficam impregnadas lhe garantindo então valor.

¹⁸ NEVES, Gervásio Rodrigo. A Rede Urbana e as Fronteiras: Notas Prévia. In: OLIVEIRA, Naia; BARCELLOS, Tanya. **Rio Grande do Sul Urbano**. Porto Alegre: FEE, 1990 118 – 140.

Assim, essas transformações não retiram e nem desqualificam as passagens anteriores, a qual o espaço já reproduzido esta inserido, pelo contrario, essas questões ficam impregnadas, por isso o uso do Método Regressivo/ Progressivo, colabora nesse ponto Vieira (2005, p.97) pois:

As repercussões de toda a conjuntura, tal como se descreveu, em um ponto específico do espaço, serão responsáveis pela formação de um determinado tipo de sociedade e sua história, envolvendo as relações que mantém entre si e com o espaço”.

Dessa forma, situemos então a fixação de Pelotas, a principio ela começa a se desenrolar a partir de 1758, segundo Vieira (2005, p. 97):

O território onde hoje se encontra o município de Pelotas teve sua ocupação inicialmente assinalada pela outorga de carta de sesmaria ao Coronel Thomaz Luiz Osório, feita pelo governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire, em 1758. Estas terras aparecem assinaladas em mapa em 1777, onde se verificam os limites da sesmaria como sendo desde o "rio" Santa Bárbara, "rio" de Pelotas, até o ponto de "Cangussu", limitando-se a sudoeste pelo "sangradouro e sua barra", ou seja, pelo canal de São Gonçalo.

O processo de produção urbana ocorre de forma rápida, da chegada do primeiro loteador até a formação da Freguesia de São Francisco de Paula (1780 - 1812), como cita Vieira (2005, p. 107) existe um crescimento elevado de contingente populacional:

A população teve um grande crescimento, em 1811 contava com o número de 2.119 habitantes. Desde 1810, esta população havia iniciado movimento, pedindo a instituição de uma freguesia, o que veio a ocorrer no ano de 1812, quando se criou a Freguesia de São Francisco de Paula, cuja sede se instalou na ampla coxilha, entre o São Gonçalo, o Santa Bárbara e o Pelotas. Este foi do ponto de vista institucional, o fato mais importante até então ocorrido, reconhecendo a importância crescente do local

No espaço temporal de 30 anos, a população cresce de forma bastante significativa, tanto é que, em 1815 já existia uma parcela de população significativa, segundo Arriada (1994, p. 121):

A população que aos poucos se ia arranchando ao redor da Capela e da Praça da Matriz não deveria ser insignificante para a época, visto, que, em 1815, era levantada a primeira planta da zona urbana, plano executado por Maurício Ignácio da Silveira que adotou a forma de tabuleiro, traçando doze ruas na direção leste-oeste e sete na direção norte-sul.

A partir desse momento, podemos então começar a tratar a cidade como cidade Política, pois estabelece e mantém elementos administrativos e de poder e esse passo é importante, pois apresenta uma característica única, ou seja a busca por independência administrativa com a

fundação da Freguesia, claro que juntamente com a riqueza vinda da produção do Charque transformam o ambiente segundo arriada Arriada (1994, p. 121):

A partir desse momento, tendo sido criado o sitio urbano, e com a instalação de órgãos administrativos, novos valores e determinações passam a reger a vida da incipiente população que aos poucos vai adquirindo características puramente urbanas. São então tomadas medidas tais como: a demarcação do perímetro urbano, cobrança de décima predial locais para construção de obras públicas.

Assim se edifica em Pelotas a cidade Política, o crescimento urbano e a forma como foi projetada expõem a característica do poder e da ordenação, segundo Dreys (1961, 116) “A cidade de Pelotas está levantada num terreno alto que principia na margem esquerda do rio São Gonçalo e se estende entre os rios Pelotas e Santa Barbara”, a própria escolha desse local, foi uma disputa interna para a realização de tal feito, segundo Veira (2005, p. 109):

Assim, a cidade nasce no local que a sociedade lhe determina, não por uma vocação natural do terreno, mas por resultado das relações sociais ocorrentes no espaço. O interesse dos proprietários de terra foi determinante e logo em seguida postos em prática. Antonio dos Anjos e padre Felício iniciaram a construção da igreja, não sem antes apor uma condição à doação feita por Antonio dos Anjos: "que lhe fosse permitido aforar os terrenos em volta nos quais começaria a crescer o casario da nova freguesia".⁹¹ Logo em seguida começa a medição e o loteamento dos terrenos, num total de 52,8 ha. Já em 1827 as terras de Mariana Eufrásia da Silveira dão origem ao segundo loteamento da cidade. A implantação da cidade expande-se pelo terreno plano.

Em 1835, quanto é oficializada como Cidade, Pelotas apresenta sua segunda Planta que vai então apontar o crescimento para a proximidade do canal São Gonçalo esse novo traçado em formato em Xadrez.

No projeto, a ordenação em ruas retas e no ponto mais elevado leva em conta o exercício do poder, projetando-se 5 novas praças, como câmara municipal, Teatro, cemitério a quartel, nota-se também que as construções em maior número localizam-se ao redor das praças
Figura 08.



Figura 07: Planta de Pelotas em 1815.
Fonte: GUTIERREZ, Ester (2001)



Figura 08: Mapa Urbano de 1835.
Fonte: GUTIERREZ, (2001)

O outro fato marcante que define melhor ainda a conceituação de cidade Política está ligado a Revolução Farroupilha, (1835 – 1945), trata-se então da revolta dos produtores de carne salgada do Sul do RS (principalmente Pelotas), pela concorrência desleal em relação aos produtos trazidos da Região da Prata, tal fato fez com que os mais interessados, (Charqueadores), entrassem em conflito contra o poder Imperial, aqui cabe uma referencia, pois esses mesmos produtores em alguns casos eram Militares de Alta Patente do Exército, nesse período e o posterior ao mesmo, a cidade apresenta se não uma diminuição no seu desenvolvimento, com um menor crescimento de suas atividades urbanas nesse período de beligerância então caracteriza a cidade do poder e da guerra.

Quando a Revolução acaba em 1845 com o período de paz juntamente com crescimento econômico e o maior tempo de ócio da elite, a cidade modifica-se e começa a aparecer a cidade comercial, o espaço urbano presta-se agora não somente ao poder mas também a troca, ou como chama o Historiador Mario Osório Magalhães trata-se da Opulência (1993, p. 09):

Quando se faz referência, na Bibliografia do Rio Grande do Sul, à cidade de Pelotas, é regra geral caracterizá-la através de conceitos como riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia. A razão para isso é atribuída ao desenvolvimento nos seus arredores, da indústria do charque, durante o longo período que vai de 1779 aos primeiros decênios do século XX.

Trata-se como diz Lefebvre apud Soares (2005) “o sentido de obra de arte” a cidade não menos concentradora de poder, contudo além vai, configurar-se em uma forma mais bonita e culturalmente rica, nesse aspecto, podemos citar a construção do Mercado Público em 1848, como marco para essa nova cidade.

Os eventos que começam a propiciar o desenvolvimento urbano começam a se desenrolar a partir de 1851, com a recuperação da econômica, a introdução do novo cemitério no bairro Fragata, a construção de vias de acesso a Campanha, essas vias ditam um novo ritmo de desenvolvimento econômico e a criação de novos bairros na esteira da estrada, como por exemplo, o Bairro Três Vendas.

Outro fator que contribuiu para o crescimento da cidade foi o desenvolvimento do comércio regional na Tablada, que era como se chamava o local para onde o gado era trazido, a fim de ser comercializado a partir de 1825.

O comércio do gado foi facilitado uma vez que se reuniam em um único local o charqueador e o fazendeiro. A criação deste espaço incrementou o desenvolvimento urbano, pois os fazendeiros e peões após comercializarem o gado, iam para a cidade a fim de fazer compras, ou em busca de algum serviço ou diversão.

Nesse mesmo contexto Soares (2004, p.125) afirma que:

A estrutura da Tablada correspondia ao que Randle chama de “remate – feira”, o local de compra e venda do gado pampeano. Sua implantação teve diversas repercussões no desenvolvimento da cidade, fomentando o crescimento das atividades comerciais e de serviços, uma vez que proprietários e peões, depois de realizarem seus negócios e seus trabalhos, buscavam a cidade para a compra de bens e mercadorias bem como para diversão. Nas décadas posteriores, a Tablada exercia a função de atração do crescimento da cidade na direção norte, atuando simultaneamente como estruturante do espaço urbano, pois as estradas que ligavam a área ao núcleo central e as regiões produtoras aos núcleos produtores de charque.

Constroem-se nesse período um novo modo urbano, como cita Soares (2004, p. 130)

Nas décadas finais do Século XIX, ocorreu a etapa que Magalhães (1993) classifica como “de opulência e apogeu” material e cultural” da cidade, em função do crescimento da economia das charqueadas. Foi nesse período que se construíram os edifícios mais significativos, em estilo neoclássico e eclético (os predominantes na cidade), e também o da chegada da ferrovia com a respectiva construção da Estação (terminada em 1884)

Na segunda Metade do Século XIX, com o desenvolvimento da urbanidade onde estrutura e o desenvolvimento da cidade conhecem seu período de Opulência que:

Constatamos que na época anterior (de 1779, data da fundação da primeira charqueada, até 1860 verificou-se uma prosperidade econômica semelhante a do período em foco (1860 – 1890), sobretudo antes da Revolução Farroupilha. Urbanisticamente, porém a cidade recém surgia, sendo raros os seus prédios públicos e os seus sobrados, até 1860 a vida social e a atividade intelectual, escassas eram praticamente restritas ao interior dos sobrados (saraus, leitura de livros adquiridos fora, etc.) (Magalhães1993, p.10)

O desenvolvimento comercial é intensificado na cidade inclusive dedica-se a uma rua para o Comércio (atual Felix da Cunha), com intenso varejo variando desde armarinhos, tecidos, chapéus, secos e molhados, pratarias e louças Fig.09 e 10



Figura 09: Rua Felix da Cunha no Início do Século XX
 Fonte: MAGALHÃES, M (1994)



Figura 10: Rua Felix da Cunha, entre Dom Pedro II e General Teles, no início do Séc.XX.
 Fonte: MAGALHÃES, M (1994).

Com a densificação do comércio (Tab.01), destacam-se a fundação da primeira Confeitaria em 1857, a primeira Farmácia em 1859 e a primeira Chapelaria em 1863, bem como o aumento populacional, a rua Quinze de Novembro com o nome de São Miguel assume o papel de protagonista no centro tornando-se também como principal rua da cidade, pois não só de comércio vivia a Quinze de Novembro, mas também por muitos anos concentrou a maioria das confeitarias, e hotéis Fig.11 e 12.

Tabela 01 Principais Indústrias e Casas de Comércio de Pelotas no século XIX.

Fundação	Nome da Empresa	Tipo de Ofício	Endereço
1845	Etchegaray e Filhos	Indústria Carrocerias	Desconhecido
1845 - 1893	Jose A. Guimarães	Chapelaria	Desconhecido
1846	Casa Comercial Rios	Tecidos Atacado	Gen.Osorio x 7 de Setembro
1848	Loja de Ourives	Comércio Joias	Desconhecido
1854 - 1882	Casa Laport	Desconhecido	Desconhecido
1855	Diogo Higgins	Oficina	Riachuelo 3
1857	Tibério M. da Fonseca	Ourives	Desconhecido
1857	Viúva Hartung	Confeitaria	Desconhecido
1859	Farmácia Caridade	Farmácia	Desconhecido
1860	Casa Levy	Artigos em Geral	Quinze de Novembro 670
1860	Latoaria Gonçalves e Filhos	Artigos	General Vitorino 751
1863	Sousa Mursa & Cia Ltda	Desconhecidos	Andrade Neves 609
1863	Chapelaria Maia	Chapéus	Desconhecido
1864	Fabrica de Sabão Lang	Fábrica de Sabão	Gonçalves Chaves 1158

Fonte: OSORIO, F (1998, p. 434, 435,436)



Figura 11: Rua Quinze de Novembro no Início do Século XX.

Fonte: MAGALHÃES, M (1994)



Figura 12: Rua Quinze de Novembro entre Marechal Floriano e Sete de Setembro.
Fonte: MAGALHÃES, M (1994)

Nesse contexto também vale lembrar que Pelotas nessa época já era um Importante Polo Cultural, segundo Vieira (2005, p. 117):

Houve o desenvolvimento de instituições de ensino, clubes e associações. O "Teatro 7 de abril" é inaugurado em 1834, a Biblioteca Pública Municipal em 1875. A vida cultural da cidade é muito intensa, os contatos mantidos com o centro do país (Rio de Janeiro) e com a Europa (França), conferiram à população pelotense um destacado padrão literário e artístico, superando a capital da província neste aspecto.

Talvez esse fato tenha obrigado a constituição de rua de comércio, Soares (2004) relata também que a distancia entre o centro e o porto ou mesmo a ferrovia, impediam de formar zonas comerciais alternativas, apenas alguns armazéns.

Assim a atividade comercial transforma a cidade, saindo da política, nota-se também o surgimento de empresas que faziam a importação de produtos vindos da Europa, resultado disso está na prospera atividade econômica que o charque havia conseguido acumular principalmente nos anos de 1860 e 1890, nesse período ocorre um significativo aumento populacional, a cidade expandiu-se primeiro para a zona norte do centro em direção ao bairro da Luz, (1858), e posteriormente a Várzea (1870), logo seguindo ao Fragata principalmente com a construção, do Parque Pelotense em 1883 respectivamente nas Figs. 13 e 14.



Figura 13: Crescimento Urbano em Pelotas no século XIX.
 Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, adaptado pelo autor.

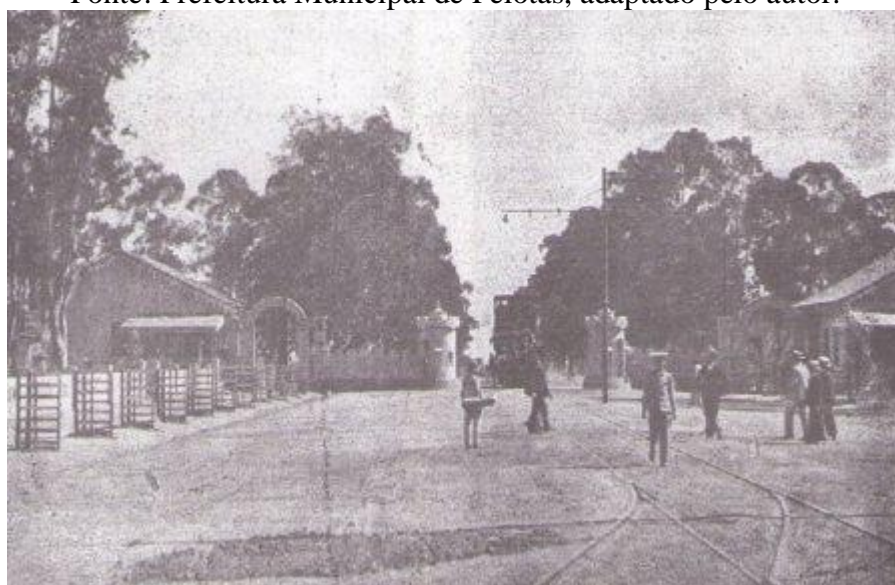


Figura 14: Parque Pelotense inaugurado em 1883.
 Fonte: OSORIO, F. (1998).



Figura 15: Catedral São Francisco de Paula início do Século XX
Fonte: PARADEDA, M (2003)



Figura 16: Praça Coronel Pedro Osório início do século XX.
Fonte: PARADEDA (2003)



Figura 17: Clube Caixeiral final do Século XIX
Fonte: PARADEDA, M (2003)



Figura 18: Clube Caixeiral em 2010
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 19: Praça Coronel Pedro Osório, metade do Século XIX.
Fonte: PARADEDA, M (2003)



Figura 20: Mercado Público no início do século XX
 Fonte:ARRIADA. E(1994)

4.3 Formação da Cidade Industrial (1890 – 1960)

4.3.1 A diversificação industrial do Centro (1890 – 1930)

A formação da cidade Industrial leva em conta o crescente desenvolvimento urbano obtido nos anos anteriores, nessa época, Pelotas era sem dúvida a mais importante cidade do Rio Grande do Sul, e mesmo que esse período fosse concebido como de decadência, pelos menos até os anos 1930, o poder econômico e cultural da cidade era forte dentro estado e esse crescimento era evidente, principalmente pelo aumento populacional que ocorreu junto com o deslocamento de pessoas para Princesa do Sul (Pelotas), Tabela 02.

Tabela 02: Crescimento Populacional no Período 1890 – 1960

Ano	População
1890	41.591
1899	43.091
1900	43.81
1911	62.01
1920	82.294
1940	104.533
1950	127.641
1960	127.575

Fonte: VIEIRA, S.(2005) e GILL. L(2004)

A conjuntura de fatos desse período (1890 – 1970) caracterizada pela forte impulsão da economia capitalista, acarreta inúmeras transformações no espaço mundial, é nesse período de tempo, que temos as duas Grandes Guerras, principalmente a 2ª que trouxe resultados expressivos para o Brasil, foi também período de grande intensificação de extremos, triunfo do liberalismo econômico a sua derrocada na crise de 1929, o New Deal e o estado de bem estar social, principalmente pelo investimento dos EUA após a segunda guerra o crescimento da indústria automobilística no modelo Fordista de produção.

A partir dos anos 1950, a atividade industrial se espalha pelo planeta através do espalhamento de empresas transnacionais, o Brasil que vinha substituindo as importações desde a segunda Guerra com a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, e com a transferência de capital do café (outrora maior produto de exportação nacional) para a indústria, abre caminho para ser um país industrial e urbano, o êxodo rural atinge os níveis mais altos desde o surgimento da república, os investimentos em infra-estrutura e a construção de Brasília impõem ao Brasil, um novo ritmo de envolvimento com o capitalismo moderno.

A escolha do período entre 1890 a 1970 não é em vão, é justamente na década de 70 que as conjunturas internacionais começam operacionalizar mudanças na produção do espaço, a Guerra do Vietnã, a Guerra Fria, a questão racial nos EUA, a descolonização da África, a Revolução Chinesa que culmina com a crise do Petróleo e o Neoliberalismo, encerram esse período, é o fim da era de ouro do século XX, citando Hobsbawm (1993)¹⁹.

Mas como se configura esse período na cidade de Pelotas, os elementos dessa transformação começam a ser incorporados ao cotidiano do fim do Século XIX, como cita Vieira (2005, p. 121):

Pelotas também vivencia este momento com grande intensidade. O fim da mão-de-obra escrava, como se disse, foi de fundamental importância na mudança das relações e na alteração da sociedade e do espaço. Desde logo, há uma diversificação da economia até então baseada em um único produto: o charque. Diversos relatos nos dão conta desta diversidade, apontando um desenvolvimento industrial incipiente com a instalação de moinho, curtume, cervejaria, fábricas de vidro, chapéus, máquinas de escrever, aparelhos ortopédicos, cofres, móveis, sabão, velas, cerâmicas, produtos farmacêuticos, confeitarias entre outros

¹⁹HOBSBAWM, Eric .**Era Dos Extremos: O Breve Século XX: 1914 – 1991**. Companhia das Letras, São Paulo: 1993.

Nesse período a questão locacional é preponderante, grande parte das indústrias localizavam-se próximas aos terminais ferroviários ou ao porto, facilitando assim o desenvolvimento e o escoamento da produção como cita Vieira (2005, p. 121)

As implicações para o espaço urbano são inevitáveis. Embora não existisse um zoneamento rígido, o que se pode observar é que, em geral, as indústrias orientavam sua localização com base nas áreas de maior interesse para a realização de suas funções, sendo determinante o caráter de acessibilidade portuário e ferroviário. Deste modo, ficou marcado no espaço a localização das indústrias iniciais, próximo ao porto e nas cercanias da estação férrea. As indústrias que, de alguma forma, poluíam o ambiente, foram obrigadas a se instalar na periferia da zona urbana, ainda que, mais tarde, tenham, em muitos casos, sido incorporadas pela malha urbana que se expandiu.

Segundo o levantamento de 1910 do serviço de lançamento de imposto provincial e municipal, Pelotas continha 188 fábricas, 278 oficinas e 822 casas de negócios, com diversidade industrial bastante elevada sendo que a maioria desses empreendimentos localizava-se no centro entre as ruas General Osório, Quinze de Novembro, e Gonçalves Caves, no trecho que compreende a porção sul do atual centro, alguns casos como a Fábrica de São Lang localizava-se na porção norte passando a avenida Bento Gonçalves, pela rua Gonçalves Chaves.

Um fato interessante de nossos tempos era a preocupação que existia no Rio Grande do Sul a cerca de possuir uma indústria automobilista nos anos 1990, em Pelotas já no ano de 1845 um Frances chamado Carlos Ruelle, fundara uma fábrica de carros (carruagens) em Pelotas, em 1874 seu genro Fortuné Bardou assumia o controle da empresa, após a sua morte, assumia a empresa Manuel Etchegaray e Filhos, vindo no ano de 1911, a fundar a primeira garagem de autos em Pelotas, e a primeira montadora da *carrosserie* no Brasil, compondo o conjunto com a mecânica importada.

Destaca-se no desenvolvimento urbano no início do século XX, a modernização da cidade citando a exemplo do esgoto, temos a adoção do Bonde Elétrico em 1915, em 1912 a companhia de Força e Luz.

Nesse contexto de Industrialização, a diversidade de empreendimentos era presente na paisagem urbana e o comércio intensifica-se na cidade, contudo diferente da atualidade onde a maioria dos produtos vem de fora do município, a indústria nessa época tinha por objetivo o abastecer o comércio local, assim o centro possuía cerca de 85 indústrias em funcionamento em 1922.

A diversidade desses estabelecimentos, indiscutivelmente grande para época variava do vestuário, sabão de velas, bebidas, metalurgia, tijolos, produtos medicinais, calçados, fumo colchões, malas e móveis, estabelecidos no centro da cidade como mostra a Tab. 03 e a Fig. 21:

Tabela 03 Relação das Principais Indústrias e em Pelotas em 1922.

Fundação	Nome	Tipo de Atividade	Endereço
1913	Fabrica de Fiação e Tecidos	Indústria Textil	Moreira Cesar 52
1912	Fabrica de Adubos e Produtos Químicos	Indústria Química	Areal
1881	Fabrica de Chapéis Pelotense	Chapelaria	Praça Constituição 186
1915	Fabrica Pelotense de Camas de Ferro	Indústria Moveleira	Desconhecido
Desconhecido	Fabrica de Cervejas Leopoldo Haertel	Cervejaria	Rua Conde de Porto Alegre 56
Desconhecido	Companhia Cervejaria Ritter	Cervejaria	Rua Floriano Peixoto 102
Desconhecido	Fabrica de Conversa Leite,Nunes & Cia	Industria Alimentícia	Rua Marechal Deodoro 1
Desconhecido	Fabrica de Bebidas:Cristiá & Cia	Industria de Bebidas	Rua Marquês de Caxias 320
Desconhecido	Fabrica de Bebidas Mario Sacco	Industria de Bebidas	Rua Marquês de Caxias 563
Desconhecido	:Antônio Lopes Ferreira Duarte	Fabrica de Objetos de Barro	Rua Paissandu 313
Desconhecido	Alfino & Nogueira	Fabrica de Mosaico	Rua Andrade Neves 451
Desconhecido	Domingos Stanisci	Fabrica de Mosaico	Rua Andrade Neves 451
Desconhecido	Perez & Cia	Fabrica de Mosaico	Rua General Osório 938
Desconhecido	Fabrica de Tijolos: João Luiz Valente	Olaria	Rua Andrade Neves 1261
Desconhecido	Fabrica de Tijolos:Domingos Caruccio	Olaria	Praça Vinte de Setembro 172
Desconhecido	Fabrica Severo Caruccio	Olaria	Avenida Vinte de Setembro 158
Desconhecido	Trápaga e Reighantz	Olaria	Estrada Três Vendas.
Desconhecido	F.M Araujo & Cia	Fabrica de Lombilhos	Rua General Osório 938
Desconhecido	Leivas Leite	Indústria Farmacêutica	Rua Benjamim Constant 353
Desconhecido	Clotilde Claramunt	Indústria Farmacêutica	Rua General Osória 556
Desconhecido	Fausta Sastre Salengue	Indústria Farmacêutica	Rua General Osório 907
Desconhecido	Frederico Russomano	Indústria Calçadista	Rua General Osório 773
Desconhecido	Francisco Alves de Carvalho	Indústria de Vestuário	Rua Quinze de Novembro 671
Desconhecido	Villas Boas & Farias	Industria de Vestuário	Rua Sete de Setembro
Desconhecido	Luiz Beltrão Barbosa	Fábrica de Velas	Santa Cruz 860

Fonte: OSORIO, (1998).

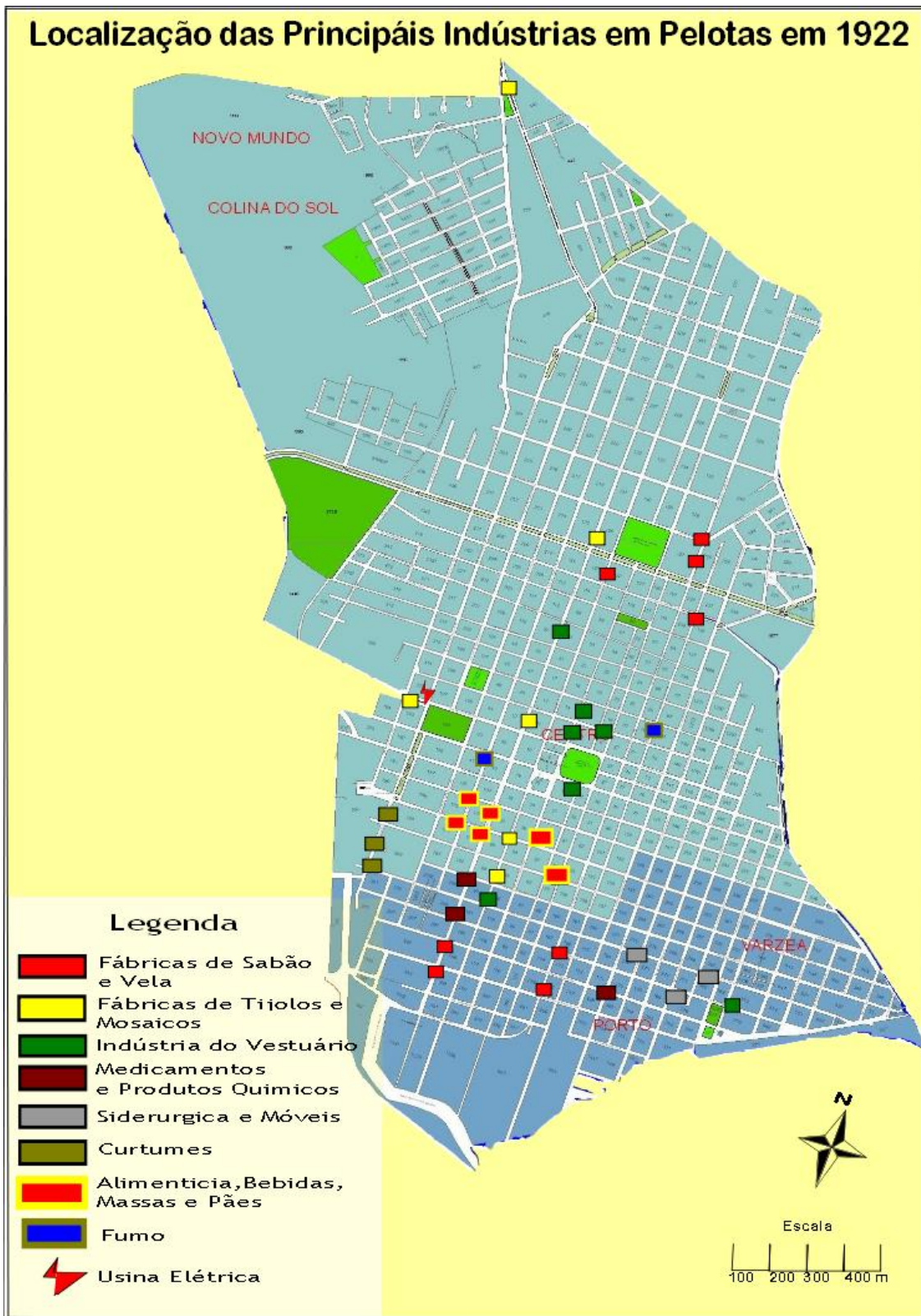


Figura 21: Localização das principais indústrias em Pelotas em 1922.
Fonte: Prefeitura de Pelotas, adaptado pelo Autor.

A estrutura industrial do período localizada a porção centro sul do centro é fruto do crescimento urbano iniciado na segunda metade do Século XIX, geralmente em vias de tráfego mais intenso, por exemplo e não por acaso a rua General Osório é larga (22 metros) nessa porção da cidade, bem como destaca-se o intenso movimento na rua Felix da Cunha, Andrade Neves e Paysandu (atual Santa Tecla,) no que tange a localização da atividade industrial.

O uso da área central como área de localização industrial, vai ter sua dinâmica modificada por três fatores cronológicos no século XX, primeiro a formação do segundo ciclo industrial na área do porto, segundo na próprio crescimento comercial do centro, preponderando-se na paisagem da moderna cidade, e terceiro o próprio zoneamento que a cidade passa a ter com os planos diretores, principalmente o 2º nos anos 1980, que vão firmar na distribuição da cidade diferentes zonas de usos, ficando o centro responsável pelo comércio na chamada ZCC (Zona de Comércio Central).

Não quer dizer, que no período estudado não existiam na cidade um forte setor de comércio e serviços, principalmente no centro, certamente a vida cotidiana era moldada por essas relações sócias, os bares, os hotéis, as confeitarias, as lojas, e as casas importadoras permeavam a imaginação da cidade, contudo destacamos esse período como industrial pelo modo como a diversidade e quantidade de empresas haviam se constituído após o fim das charqueadas.

O fim da cidade Política/Comercial e a entrada da cidade industrial se deram no centro urbano, uma etapa que suplanta a outra mas não se apaga o que se construiu, apenas se acrescentou novas qualidades, é o espaço reproduzindo-se, a estrutura central perpetua-se justamente nessa época, fora importante para a política e comércio e agora para a indústria, onde estar no centro da cidade garantia não só proximidade mas vantagem na disputa da hegemonia no espaço, nota-se também que é uma indústria totalmente urbana, ou seja, produzia para consumidores urbanos, os objetos que não saíam direto do campo e sim transformados na cidade, pois eram elaborados com técnicas já maquinofatureiras. O auge industrial de Pelotas não ocorre período de 1890 a 1930, mas as bases estão nesse alicerce.

4.3.2 O auge da Industrialização (1930 – 1950), e a modernização do parque fabril.

Caracterizar períodos sempre é uma tarefa difícil, no caso desse trabalho a periodização se torna importante, pois a decomposição da atualidade necessita de um acerto cronológico, esse acerto, ou seja as datações são muitas vezes enganosas ou imprecisas, dessa forma as datas 1930

e 1950 nesse trabalho são datas linha, ou seja, nada se inicia em somente 1930 e nem se termina definitivamente em 1950, por exemplo segundo Lopes(2007, p. 39) “De acordo com a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, em 1955 a cidade contava com 572 estabelecimentos industriais, que empregavam 6.519 funcionários”. Mesmo depois de 1950 podemos a caracterizá-lo com efeito desses anos de grande crescimento econômico.

O que se percebe nesse prazo de 20 anos, é que nele compreende grandes mudanças no espaço mundial, como a grande crise de 1929, a segunda guerra mundial, e o início da época de ouro da sociedade capitalista.

Em Pelotas, importantes processos ocorrem e são encaminhados nesse período, a transformação do aparelho industrial da cidade, as modernização urbana culminando em transformações que vão impregnar no centro os aspectos que hoje são visíveis no seu espaço.

A primeira vista, o que se nota no período é o crescimento da cidade em direção a zona norte e ao porto, como destaca a Planta de 1921 busca-se mais espaço para a instalação de indústrias, e para suportar o aumento populacional da cidade nesse período, onde já concentrava as atividades econômicas da Região do Sul do Estado, principalmente funcionando como pólo comercial e de serviços, principalmente saúde e posteriormente educacionais, atacado e também como pólo industrial no setor alimentício.

No traçado de 1921, o antigo passeio Público, (Avenida Bento Gonçalves) deixa de ser a via limite do norte da cidade e com a transferência do cemitério para o bairro Fragata, constituem novas quadras mais compridas e a rua Felix da Cunha, não tem segmento em direção ao bairro da Luz, com terrenos maiores a zona norte do centro tem condições de receber habitações de maior porte, mais tarde (após os anos 1960) seria de uso recorrente para a utilização do automóvel empreendendo nessa porção do centro o desenvolvimento residencial.

Assim a cidade se expande como as novas indústrias que ela haveria de sediar não mais podiam ser instaladas no centro(a indústria frigorífica, de bebidas, de lã e tecidos, necessitavam de espaços grandes) pois seguiam a lógica produtiva do fordismo com linha de montagem extensa.

Para o escoamento, necessitava-se de vias que facilitassem a entrada de matérias primas e a saída dos produtos já processados, nota-se que nesse período a preponderância de indústrias movidas por matérias primas vindas do mundo agrário, veja que o auge da industrialização em Pelotas, não se dá pelo processo industrial voltado a transformação de produtos já prontos, mas

sim pela transformação de insumos rurais²⁰, nesse período a opção parece ter sido acertada, afinal esse mesmos produtos ainda desfrutavam de preço competitivo no mercado, e aproveitava-se de uma vocação da região sul, a produção de arroz e sua industrialização também impulsionada nesse período principalmente nos anos 1930 com a grande crise mundial e culminando com a 2ª Guerra Mundial, onde os alimentos eram escassos.

Outro fato, é bastante relevante nesse período as grandes estruturas industriais tinham grande uso de capital, tanto estrangeiro quanto nacional e portanto quantidade grande de mão de obra, assim a população tem sua ocupação na atividade industrial, são comuns os relatos de pessoas com mais de 50 anos de idade ou mesmo até 80 e 90, sobre esse período na cidade, os mais novos, por exemplo, citam a industrialização na Av. Fernando Osório, principalmente a indústria de conserva nos anos 1960, os mais antigos sim desenvolveram atividades nos antigos frigoríficos e fábricas próximas ao porto, e lembram-se da quantidade grande de pessoas que envolviam-se na atividade industrial.

Pelo que se observa, a capacidade desses empreendimentos de gerar valor é impressionante, verificando hoje área do Porto e observando as indústrias que ali se apresentam como ruínas percebe-se claramente que se tratava de um moderno parque industrial, formado em uma período de grande crescimento econômico.

Outro fator que merece atenção é o tipo de transporte utilizado, nos anos 1930 o modal ferroviário e fluvial eram os mais utilizados, até por que automóveis existiam poucos, tanto é que o transporte urbano era realizado por bondes, então estabelecer-se próximo a um porto era não só uma vantagem locacional, mas sim o fator principal para que pudesse haver a instalação dessas empresas, o canal São Gonçalo oferecia essa vantagem.

Nosso embasamento é feito principalmente pelas idéias defendidas por Magalhes, e Vieira, o primeiro termina um período de desenvolvimento em 1930, ao passo que o segundo encerra esse período industrial em 1945.

²⁰ Não se trata aqui de tirar o valor importantíssimo da agricultura familiar e a sua multifuncionalidade do espaço onde a produção industrial pode e deve ser incentivada, oferecendo produtos de qualidade elevada, sem agrotóxicos, e oferecendo ao agricultor possibilidades manter-se na sua terra, contribuindo ao desenvolvimento regional, e o não deixando nas mãos de atravessadores.

Destacamos o período como sendo de Modernidade, na cidade, Chaves (200,p.25) aponta a entrada da modernidade no Brasil em 1922:

A arquitetura moderna no Brasil foi inserida em meados da década de vinte, como emanante da Semana de Arte Moderna, realizada no centenário da Independência, no Rio de Janeiro, em 1922, e que teve sua implantação, a princípio, com as obras de Gregori Warchavchik, um arquiteto russo emigrado, responsável pelas primeiras casas de inspiração cubista no país, e Lúcio Costa, um jovem arquiteto, que mais tarde viria a ser nomeado diretor da escola de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Em Pelotas o Período Moderno é caracterizado principalmente, pela indústria como cita Chaves (2001, p. 29):

Tomou-se como referência inicial o surgimento dos primeiros prédios da era da máquina por volta de 1922, as fábricas e indústrias em estilo expressionista, de ordem monumental, localizadas na zona portuária da cidade, e semelhantes a linguagem utilizada por Peter Behrens em 1910.

Assim, a modernidade em Pelotas e as transformações que o espaço urbano passaria nos anos posteriores, serão definidores na nova composição da área central da cidade, as principais estão na nova configuração da indústria portuária e das atividades comerciais no centro da cidade, destaca-se também a verticalização do centro e a expansão residencial para a zona norte.

No que tange a indústria começamos com o frigorífico Anglo fundado em 1942 Fig.22, pois a zona portuária oferecia uma série de vantagens como cita Chaves (2001, p.30):

A zona portuária da cidade, em função do elevado movimento de navios, dos grandes depósitos, e da extensa rotatividade de mercadorias, que era ligada ao centro através do bonde, o principal meio de transporte da época, foi o local mais apropriado para a localização do novo distrito industrial, que tornou-se a alternativa possível em vista da produção agropastoril, que já demonstrava sinais de enfraquecimento. Neste contexto de eminente progresso, as primeiras edificações destinadas a abrigar a economia fabril, foram sendo construídas a medida em que novos investimentos eram feitos na área



Figura 22: Frigorífico Anglo.
Fonte: CHAVES (2001).

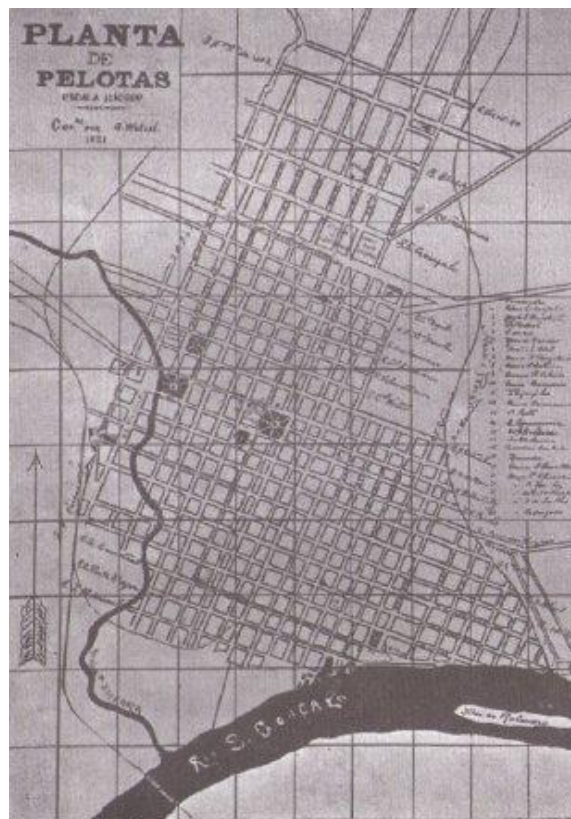


Figura 23: Planta da Cidade em 1921
Fonte: OSORIO, F (1998)

Outro exemplo da difusão industrial no porto é a Cervejaria Brahma Fig. 24 que começou a funcionar na cidade em 1899, e no ano de 1931 teve seu prédio concluído formando grande exemplo do tamanho da indústria da cidade como cita Chaves (2001, p. 46)

Ocupando um espaço relativo a um quarteirão, e traduzindo o intento da cidade em tornar-se um pólo industrial, a arquitetura resultante consiste em um volume denso e equilibrado.



Figura 24: Cervejaria Brahma.
Fonte: CHAVES (2001).



Figura 25: Cervejaria Brahma
Fonte: CHAVES (2001).

Forma-se nessa época também uma nova indústria que se torna muito presente na cidade ao Engenhos o mais famoso de todos o Moinho Pelotense projetado em 1925. Fig. 26.



Figura 26: Moinho Pelotense.
Fonte:CHAVES (2001).

Destacam-se na paisagem industrial ainda, a presença de três empresas fora da área portuária, a Sociedade Laneira no bairro Fragata, o moinho Princesa do Sul na Avenida Fernando Osório, e o Curtume Hadler na Av. Dom Joaquim. O fim desse período industrial institui-se principalmente a partir dos final da década de 1950, juntamente ocorre o desenvolvimento de outras áreas da cidade o último exemplo desse período de auge na industrialização é a fábrica da COTADA, como cita Chaves (2001, p.48)

Em um espaço compreendido em torno de dez anos, 1949 - 1959 destacamos ainda uma outra linguagem e forma de expressão da arquitetura fabril de Pelotas. O prédio onde funcionava a COTADA, localizado também na zona portuária da cidade, entre as esquinas da Rua Benjamin Constant e Dona Mariana, datado de 1959 e construído pela firma Cisa SA, já faz parte de uma nova expressão atribuída aos prédios industriais do final da década de cinquenta, justamente quando a atividade fabril dava seus primeiros sinais de enfraquecimento na metade sul do estado.

Corroborando a isso Magnoli et al (2001, p.74) afirma que :

A mudança do projeto político – econômico nacional na década de 1930, com a industrialização baseada na substituição de importações, mesmo que centralizada no Sudeste do país e não alterando o papel secundário do Rio Grande do Sul, estabeleceu uma mudança no perfil da economia gaúcha. Ao poucos a pecuária cedeu espaço a agricultura e à indústria. A porção tradicionalmente mais próspera do sul do estado deixou de receber investimentos, e seus produtos foram perdendo valor nos mercados interno e externo.



Figura 27: Fábrica da Cotada.
Fonte: CHAVES (2001).

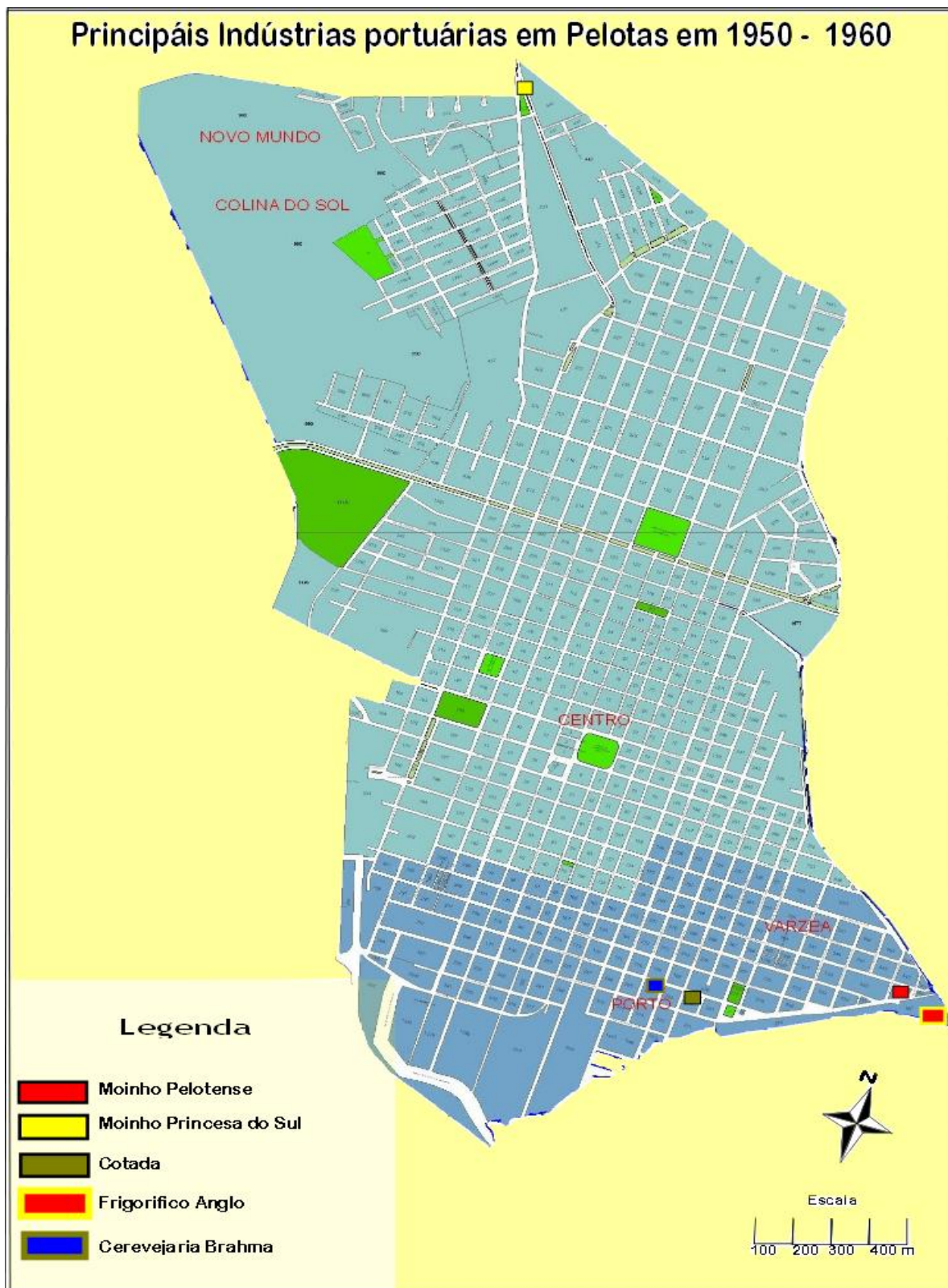


Figura 28: Principais Indústrias Portuárias em Pelotas em 1950 – 1960.
Fonte: CHAVES (2001) adaptado pelo Autor.

Eis então o fim de um período industrial, que podemos considerar como auge da industrialização de Pelotas, esses empreendimentos foram e são de grande importância na paisagem urbana, demonstrando a todos nós que apesar de abandonados, (exceto frigorífico Anglo adquirido recentemente pela UFPEL), elucidam muitas questões a cerca do nosso desenvolvimento e como a atual conjuntura da cidade tem essa configuração.

Abrem caminho para o desenvolvimento varejista que hoje se estabelece no centro, de certa forma essa expansão industrial manteve parte da população ainda convivendo no centro da cidade. É justamente essa contribuição na fixação no centro, que favorece a verticalização do centro e a sua posterior expansão para o norte.

4.3.3 Declínio da Atividade Industrial em Pelotas (1950 – 1970)

A questão sobre o declínio da atividade industrial em Pelotas, parece acompanhar de forma regular a queda dos valores dos produtos alimentícios industrializados, com o desenvolvimento das atividades fabris e a rapidez alcançada nos modais de transporte, o fator locacional deixa de ser responsável para a instalação de determinadas atividades industriais.

O desenvolvimento da técnica, mão de obra, e os incentivos fiscais, levam a um desmanche de certas regiões industriais que outrora eram vanguarda no processo industrial, os novos tipos de indústrias principalmente ligadas ao setor metal- mecânico e petroquímico, destacam-se no que tange ao desenvolvimento econômico do século XX, nesse período as grandes propriedades rurais que utilizavam de métodos e procedimentos antigos não acompanham mais o acelerado e intenso ritmo industrial, a não ser claro aquelas que se inseriam no chamado *agrobussines* onde a tecnificação e a introdução de modernas táticas de produção com investimento intenso de capital faziam girar uma produção nitidamente em escala.

No Brasil, o desenvolvimento de indústrias começa de forma mais forte em 1930, a transferência de capital do café para a cidade, faz com que mudasse o foco das atividades econômicas nacionais.

A adoção de um modelo de substituição das importações centralizou a atividade industrial em São Paulo, o que já se demonstrava um sinal de que o Rio Grande do Sul deveria estar sendo posto de lado.

A construção da Usina de Volta Redonda em 1943 no estado do Rio de Janeiro, evidenciava bem a nova matriz industrial que se seguiria, ou seja a adoção das indústrias de transformação ligadas ao setor metal mecânico.

O desenvolvimento da modal rodoviário nos fins do anos 1950, é o reflexo máximo da orientação industrial voltada para as indústria automobilística, junto a isso o abandono do uso do porto no transporte intra – nacional.

Dessa forma, os locais que oferecem condições de reprodução capital, e infra – estrutural para esse empreendimentos estariam na vanguarda do desenvolvimento industrial, nesse período.

Destaca-se ainda a urbanização do Brasil nesse período, não obstante o Rio Grande do Sul, nos anos 1960, já possuía a maioria da população vivendo em cidades.

Acelera-se então, um processo de desenvolvimento desigual entre as regiões do Brasil, e o mesmo processo ocorre no RS, puxado por São Paulo, a indústria no sudeste alcança a margem de 80% de participação no Brasil, seguida de longe pela Região Sul que tem como maior expoente o Rio Grande do Sul²¹.

Notadamente, a Região Sul possui um desenvolvimento industrial nesse período, um pouco diferenciado do que tange ao restante do país, volta-se ao mercado interno, de menor escala e por isso, de preços nem sempre convidativos aos produtos da agroindústria, isso afeta de forma significativa a economia não só de Pelotas mas em toda a chamada metade sul do estado.

Começa aqui de fato, o declino de nossa economia industrial, a cidade de Pelotas detentora ate a primeira metade do Século XX, de um status de segundo pólo econômico e cultural do estado, perde sua posição para cidade de Caxias do Sul que desfrutava de um parque industrial voltado ao setor de maquina fatura, o exemplo mais evidente é a fábrica de Carrocerias Marcopolo, a maior do Brasil e uma das maiores do mundo com filiais, no México, África do Sul e Portugal.

Outros exemplos são bem evidentes, a indústria do vinho e madeireira em Bento Gonçalves, a indústria calçadista em Novo Hamburgo, o pólo Petroquímico em Triunfo na Região Metropolitana²².

²¹ MAGNOLI, D (2001)

²² Idem Magnoli, D (2001, p. 60)

Forma-se assim a disparidade entre as regiões do Rio Grande do Sul, interessante divisão é efetuada pelo professor Alvaro Luiz Heidrich, quando divide o estado em três macro regiões a sul, nordeste e norte fig. 29.

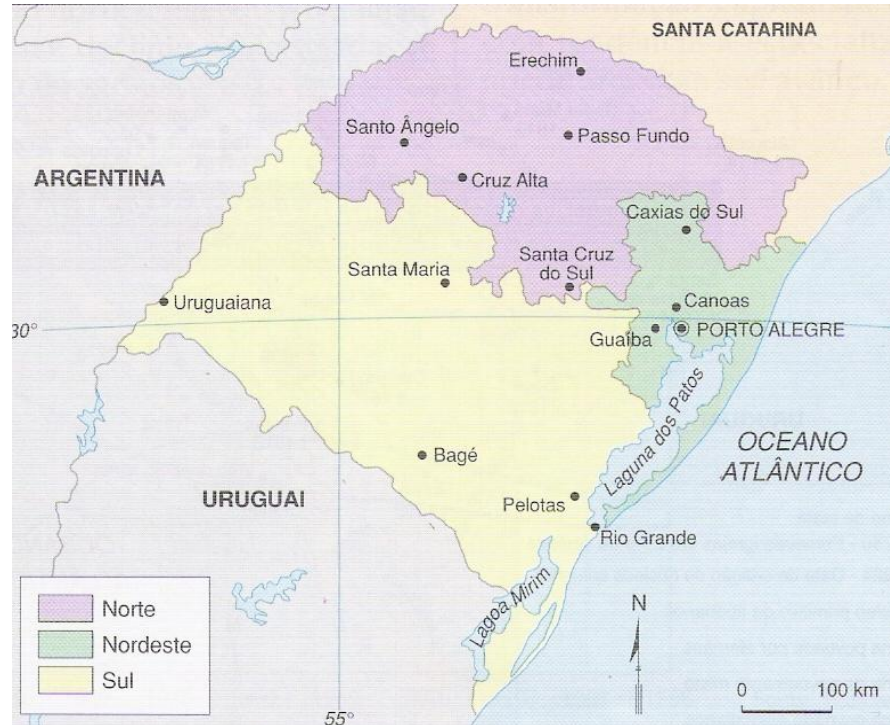


Figura 29: Divisão Geoeconômica do Rio Grande do Sul.
Fonte: HEIDRICH (2000)

A Região Sul do estado nesse panorama, dedica-se a agro indústria, principalmente a de conservas, liderada pela produção de pêssego, existe nesse contexto uma importante mudança na localização de tais empresas, ocorre o que se chama de abandono do porto, como requeriam espaços maiores e próximos as rodovias que facilitavam então o escoamento da produção, mas esse processo de instalação em locais “urbanos” só vai ocorrer nos anos 1970, antes na década de 1950, as principais indústrias localizavam-se na zona rural do município, como destaca BACH (2009, p. 138):

Na década de 1950 e início de 1960 houve o surgimento de numerosas fábricas artesanais na colônia de Pelotas, juntamente com um grande aumento de área nos pomares de pêssegos. Raro era o produtor que não tivesse um pomar de pessegueiro e que não entregasse sua produção para alguma fábrica. Os pomares proliferavam em vários distritos do município, conforme mapa da Secretaria Estadual da Agricultura no começo da década de 1960. Nestas áreas, os pomares se Tornaram uma visão constante e se destinavam exclusivamente ao abastecimento destas indústrias que começavam a se desenvolver ao longo das estradas principais, lado a lado umas das outras.

Esse rápido crescimento foi notado por grandes empresas que passaram a interessar-se pelo incipiente pólo de conservas em Pelotas como cita BACH (2009, p. 181) citando (DIÁRIO POPULAR, 23.08.1971, p. 4).

A área industrial de Pelotas já está cumprindo suas finalidades. Os empresários de outros estados da federação e mesmo do exterior já tomaram conhecimento do que está sendo feito aqui, graças às providências tomadas pelo governo do município. Os primeiros investidores, acreditando na região e vendo a infraestrutura já montada, começam a chegar. A indústria de conservas alimentícias Cicasul S.A. foi a primeira. Outra que vai radicar-se aqui no setor de conservas é a J. A. Veríssimo

Assim a instalação de grandes estruturas fabris registram-se em Pelotas:

A Cica precisou de muito pouco tempo para colocar a Cicasul na história de Pelotas, são 16.000m² de área construída, que hoje começa a funcionar a todo o vapor. Primeiramente vão ser industrializados pêssegos e tomates e dentro de pouco tempo aspargos, morangos, figos, pepinos, sucos, etc. A Cica trouxe para Pelotas o que existe de mais moderno em maquinaria para a Indústria da Alimentação (BACH, 2009, p. 181) ((DIÁRIO POPULAR, 10.12.1971, p. 6)

Contudo a concorrência dos produtos industrializados vindos do Uruguai, Argentina, que já havia contribuído na destituição do sistema frigorífico que havia no Rio Grande do Sul, (também pela concorrência oferecida pela economia platina), contribuem para oferecer concorrência desvantajosa ao pêssego nacional. .

O que vem a contribuir também na perda econômica da indústria local é a perda de rendimento que o pêssego tem na produção:

O pêssego proporciona baixo rendimento industrial. Em média, as perdas situam-se em torno de 45% do total adquirido, devido ao pequeno tamanho da fruta e aos defeitos ocasionados pela incidência de pragas e moléstias. Isso torna-o uma matéria-prima de custos relativamente altos, atingindo cerca de 40% do custo industrial de 1 kg de pêssego enlatado (Grando, 1989, p. 125)

Outro fator como relatado anteriormente é o fraco mercado para o produto, como atendia ao mercado interno, o Pêssego não poderia servir por muito tempo como única matriz de produtos industrializado e manter uma grande crescimento econômico, nada contra o produto e seus produtores, e diga-se aqui novamente que a produção em pequenas propriedades é bem vinda para as famílias que ali residem e trabalham, contudo a produção em grande escala tende a ser predatória para os pequenos produtores da área rural de Pelotas.

Assim, gera-se um círculo vicioso que vai justamente tender-se a afunilar, ou se vende para a grande indústria ou o produtor não tem condições de competir no mercado, com um parque fabril defasado.

As empresas, por sua vez, defrontam-se com um mercado consumidor relativamente restrito para o produto que oferecem. Formam um parque industrial economicamente fraco (como de resto é, de um modo geral, a indústria de alimentos no Brasil, apesar de ser das mais importantes em geração de valor e de emprego de mão-de-obra), devido ao baixo poder aquisitivo da sociedade, que torna o consumo interno de alimentos industrializados relativamente inexpressivo.

As empresas de conservas de Pelotas mantêm, de modo geral, um baixo nível de investimentos nas suas próprias instalações e não estão em situação de poder impor, junto aos camponeses, as condições para uma produção de matérias-primas mais adequadas ao processo industrial. (Gando, 1989, p.126)

Como Bach (2009, p. 14) justamente aponta em seu trabalho de Mestrado²³ a cerca da indústria do Pêssego em Pelotas, existe um apogeu e declínio dessa indústria:

A pesquisa foi centrada entre os anos 1950-1970, porque essas décadas representaram, respectivamente, o crescimento, o apogeu e o declínio das fábricas de compotas da zona rural do município de Pelotas, conforme levantamento efetuado durante a pesquisa e a compilação de dados. Como demonstrativos disso, temos registradas trinta fábricas nos anos 50, cinquenta e sete na década seguinte e, em 1970, já se observava um declínio significativo, com apenas vinte e nove unidades fabris em funcionamento. A área do trabalho compreende o município de Pelotas², antes das emancipações dos Distritos de Capão do Leão, Morro Redondo, Turucu e Arroio do Padre, que totalizava cerca de 3000 km².

Atualmente, o parque fabril que era ocupado por grandes indústrias Cicasul e Veja não mais são usados na atividade conserveira, o primeiro transformou-se no centro de eventos da Fenadoce (Festa Nacional do Doce), e o segundo após o fechamento está trancado²⁴, muitos outros empreendimentos próximos na Av. Fernando Osório também se encontram fechados, novamente como ocorreu no início do século quando a indústria de grande porte e capital (muitas vezes estrangeiro que tomou o lugar da indústria local), tornam-se abandonadas logo após os ciclos industriais.

²³ O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL RURAL: AS FÁBRICAS DE COMPOTAS DE PÊSSEGO EM PELOTAS – 1950 a 1970.

²⁴ MUNICÍPIO E ESTADO REAVALIAM EQUIPAMENTOS DA ANTIGA FÁBRICA VEGA

Junto a isso, podemos também explorar as novas formas que a indústria começava a estruturar conforme a terceira revolução industrial, e os novos métodos de produção mais flexíveis, juntamente a internacionalização do capital e da comunicação e a crise do petróleo nos anos 1970.

No Brasil, a inflação sem controle parecia corroer o poder de consumo da população, contudo setores terciários passaram a ocupar e manter a hegemonia na distribuição econômica implode ai a cidade industrial da segunda revolução e abre-se caminho para as relações de consumo de uma sociedade burocrática, o modelo de substituição das importações estava tornando-se menos expressivo e a sociedade começava a experimentar seus estágios de abundancia, consumo e lazer, tudo se tornava um grande comércio, os Shoppings Centers, as Redes de Magazines e a maximização da produção, encaminham para um salto de quantidade de produtos jamais visto na história mundial e no Brasil.

Essas relações trazem consigo, mudanças muito mais rápidas aos modos de vida nas cidades, principalmente as médias e grandes como Pelotas, não sobrando alternativa ou mesmo vislumbrando esse fato como “salvação da lavoura”, a cidade destaca-se por ser um pólo de comércio, não que essa atribuição não pode-se ter sido lançada antes, principalmente nos períodos de maior pujança econômica, mas é nessa época (1980) que o comércio passa as outras atividades econômicas em valor e assim contribui para a produção do espaço urbano.

Nos anos 1980 o comércio então começa a responder pelo emprego da população, é o visual de uma sociedade cujo passado industrial ainda se fazia presente nos prédios abandonados no Porto e na Zona Norte e Leste e Norte da cidade.

Tradicionalmente a área a ser destinada ao comércio é o centro, na época oferecia vantagens em relação a outras áreas da cidade, primeiro pelo aspecto histórico tanto pelo casario tradicional, mas pela idéia de centralidade histórica, nada mais normal que a cidade volta-se ao comércio central, local de maior circulação e atividades urbanas é no centro que se localizam os bancos as escolas e o tradicional comércio e destino das linhas de ônibus e a população residente.

Mesmo bairros grandes como o Fragata e o Areal, ainda hoje possuem uma ligação muito estreita com o Centro que registra as maiores superfícies varejistas na cidade.

Dessa forma, o período Industrial de Pelotas, encerra-se após três estágios bastante diferentes, um primeiro no inicio do século voltado ao mercado local e diversamente especializado, que encerrou a cidade político/industrial, um segundo estágio de 1930 a 1950,

considerado auge e caracterizado pela indústria alimentícia, e pela monumentalidade de suas indústrias, e um terceiro de declínio baseado no apogeu e decadência da indústria de conservas entre 1950 e 1970.

No que tange a distribuição espacial, o primeiro estágio ocorreu no centro da cidade, área que até o início do século XX compreendia todo o município, o segundo instala-se no Porto, hoje região administrativa do centro, e o terceiro inicia-se na zona rural e tem seu fim na instalação de grandes superfícies longe do centro na zona norte e leste da cidade.

Claro que os locais que hoje consideramos centro nem sempre tiveram essa nomenclatura, mas hoje estão dentro da paisagem central, tanto é verdade que o centro cada vez mais se direciona ao norte da cidade.

Hoje podemos então dizer que o centro já foi político/industrial e que agora passa a ser comercial.

4.4 O comércio e a produção do Centralidade.

A definição de centro e sua centralidade não é feita de forma simples, o centro nem sempre é o Geográfico é muitas vezes o centro produzido após as primeiras demarcações, mas o que garante a centralidade é o fator deslocamento.

Assim, atribuímos a centralidade atual ao comércio não só pelo fato da proximidade, mas principalmente pelo fato que os tradicionais centros de qualquer cidade tem em sua constituição inicial a residência de populações de maior renda, o comércio tende a se estabelecer próximo as essas zonas residências abastecendo-as, lembramos que no século XIX e no início do Século XX, as atividades urbanas exigiam certa proximidade e os transportes eram mais escassos, desenvolver não só a atividade comercial, mas cultural e administrativa perto das residências era uma questão de vantagem econômica.

Pelotas é uma dessas cidades em que o centro é o local de instalação das elites, os relatos de atividades comerciais revelam que existiam inclusive ruas destinadas ao comércio no centro, como a Felix da Cunha e a XV de Novembro, o mais interessante é que hoje a rua mais representativa no comércio local é a Andrade Neves, exatamente paralela a XV que é paralela a Felix da Cunha.

O crescimento urbano se deu primeiramente para o Sul, em direção ao canal do São Gonçalo, logo após começa em direção a zona norte do atual centro, em 1922 já existia projetada essa configuração do centro atual, claro que com o crescimento populacional no século XX a

cidade cresce e forma bairros residências que disputam com o centro em número de população o primeiro desenvolver-se em tamanho é o Fragata, segundo a planta de 1947 Fig.30, podemos destacar o novo traçado que a cidade passa ter.



Figura 30: Planta da Cidade de 1947.

Fonte: Lopes (2007)

Contudo a população ainda tem referência no centro como sendo o local onde ocorre às principais atividades urbanas, o comércio a varejo é a que ocupa posição de destaque na paisagem urbana, para destacarmos melhor esse papel da centralidade buscamos auxílio no referencial proposto por Vieira (2005, p. 164) que trata da fragmentação do espaço em Pelotas:

A partir destes três indicadores trabalhados anteriormente: a centralidade, o preço médio do metro quadrado do terreno e a renda média dos chefes em domicílios particulares permanentes, far-se-á a construção de uma categoria diferenciada para análise dos indicadores sócio-espaciais, relativos ao espaço urbano de Pelotas. A centralidade é a representação da consolidação de valores ao longo do tempo, que conferem ao centro uma hierarquia de ordem superior em relação às demais áreas da cidade. O preço médio dos terrenos, evidencia as possibilidades de acesso ao solo urbano. E, por fim, a renda dos moradores indica a capacidade de acesso ao solo urbano. Todos os indicadores se justificam na construção da categoria circuito sócio-espacial.

Dessa forma, divide a cidade em Circuito Central, Intermediário, Periférico e Especial, destaca o circuito Central pela:

A grande concentração de quase todos os equipamentos no Circuito Central, torna esta área da cidade privilegiada em relação às demais. É a área onde reside a parcela da sociedade que ganha os melhores salários, pode pagar os

preços mais elevados para o mercado imobiliário e, paradoxalmente, recebe os maiores benefícios em termos de investimentos públicos e privados.(Vieira, p. 218)

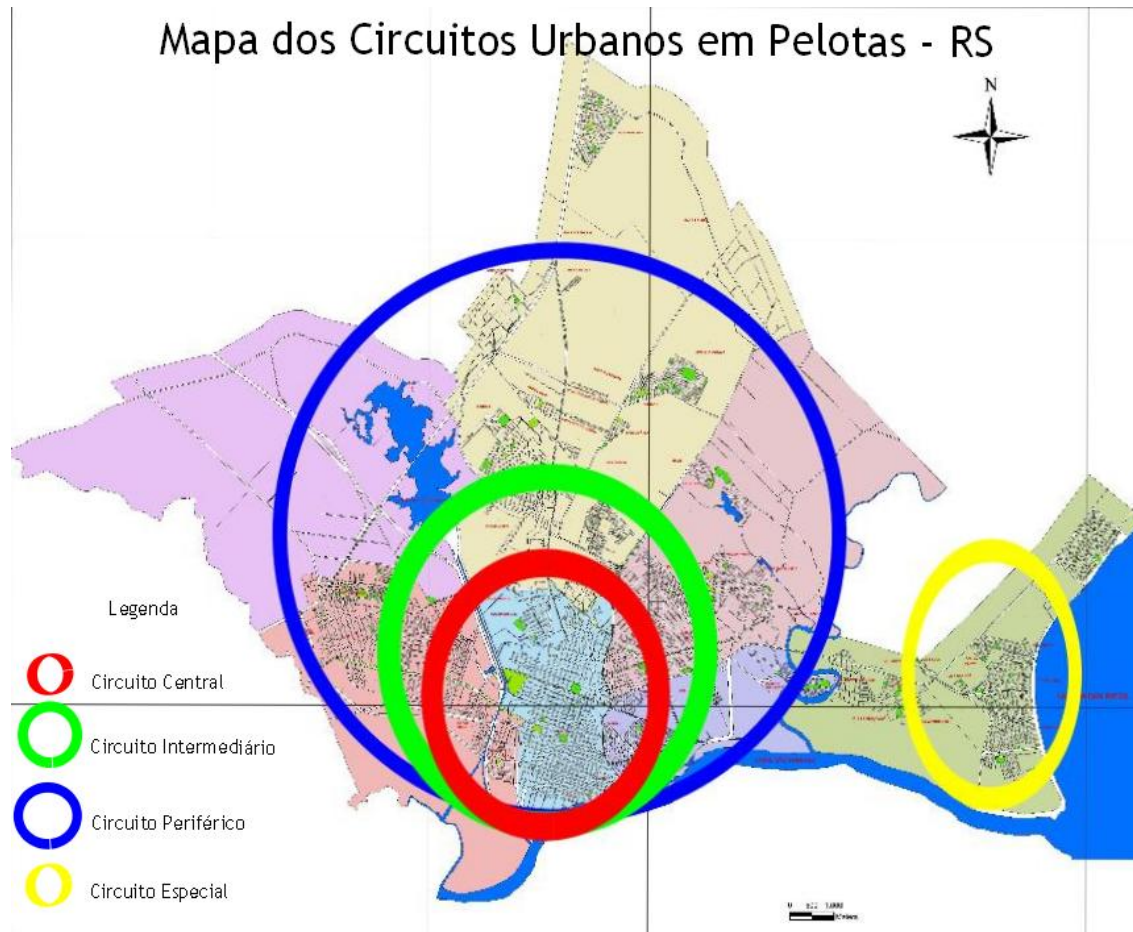


Figura 31: Mapa do Circuitos Urbanos em Pelotas – RS
Fonte: Vieira (2005)

4.5 A Verticalização do centro de Pelotas

Definir a atual conjuntura do centro como comercial, depende principalmente de entender como se define tal conceito, com a industrialização da área portuária, a fixação da população no centro é um processo considerado natural, vias de regra a área central ainda possuía espaço para garantir o centro como local de moradia e de permanência de comércio, no entanto nesse período ocorre a modernização do espaço central, Lopes (2007, p. 24) faz uma análise a cerca da modernização da cidade:

Em 1947 um ambicioso plano de saneamento elaborado pelo escritório Saturnino de Brito, objetivando a ampliação dos serviços de água e esgotos para os bairros Fragata (Vila Hilda, Barros, Silva e Canela), Três – Vendas

(Avenida Fernando Osório e Vila Rotschild), Areal (Avenida Domingos de Almeida), Centro (Vila Castilhos e Várzea) e bairro da Luz, foi executado

No que tange ao varejo, já constavam em Pelotas na década de 1940 e 1950 forte atividade comercial como diz Lopes (2007, p. 34)

Os dados do comércio nas décadas de 1940 e 1950 indicam a importância do setor na economia da cidade: em 1940, existiam na cidade 729 pequenos estabelecimentos comerciais, com um total de 1.884 funcionários, e mais 145 grandes estabelecimentos comerciais, com 1.430 funcionários. No ano de 1950, havia 861 estabelecimentos de comércio menor (2.284 funcionários) e 151 estabelecimentos de comércio maior (1.735 funcionários)

Pelotas já nessa época contava então com importante aparelho comercial, o desenvolvimento das atividades de varejo garantia ao centro segundo Lopes (2007, p. 38) destacada em relação às áreas periféricas, pois:

De fato, a cidade crescia e se modernizava. A construção de edifícios comerciais nas principais ruas do centro revela a dimensão do desenvolvimento econômico e urbano da cidade, já que os mesmos eram construídos para abrigar atividades tipicamente urbanas, como escritórios médicos, de advocacia, contábeis, de engenharia e de representações comerciais. A valorização das ruas comerciais se efetivava com a construção dos altos edifícios, alguns com finalidade residencial; o que implantou também uma nova forma de viver e morar na cidade.

Deste modo, se produzia uma diferenciação entre o espaço central, monumental e moderno, e um espaço periférico, onde se mesclavam as incipientes marcas da paisagem urbana em transformação e um ambiente ainda rural. O espaço central, dotado de novas infra-estruturas e de intenso movimento comercial, é também um espaço onde diversos agentes passam a se movimentar de acordo com seus interesses imediatos e futuros. Todas estas mudanças na paisagem da cidade; revelam também uma nova ideologia urbana qual os altos edifícios se impõem no cenário da urbe, como os ícones máximos do processo de modernização e indicativos de prosperidade.

A modernização do espaço central dos anos 1930 – 1940 foi materializada como verticalização do centro o primeiro exemplo da verticalização é o edifício Glória Fig.32 e 33 conhecido ponto Comercial de Pelotas, com edifício de 4 andares e 5 pavimentos com loja, esse ponto instalou-se um dos comércios mais lembrados de Pelotas a Loja Mazza, localizada na esquina da Floriano com Andrade Neves é um dos pontos de maior circulação de pessoas na cidade.



Figura 32: Edifício Gloria nos início do século XXI
 Fonte: Chaves (2007)



Figura 33: Edifício Gloria em 2010
 Fonte : Pesquisa do Autor (2010)

No que concerne a verticalização do centro, o segundo ponto que podemos citar é a construção do edifício da Associação Comercial de Pelotas Fig. 34 e 35 1942, possuindo nove andares, é um marco na paisagem urbana, com seu posicionamento na esquina das ruas Quinze de Novembro, e Sete de Setembro, Chaves (2001, p. 45) cita que:

As grandes cidades brasileiras tiveram sua fisionomia transformada quando da intensificação da verticalização da arquitetura brasileira na virada das décadas de 1930 para 1940, com a disseminação e a popularização do uso do elevador.

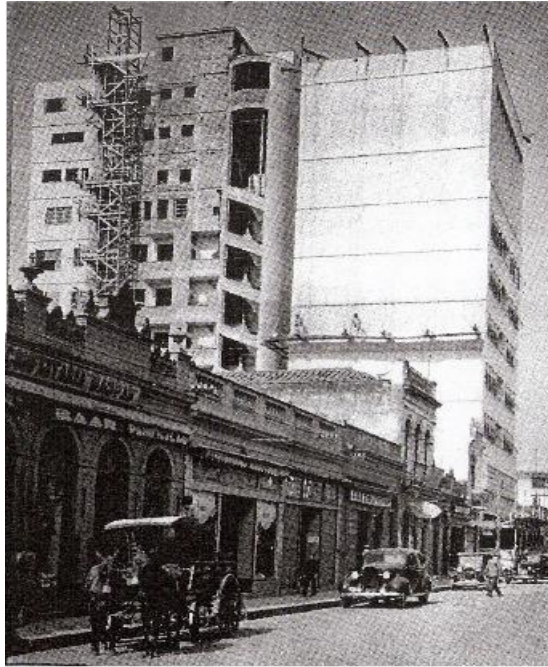


Figura 34: Edifício da Associação Comercial de Pelotas em 1940
Fonte: Chaves (2001)



Figura 35: Associação Comercial anos 1990.
Fonte: Chaves (2001)

A verticalização do centro fora impulsionada de forma mais efetiva nos anos 1950, pois em 1948 por decreto lei nº76, todos os edifícios do centro deveriam possuir ao menos três andares²⁵, assim ocorre o desenvolvimento das verticalização no centro combinando edifícios de uso comercial e de serviços, mas e principalmente residencial.

Em 1942 é fundado o edifício APIP em Pelotas, Fig. 36, endereçado na rua Anchieta 1977, conta com treze andares, sendo utilizado como residência e serviço imobiliário.



Figura 36: Edifício APIP.
Fonte: Pesquisa do Autor (2010).

Nos anos 1950, começa o mais intenso período de verticalização do centro, demonstrando assim o dinamismo econômico atingido no período de auge da industrialização, fixando a população de maior renda na área central, mesmo que o crescimento populacional nesse período fosse bastante intenso (e esse fato é importante, pois mesmo que a cidade cresce-se de forma horizontal em direção ao bairro Fragata), o centro ainda possuía as melhores condições de

²⁵ Em 1947, foi elaborada uma nova planta do município apontando o crescimento para o bairro Fragata e uma nova rede de saneamento na cidade englobando áreas fora do tradicional centro.

usos, um exemplo é ao asfaltamento das ruas, sendo as ruas centrais as primeiras a serem dotadas desse tipo de calçamento como Anchieta, Marechal Deodoro, foram instituídas também a mão única e semáforos nas Marechal Floriano e Andrade Neves.



Figura 37: Hotel Rex
Fonte: Chaves (2001).

O primeiro edifício mais elevado construído nos anos 1950 foi o hotel Rex, com 6 andares localizado na Praça Coronel Pedro Osório 205.

Logo após a construção dessa obra, inicia-se uma nova fase no que tange a construção de edifícios com altura elevada no centro de Pelotas, e tem como marca principal localizarem-se próximos a Praça Coronel Pedro Osório, na época o lugar de residência das classes de maior renda.

Transforma-se o espaço urbano, que passa a constar com melhorias urbanísticas nas praças e calçadas, essas transformações possibilitaram a constituição de um centro residencial e comercial dinâmico.

Contudo, o primeiro grande edifício (altura e largura), construído em Pelotas, está fora desse perímetro na Rua Alberto Rosa, trata-se do edifício Presidente Vargas (1954), com nove andares que em sua composição apresenta comércio no térreo e apartamentos nos andares posteriores, é um edifício que até pouco tempo encontrava-se em estado de conservação bastante danificado, atualmente fora todo pintado destacando-se na paisagem local, pois, seus arredores são compostos por residência de no máximo dois pisos.

No ano de 1955, a cidade ultrapassa os 10 andares com três edifícios de uso residencial e comercial, destaca-se o Edifício Ferraz Vianna com 11 andares localizado, na Rua Andrade Neves esquina Voluntários da Pátria, no calçadão de Pelotas, Fig.38.



Figura 38: Edifício Ferraz Vianna
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No mesmo ano, o Edifício Itatiaia Fig.39, com 12 andares é fundado na Rua Quinze de Novembro quase esquina Sete de Setembro de frente para a Associação Comercial.



Figura 39: Edifício Itatiaia.
Fonte: Pesquisa do autor (2010)

Logo após é fundado o Edifício Princesa do Sul Fig. 40, na rua Anchieta, de frente ao edifício Apip, contando com 14 andares e destinado a uso comercial.



Figura 40: Edifício Princesa do Sul.
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No que tange a Praça Coronel Pedro Osório, destacam-se seis edifícios construídos entre 1956 e 1975.

O primeiro deles, foi o Sul Banco 1956, comercial e residencial com 8 andares Fig.41, seguido pelo Assumpção Rheingantz em 1957, residencial com 14 andares Fig.42, no mesmo ano Jose Del Grande com 12 andares.



Figura 41: Edifício Sul Banco
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 42: Edifício Assumpção Rheingantz (1957) e Edifício Barão de Jarau (1975).
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 43: Edifício Jose Del Grande
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Durante os anos nos anos 1960, surgiram o Edifício Álvaro Rosa colado ao Edifício Minuano Fig. 44, e Embaixador 1970, e em 1975 o edifício Barão de Jarau na Praça Coronel Pedro Osorio.



Figura 44: Edifício Embaixador e Álvaro Rosa
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Nos anos 1950, ainda registra-se a construção do edifício Ferreira Diniz em 1957, na Rua General Neto, e edifício Santo Antônio em 1955 na Rua Princesa Isabel esquina Gonçalves Chaves.

Nos anos 1960, ocorre uma diminuição na construção de edifícios elevados na cidade, destacam-se nesse período o Banco Do Brasil (1965), Fig. 45, localizado na Rua Lobo da Costa Esquina General Osório, e a Galeria Zabaleta na Rua General Neto numero 666, (1966).

Nos anos 1970 e 1980, registram-se poucos investimentos nessa tipo de construção, mais precisamente em 1978 o Solar Santa Anna na Rua Sete de Setembro Esquina Santa Cruz, em 1980 Residencial Butui na esquina com Gonçalves Chaves, e o Panorâmico 1986 na esquina da Rua Voluntários da Pátria com Marechal Deodoro.



Figura: 45: Várias Temporalidades do Presente, Teatro Guarani 1922, Edifício Reighantz 1955 e Banco do Brasil ao Fundo 1965.
Fonte: Pesquisa do Autor (2010).

Edifício Albert Einstein em 1989, localizado na Rua Sete de Setembro entre Gonçalves Chaves e Felix da Cunha.

Todos esses edifícios possuindo entre 12 e 14 andares, demonstram esse período de verticalização que o centro de Pelotas teve entre os anos 1940 até 1990, essa questão é muito importante, vincula-se no início a moradia e logo após moradia com comércio sendo nos anos 1980, a construção de edifícios puramente comerciais, fenômeno que atinge os centros das cidades médias Brasileiras

4.6 A Expansão da Centralidade, o crescimento horizontal do Centro

Essa expansão que via de regra ocorre em Pelotas em direção a zona norte do centro, temporalmente confunde-se com a verticalização do centro, iniciando-se nos anos 1950, não se trata em um primeiro momento do estabelecimento de comércio, mas sim de deslocamento residencial de classes de maior renda.

Esse fato foi possível, pois com o crescimento urbano houve a necessidade de efetuar-se melhoramentos na estrutura urbana, quando se efetuaram essas medidas os primeiros lugares que as receberam foram de fato os primeiros a serem ocupados, numa época em que o automóvel apesar de presente na paisagem urbana não era de uso corrente das pessoas a expansão da centralidade vai ter como reflexo a ocupação de áreas próximas ao centro, como o Porto, estava ocupado com a atividade fabril, e o centro encontrava-se cada vez mais congestionado e inchado, busca-se uma área com mais espaço para a habitação, a zona norte do atual centro na época conhecida como Bairro da Luz, começava a oferecer condições para o assentamento residencial, a construção da caixa d'água em 1952 Fig.46, na Rua Andrade Neves esquina Pinto Martins, e com as melhorias no sistema de saneamento e o loteamento de terrenos maiores a preços mais baratos tornaram-se um bom negócio para as classes de maior renda.

Com o advento dos anos 1960, torna-se comum a construção de residências de maior valor e tamanho nessa área, deslocando então as camadas de renda mais elevada, inúmeros são os exemplos de residências, Fig. 47, 48,49, 50,

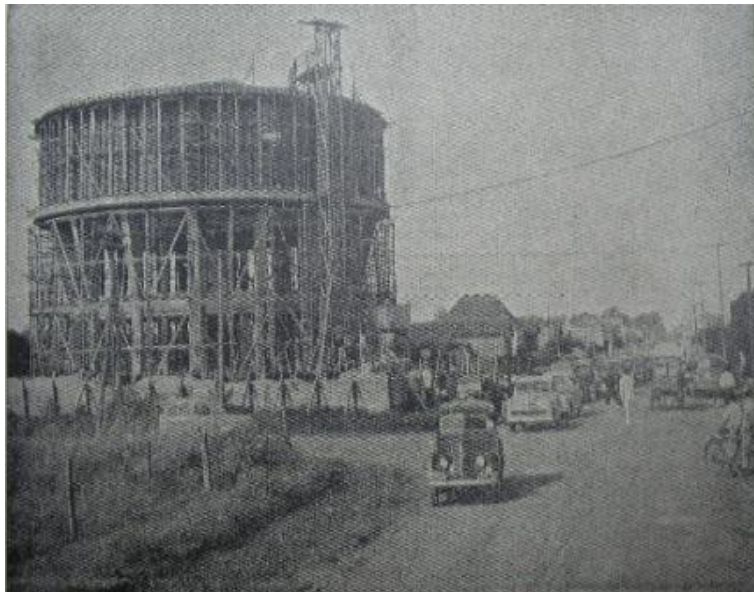


Figura 46: Instalação da Caixa d'água
Fonte: Lopes (2007)



Figura 47: Residência na Rua Andrade Neves
Fonte: Chaves (2001)



Figura 48: Residência na Rua Marechal Deodoro
Fonte: Chaves (2001)



Figura 49: Residência na Rua Andrade Neves
Fonte: Chaves (2001)



Figura 50: Residência na Rua Andrade Neves
Fonte: Chaves (2001).

Quando se atravessa a Avenida Bento Gonçalves em direção ao Norte, andando cerca de duas ou três quadras a diferença na tipologia residencial em relação ao centro aparece de forma bastante nítida, são casas com jardins e laterais amplas, ruas mais largas e inclusive as transversais. Crescente é o número dessas residências na Av. Dom Joaquim onde é o Limite Norte do Centro da cidade.

Outro fator que é levado em consideração foi a partir de 1968, com a construção da Cohabpel, nos finais das ruas Gen. Osório, Deodoro e Santa Tecla, tratam-se de cerca de 800 apartamentos, com mais de 4000 residentes, outro Destaque é a chamada Colina do Sol, onde tem se construído a cerca de 20 anos um bairro também destinado a atender classes de maior renda.

Com esse crescente número de residências, a tipologia comercial tende a se deslocar, formando o que chamamos de novas expressões de centralidade, reflexos da expansão da centralidade urbana.

O primeiro grande estabelecimento comercial a se localizar nessa área, destina-se ao varejo foi uma revenda de Autos, a Panambra em 1959 (Andrade Neves esquina Dom Joaquim), outro grande estabelecimento é o Super Mercado Real (Hoje nacional), que estabeleceu-se em meados dos anos 1970.

Contudo o desenvolvimento varejista mais acentuado vai justamente ocorrer a partir dos anos 2000, onde empresas começam a instalar-se na área considerada nobre, oferecendo produtos

e espaços mais refinados, tratam-se de academias, choperias, butiques e lojas especializadas em produtos para classes mais altas.

Como dito anteriormente Shoppings Centers (projeto ou não instalados), procuram estabelecer-se próximos a esse perímetro, dois fatos são levados em conta, essa área ainda tem terrenos grandes que podem ser ocupados por grandes estabelecimentos comerciais, e claro existe a evidente idéia de abastecer as populações mais próximas com rendas mais elevadas.

Na cidade essa questão merece uma atenção especial, quando o Hipermercado Big, procurou estabelecer-se no entroncamento das Av. Bento Gonçalves e Juscelino Kubistchek no limite entre o Centro e o Bairro Navegantes, próximo ao condomínio Village Center, tendo em vista o aproveitamento da população residente pensava-se que seria um investimento que pouco contribuiria a essa área, contudo desde 2002 quando se instalou até hoje a área em torno observou múltiplas mudanças, claro era uma área que ainda tinha possibilidades de crescimento imobiliário.

Observa-se aqui que a expansão da centralidade, gerou dois tipos interessantes de expressão de centralidade, no primeiro caso, lojas isoladas em busca de um cliente específico, e no segundo a busca do mercado consumidor de massa, ambos produzem espaço e modificam seu entorno.

Nesse ponto a cidade se transforma, implode antigas relações espaciais, e explode no consumo do espaço e espaço de consumo.

5. O PAPEL DO COMÉRCIO NA PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA.

Podemos entender esse momento por duas vias que são separadas e juntas ao mesmo tempo, a primeira, pela ordem distante, a ordem mundial, a segunda por uma ordem próxima, local.

No que tange a ordem distante, nomeamos já as principais transformações que passaram a ocorrer na vida cotidiana em países como os EUA e França, que atingem o status de sociedades de consumo e abundancia temporalmente os anos 1960 e 1970.

No caso da realidade Brasileira, podemos tomar como ponto de inflexão a década de 1990, nessa época, ocorre a abertura econômica do Brasil, privatização de empresas públicas e passa-se a permitir entrada de empresas estrangeiras no mercado nacional, bem como regulamentar a importação de automóveis e acabar com a reserva da lei de informática, esse foram os primeiros passos dados para o aumento significativo dessa inserção brasileira na economia – mundo.

Opta-se em 1994, por um plano econômico e institui-se uma nova moeda, com paridade ao Dólar²⁶, e a abertura do mercado nacional, é nesse ponto que podemos verificar as maiores mudanças no varejo Brasileiro, novas marcas, novos produtos e novas tendências.

De um universo de 4 montadoras, parte-se para um multifacetado mercado de veículos, para todos os gostos e bolsos, institui-se o carro popular, na informática as marcas estrangeiras tomam conta do mercado, antes restrito por causa da lei de reserva, o mercado calçadista acostumado com as tradicionais marcas nacionais tem agora a forte concorrência de empresas americanas européias. A telefonia e a siderurgia saem do controle do estado e vão para a iniciativa privada.

Dessa forma, compreendemos que os anos 1990 são fundamentais na realidade da atual conjuntura do comércio, nota-se principalmente a partir dos anos 2000, o papel da China no mercado mundial, fornecendo produtos indústrias a custos mais baratos e produzidos em série, ao passo que os países considerados centrais ou do G7²⁷, tendem agora a produzir bens de maior valor agregado ou se especializar no setor terciário.

²⁶ Cada Dólar custava 0.85 centavos de real em dezembro de 1994.

²⁷ Sete Países mais desenvolvidos do Mundo, EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá.

Pelotas se destaca por ser um importante pólo comercial no Rio Grande do Sul, com o mais de 60% do PIB, obtido na atividade terciária, a cidade se especializa no comércio a varejo após longo ciclo industrial.

No início dos anos 1980, através de políticas de Plano Diretor, a cidade impõem zoneamentos para as atividades econômicas e impõem ao centro uma área de comércio Central a ZCC²⁸, com isso define esta como área privilegiadas a as atividades comerciais, reforça essa convicção a construção do Calçadão no ano de 1982, as saída da Rodoviária do Centro na mesma época, redistribui as atividades indústrias em um distrito industrial longe do centro, e estabelece zoneamentos residências, contribuindo a isso Vieira (2005, p. 153) analisa:

O período de 1978 a 1982 foi, portanto, para Pelotas, um período pleno em investimentos urbanos que, efetivamente, foram capazes de mudar a estrutura da cidade. Considera-se dessa época a melhoria em uma série de infra-estruturas urbanas que representou a modificação em padrões de valor do solo pela melhoria de determinadas áreas.

Caracteriza então, o centro mais precisamente o entorno do calçadão como área privilegiada ao comércio nessa área estão as principais unidades de administração e os bancos.

Ai que começamos a entender essa dinâmica de produção da centralidade atual, até os anos 1980, a organização da estrutura comercial obedecia via de regra essa posição hierarquia do centro com equilíbrio entre as lojas locais e as redes.

Contudo, com as transformações na economia e um número maior de empresas passam a disputar o mercado, ocorre uma rápida mudança na atividade comercial, as empresas que se adaptaram a esse novo tipo de comércio, que Cachinho (2002) chama de Pos – Modernidade²⁹, onde a marca é o produto, e o produto nem sempre é o objeto de consumo.

É ai que reside a mudança no papel da centralidade no comércio, antes nos anos 1980 a economia local e o centro único com as políticas de concentração do comércio no centro, garantiam a capacidade e produtor dessa centralidade.

²⁸ Ver em Anexo a Lei dos Zoneamentos, e o mapa com a tal divisão efetuada na cidade. Atualmente a divisão obedece a divisão de macro regiões.

²⁹ Pos - Modernidade entendida como fenômeno dos anos 1990 no comércio em Portugal, transformação semelhante ocorre no Brasil, nesse contexto, novos atores se inserem na venda a varejo, tais como promotores imobiliários, publicitários, decoradores, tais profissionais trabalham no intuito formar uma idéia de consumo de fixar novos produtos no imaginário dos consumidores e produzir espaços de comércio variados que atendam ao objetivo das marcas.

Contudo a partir principalmente no fim da década de 1990, com a desvalorização do real, e a concorrência muito forte das redes internacionais o comércio passa a então sair de um estágio local para se tornar global.

É ai que mudam as relações com o espaço, o espaço de representação que o comércio detinha na cidade, passa a ser uma representação do espaço comercial, as marcas as redes, transformam as antigas estruturas, com isso implode (concentra) com o aumento da oferta e explode pois necessita ocupar um espaço cada vez maior na vida cotidiana.

Assim nesse contexto, busca-se aumentar o centro, disso então os valores de centralidade serão explodidos e irão fragmentar-se no espaço urbano.

Em Pelotas, o deslocamento da centralidade que anteriormente não havia conseguido expandir as expressões de centralidade, e agora o faz de forma rápida, levando esses valores para as áreas periféricas do centro.

Distingue-se ai, os dois centros, o novo voltado ao moderno às representações do espaço, e o antigo um espaço de representação demonstrando para nos sua composição histórica.

Por isso o uso do método regressivo progressivo, através da decomposição das diferentes temporalidades do presente que nos fornece fundamentação para efetuar uma pesquisa que possa estruturar uma investigação sobre a produção da centralidade através do comércio.

Abre a possibilidade de verificar com as decomposições das temporalidades da cidade na atualidade revelam essas diferentes formas de produção do espaço urbano, atualmente parece que a ordem distante e as representações dos espaços principalmente na questão da mercadoria como elemento social de representação, tem demonstrado uma sociedade de consumo, assim fragmenta o espaço, divide o que antes era único.

Nesse período, apesar da venda a varejo estar sempre ligada ao objeto de consumo das mercadorias, a forma como era efetuada as compra e a venda sempre retratava uma relação de proximidade com o espaço, atualmente essa proximidade está fundada na posse de um símbolo, muitas vezes esses símbolos consomem o próprio indivíduo,³⁰ assim não importa o local que é efetuado essa compra, no “centro tradicional”, ou no “centro novo” o que importa é a aquisição de algo. Por isso, é tão necessário a análise ter o prisma da representação do espaço e sua interligação com a ordem distante.

³⁰ Cachinho (2002) comenta que essa transformação transforma o consumidor em *metaconsumidor* aquele consumido pelo produto, que através de propaganda e imagem transformasse na própria vida do consumidor, essa questão.

Serviços Financeiros	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2
Clinica Dentária	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Correios	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Lotérica	0	0	0	0	0	0	1	3	0	4
Sub-Total	2	2	1	0	2	0	5	4	0	16
Galeria Comercial	0	2	1	1	0	0	1	1	0	6
Sub - Total	0	2	1	1	0	0	1	1	0	6
Tabacos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Imóveis, Aluguel ou Fechados	1	1	0	1	1	0	3	1	0	8
Sub - Total	1	1	0	2	1	0	3	1	0	9
Total	19	16	23	25	12	7	16	18	14	150

Trecho 1 Andrade Neves entre Cassiano e Voluntários
 Trecho 2 A . Neves entre Voluntários e Neto
 Trecho 3 A . Neves entre Neto e Sete de Setembro
 Trecho 4 A . Neves entre Sete de Setembro e Mal. Floriano
 Trecho 5 A . Neves entre Mal. Floriano e Lobo da Costa
 Trecho 6 A . Neves entre Lobo da Costa e Tiradentes Praça 7 de Julho
 Trecho 7 VX de Novembro entre Sete de Setembro e Mal. Floriano
 Trecho 8 Sete de Setembro entre A . Neves e XV de Novembro
 Trecho 9 S. Setembro entre A .Neves e Gel. Osório

Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No trecho 01, destacam-se comércio de móveis, com grandes superfícies, como ilustra a Fig.51, com redes regionais de varejo e de farmácia e mais dois estacionamentos particulares totalizando 19 empreendimentos.



Figura 51: Trecho 01 do Calçadão
 Fonte: Pesquisa do Autor(2010)

No trecho 02, destacam-se lojas de eletro domésticos, e as galerias Malcom e Shopping a primeira caracteriza-se pelo requintado comércio e nela encontram-se lojas que foram muitas vezes citadas como as mais sofisticadas do centro, já a galeria Shopping Calçadão possui 4 salas de cinema no piso superior, e apesar do nome é uma galeria, com comércio diverso é nessa quadra que o calçadão toma a rua inteira, não havendo circulação de veículos, totalizando 16 empreendimentos. Fig.52.



Figura 52: Trecho 02 do Calçadão.

Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No trecho 03, destacam-se as lojas de varejo e magazines especializados em comércio de vestuário e calçados, nesse quarteirão estão localizadas as lojas mais lembradas pelo público em pesquisa de campo, além de ser considerado um divisor de águas entre o que chamamos de comércio sofisticado (ao norte), e comércio popular (ao sul), nesse quarteirão encontram-se três grandes redes de comércio nacional e internacional, eletrônicos, móveis e perfumaria totalizando 23 empreendimentos comerciais. Fig.(s) 53 e 54.



Figura 53: Trecho 03 do Calçadão
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 54: Trecho 03 do Calçadão
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Localiza-se também no trecho 03, uma galeria comercial com grande fluxo de pessoas (Sate Allam), caracteriza – se por ser uma galeria aberta com duas entradas, que interligam duas ruas do calçadão mais precisamente o trecho 03 e 08.

No trecho 04, destacam-se os varejos de roupas, calçados, eletro – domésticos, farmácias, ótica e supermercado, também existe uma galeria comercial (Galeria Central), que interliga o trecho 04 ao trecho 07, totaliza-se nesse trecho 25 comércios, Fig. 55:



Figura 55: Trecho 04 do Calçadão

Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No trecho 05, destaca-se na paisagem o comércio de um lado na rua, nesse quarteirão está caracterizado pela presença do edifício do Banrisul e comércio mais popular de vestuário, destaca-se também a existência das obras inacabadas do Shopping Rua Quinze, (hoje abriga as lojas do mercado central que está em reforma), com a estrutura da torre de apartamentos incompleta é uma imagem bem significativa dessa área, nota-se também o comércio informal, que mesmo com espaço destinado na Rua Professor Araújo, começa a tomar parte da paisagem do calçadão, interessante é a competição entre o formal e o informal, a lojas de vestuário nesse trecho expõem suas mercadorias na calçada, e no “grito” fazem a propaganda, totalizando 12 empreendimentos.



Figura 56: Trecho 05 do Calçadão

Fonte: Pesquisa do Autor (2010).

No trecho 06, destaca-se a presença do Mercado Público, não se trata da Rua Andrade neves mas sim da Praça 7 de Julho, contudo consideramos como calçadão pois apesar de haver tráfego de automóveis a quadra calçada é alargada, nesse ponto repete-se uma configuração do trecho anterior, com lojas mais populares com produtos oferecidos na calçada totalizando 7 empreendimentos com superfície grande. Fig. 56. No trecho 07 Fig. 58, destacam-se o comércio variado, esse quarteirão, apresenta duas agências bancárias, livrarias, doçarias, lojas de ternos, uma galeria comercial (Galeria Central), tem confluência com o trecho 08, nessa esquina encontra-se o edifício da Associação Comercial como Café Aquários Fig.60, ponto de referencia no centro da cidade totalizando 16 lojas.



Figura 57: Trecho 06 do Calçadão
Fonte: Pesquisa do Autor (2010).

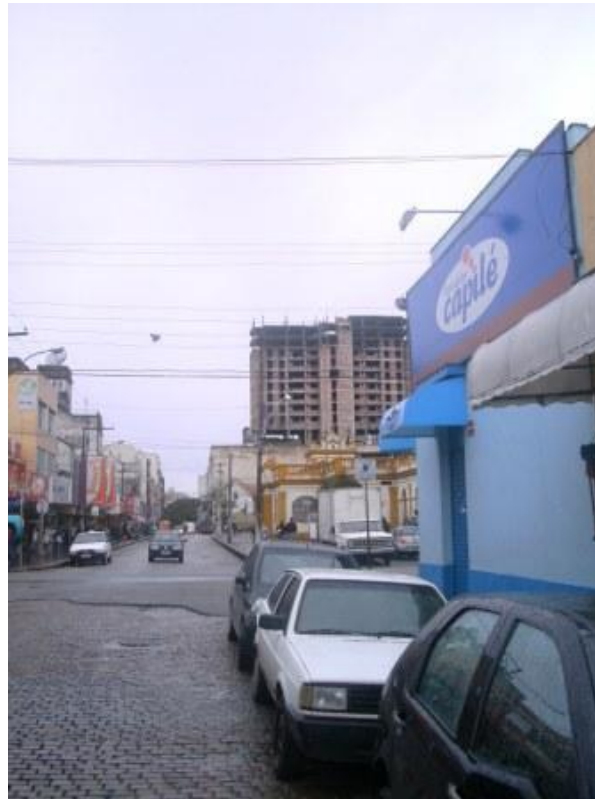


Figura 58: Trecho 06 do Calçadão com Mercado Público
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 59: Trecho 07 do Calçadão
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)



Figura 60: Café Atuários

Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No trecho 08, Fig. 61, da pesquisa, encontram-se comércios de vestuário, eletrônicos e doçarias e galeria comercial Satte Allam que o interliga com o trecho 03 da pesquisa, totalizando 18 empresas comerciais.



Figura 61: Trecho 08 do Calçadão

Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No trecho 09 Fig.62, ocorre a circulação de carros, contudo trata-se de uma rua fechada, onde a entrada é a mesma da saída, onde circulam taxis e algum veiculo transportando mercadoria, nesse trecho também existe uma feira de artesanato que divide o quarteirão com o comércio de vestuário e óticas a atenção do consumidor, é de grande trafego de pessoas pois, liga-se a parada ônibus para a zona norte da cidade, é também caminho para a parada de ônibus para o bairro Fragata, sem dúvida juntando essas duas estações centrais podemos afirmar que se tratam das maiores saídas por via de ônibus do centro da cidade.



Figura 62: Trecho 09 do Calçadão, vista aérea
Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Dessa forma, nos 09 trechos analisados, constatamos a existência de 150 lojas no trajeto do calçadão, no trecho mais ao sul verificamos empiricamente as lojas que atendem as camadas mais populares, principalmente pelo preço nas ofertas estendidas na rua, foi também onde verificamos a existência em massa de vendedores ambulantes, oferecendo uma variedade de produtos que vão dos relógios, bonés e eletrônicos de manufatura mais barata.

O espaço e as condições visuais também são mais prejudicadas, nas entrevistas percebe-se essa preocupação das pessoas que ali circulam.

No que tange aos trechos 03 e 04, como dito anteriormente existe uma divisão de águas, o espaço para transitar aumenta, os ambulantes diminuem em número e as lojas passam a oferecer seus produtos em vitrines, o preço também aumenta a medida em que chegamos ao limite do trecho 02, onde já se encontram lojas mais preocupadas em expor com decoração.

Isso claro em lojas de vestuário, no que tange os eletrodomésticos o padrão praticamente é o mesmo, visto que os produtos são os mesmos, contudo a localização desses empreendimentos aumenta de concentração em direção ao norte do calçadão da Andrade Neves.

No que tange o calçadão da rua Quinze de Novembro, a postura modifica-se um pouco, onde as lojas apresentam uma tipologia diferente, o espaço é maior e a preocupação com o visual das lojas também é evidente.

No que tange o calçadão da Rua Sete de Setembro, o trecho 08 possui uma característica presente no trecho 07 com cuidado das lojas na vitrine, as lojas possuem em média uma tamanho menor, e a circulação facilitada, bem como o calçamento é melhor conservado.

No trecho 09, por se tratar de um trecho de transito, destacam-se as lojas de armarinho e costura, bem como vestuário e ótica pois trata de uma entrada/saída do calçadão, um limite importante, pois liga essa área com as saídas de ônibus para os bairros.

Verificamos nesse trabalho de campo que essa área é a de maior concentração de pessoas na cidade e com o comércio respondendo por essa importância, parte-se então para o segundo momento da nossa pesquisa de campo, verificar com os consumidores quais os elementos que constituem esse espaço, as tabelas completas foram geradas pelo Banco de dados SISQAN (Sistema Questionário André), e encontram-se nos anexo, no corpo do texto constará às 10 principais lojas constatadas na pesquisa.

Foi elaborado um questionário com 17 questões qualitativas, algumas com múltipla escolha, algumas com escolha simples outras descritivas, foram feitos 30 entrevistas no centro de Pelotas.

“Questão, 01 tem objetivo verificar quais lojas são as mais importantes no centro para o entrevistado, é uma lista geral com os estabelecimentos centrais, no total foram constatadas 60 empresas, (ver apêndice B).

Tabela 05: Estabelecimentos Comerciais Citados Pelos entrevistados

Nome do Estabelecimento	Numero de Vezes Citadas	Valor em % do Total de 30
RENNER	24	80
BRASCON	20	67
CEA	16	53
MARISA	12	40
HERCILIO CALÇADOS	11	37
SUL CENTER	9	30
NACIONAL SUPER MERCADO	9	30
PONTO FRIO	8	27
JACKS MAGAZINE	7	23
POMPÉIA	5	17
Total Possível	30	100%

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

Percebe-se pela tabela que existe então uma liderança pelas lojas Renner, Brascom, Marisa, C&A e Hercílio Calçados, destacamos que as quatro primeiras são lojas de grande superfície, sendo destaque as três lojas de varejo Renner, Marisa e C&A, são grandes redes nacionais e no caso da C&A estrangeira, a Brascom recentemente completou 10 anos, a Hercílio é uma loja tradicional com mais de 90 anos e vem renovando sua aparência inclusive abrindo filial nas proximidades da Av. Dom Joaquim, destacam-se ainda a Sul Center, que possui uma loja com menos de 5 anos no trecho 04 do calçadão, Ponto Frio e Jacks Magazine, possuem lojas nos Trechos 3, 4 e 5, e Pompéia no trecho 05, aqui destacam-se pela ampla modificação do espaço e recente atualização a Pompéia em meados de 2009, inclusive instala escada rolante, junta-se ao grupo o Super Mercado Nacional, que desde que deixou de ser uma rede local em 1997, (quando se chamava Real) e em 2009 quando a rede Nacional foi vendida pelo Grupo Português Sonae para o Estado Unidense Wallamrt. (dono também Hiper Mercado Big)

Essa questão nos revela algo bastante importante, que é a renovação recente no setor varejista, nesse ponto podemos inferir que o papel do comércio na geração da centralidade tem nos últimos anos recebido modificações para atender a essa alcunha.

Podemos concluir isso, pois as empresas continuam em crescente renovação, principalmente a partir do início do século XXI, pois com a maior velocidade nas comunicações, e dos processos produtivos os objetos tendem ter sua vida útil mais diminuída e logo sendo substituídos por outros produtos.

Nesse ponto destacamos que o espaço tem peso de produto nesse aspecto em geral como produtoras do espaço no centro, tendem transformá-lo.

Dessa forma os empreendimentos que conseguirem empregar capital e nisso e renovar-se tendem a conseguir sua manutenção no mercado, ao passo que outros desaparecem.

A questão 02, tem por objetivo construir um ranking de importância das lojas para as pessoas, nesse ranking verificamos quais lojas tem a preferência pessoal dos consumidores, sendo o primeiro lugar com pontuação 5 e o quinto lugar com 1, somando-se as pontuações conseguimos elaborar um ranking de empresas (ver apêndice B). Nas Tab.06 verificamos as 10 maiores pontuações.

Tabela 06: Estabelecimentos Comerciais Citados como mais Importantes

Nome do Estabelecimento	Nº/Citações	1°	2°	3°	4°	5°	Pontuação Geral
Renner	22	9	6	3	1	3	83
Brascon	15	5	2	5		3	51
C&A	13	2	4	4	2	1	43
Marisa	11	3	4	2		2	39
Nacional Super Mercado	7	3	3			1	31
Hercílio Calçados	9	1	3	2	3	1	29
Sul Center	7		1	2	2	2	14
Jacks Magazine	6			2	2	2	12
Ponto Frio	5		1	1	1	2	11
Colombo	4	1			2	1	10

Legenda: 1°= 5 Pontos, 2°= 4 Pontos 3° =3 Pontos ,4°=2 Pontos 5° 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

A questão 03, tem o intuito de analisar, quais são as lojas mais populares (ver apêndice B), no sentido de preço quando ou por uso dos consumidores, nela temos então o resultado de um ranking, no mesmo sentido da questão 02.

Tabela 07: Lojas mais populares segundo pesquisa de campo

Nome do Estabelecimento	Nº/Citações	1°	2°	3°	4°	5°	Pontuação Geral
Palácio das Ofertas	14	4	6	7			65
Sul Center	13	7	3		3		53
Pompeia	10	4	3	1	1	1	38
Renner	9	4	3	2			38
Brascon	8	4	1		2	1	29
C&a	4	1	1	2			20

Top Shop	6		3	2	1		19
Marisa	6		3		1	2	16
Naphtalina	4	1		3			14
Top Model	5	1	1	3		1	13
							10

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2°= 4 Pontos 3° =3 Pontos ,4°=2 Pontos 5° 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

A questão 04, tem por objetivo avaliar quais são as lojas mais sofisticadas do centro na imagem dos consumidores, criando assim um ranking, desses estabelecimentos, (ver apêndice B).

Tabela 08: Lojas mais sofisticadas segundo pesquisa de campo

Nome do Estabelecimento	Nº/Citações	1°	2°	3°	4°	5°	Pontuação Geral
Krause	14	5	4	3	2		54
Renzo	10	6	2	4			50
Renner	08	8					40
Carmem Steffens	11	1	3	2	4	1	32
Emilice Calçados	09	1	3	3	1	2	30
Via Condotti	05	1	2		2		17
Franco Giorgio	4	1	1	1		1	13
Jacks Magazine	4		1	3			13
Finish Line	3	1	2			1	10
Hering Store/C&A	2	1	1	1	1	1	9
							10

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2°= 4 Pontos 3° =3 Pontos ,4°=2 Pontos 5° 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

No questionamento 05, levamos em consideração o conhecimento a cerca de lojas que foram importantes no passado, onde as opções eram sim, não ou não sabe não respondeu, 24 responderam sim e 6 não, na questão 06, perguntávamos a cerca dessas lojas, onde a pessoa poderia citar por ordem de importância as 5 primeiras, a partir dai elaboramos um ranking com as 10 mais pontuadas.

Tabela 09: Lojas importantes no passado recente segundo pesquisa de campo

Nome do Estabelecimento	Nº/Citações	1º	2º	3º	4º	5º	Pontuação Geral
Mazza	16	8	1	4	1	2	60
Mesbla	15	5	5	2	3		57
As Brasileiras	10	5		3	1	1	37
Incosul	6	1	4	1			22
Riachuelo	5	1	2		1	1	16
Favorita	3		1	1	1		9
Velocino Torres	2	1		1			8
Procópio	2		2				8
Pernambucanas	3		2			1	5
Beiro Disco/Formosa/Paqueta	1	1					5
Total							

Legenda: 1º = 5 Pontos, 2º = 4 Pontos 3º = 3 Pontos ,4º = 2 Pontos 5º 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

A questão 07, pergunta se foi ou não frequentador desses estabelecimento, onde 22 responderem sim e 8 não e no se não foi freqüentador, se pude-se informar por intermédio de quem soube de tal informação, nesse ponto 2 entrevistados afirmaram ter conhecimento pelos pais, 4 não responderam e 2 afirmaram que não residiam na cidade..

O questionamento 09, tem por objetivo avaliar se poderiam existir lojas melhores no centro, tanto ramo de atuação quanto ao nome mesmo de alguma loja em específico, quando se fala em melhor não se quer dizer nem preço nem mesmo atendimento, mas sim de preferência individual dos pesquisados, as linhas mais defendidas estão relacionadas ao melhor atendimento, variedades, shopping centers lojas de departamento, de calçados e informática..

A questão 10, trata do limite do comércio no centro, quais ruas poderiam ser consideradas os limites do comércio, esse dado é muito importante, pois nos dá a referencia para saber qual as ruas que demarcam o limite da atividade comercial (ver Fig. 66), a questão 11, tem por objetivo verificar se na opinião do pesquisado, existem outras áreas com importante comércio no centro, nesse ponto foram citadas muitas vezes a zona norte do centro, e a avenida bento Gonçalves, fora do centro, foram citados os bairros Fragata e Santa Terezinha, onde afirmam os

pesquisados que existe um forte comércio sendo formado, também é citado o Hiper Big, nos limites do centro ao leste, indicando esse deslocamento em direção bairro Areal.

No que tange a localização, percebe-se que as lojas consideradas mais Populares, localizam-se ao sul do Calçadão até pela proximidade com as paradas de ônibus, onde a circulação de pessoas é maior, o exemplo dessa forma de venda é encontrado na rua Marechal Floriano, onde as lojas que oferecem produtos por preços mais baratos, vistos empiricamente e as lojas de mais sofisticadas localizam-se ao norte, principalmente na Galeria Malcom, ou proximidades, estendendo-se pela Rua Quinze de Novembro, nessa área não existem paradas de ônibus, em compensação os estacionamentos pagos são uma constante na paisagem.

A idade das lojas, por exemplo as Lojas Renner C&A, (1967 – 1997), Jacks (1976), Top Shop (1988) e Top Model (1991), Renzo (1995) Hemilice (1986), revela que em média o comércio não é novo, o que reforça a idéia de renovação da atividade comercial como elemento chave na manutenção de suas atividades, C&A está em reforma, Lojas Renner passou por mesmo processo a menos de 10 anos e a Pompéia a um ano.

Concluiu-se que, os trechos 2, 3 e 4 do calçadão, são os locais de maior concentração comercial e contribuem para garantir uma a centralidade .

Já os limites do comercio no centro, foram citados justamente os trecho que se estende até a Av. Bento Gonçalves ao norte, Tiradentes ao Sul, Gonçalves Chaves ao Leste e Barão de Santa Tecla ao Oeste, esse sem dúvida é o verdadeiro centro comercial de Pelotas.

Localização das Principais Lojas do Calçado segundo Ranking da Pesquisa de Campo

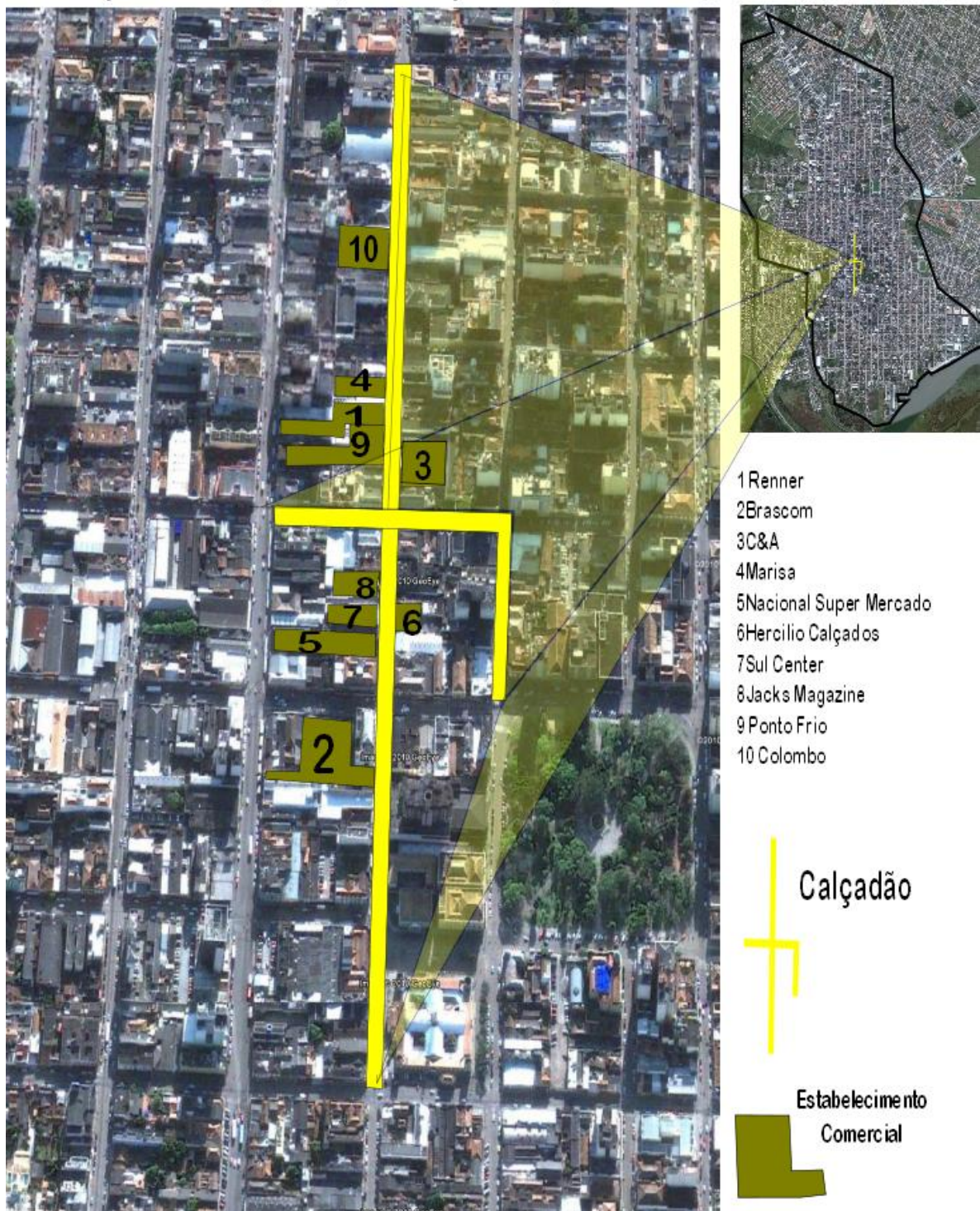


Figura 63:Localização das Principais Lojas do Calçado segundo Ranking da Pesquisa de Campo
 Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Localização das Lojas Mais Populares segundo pesquisa de campo

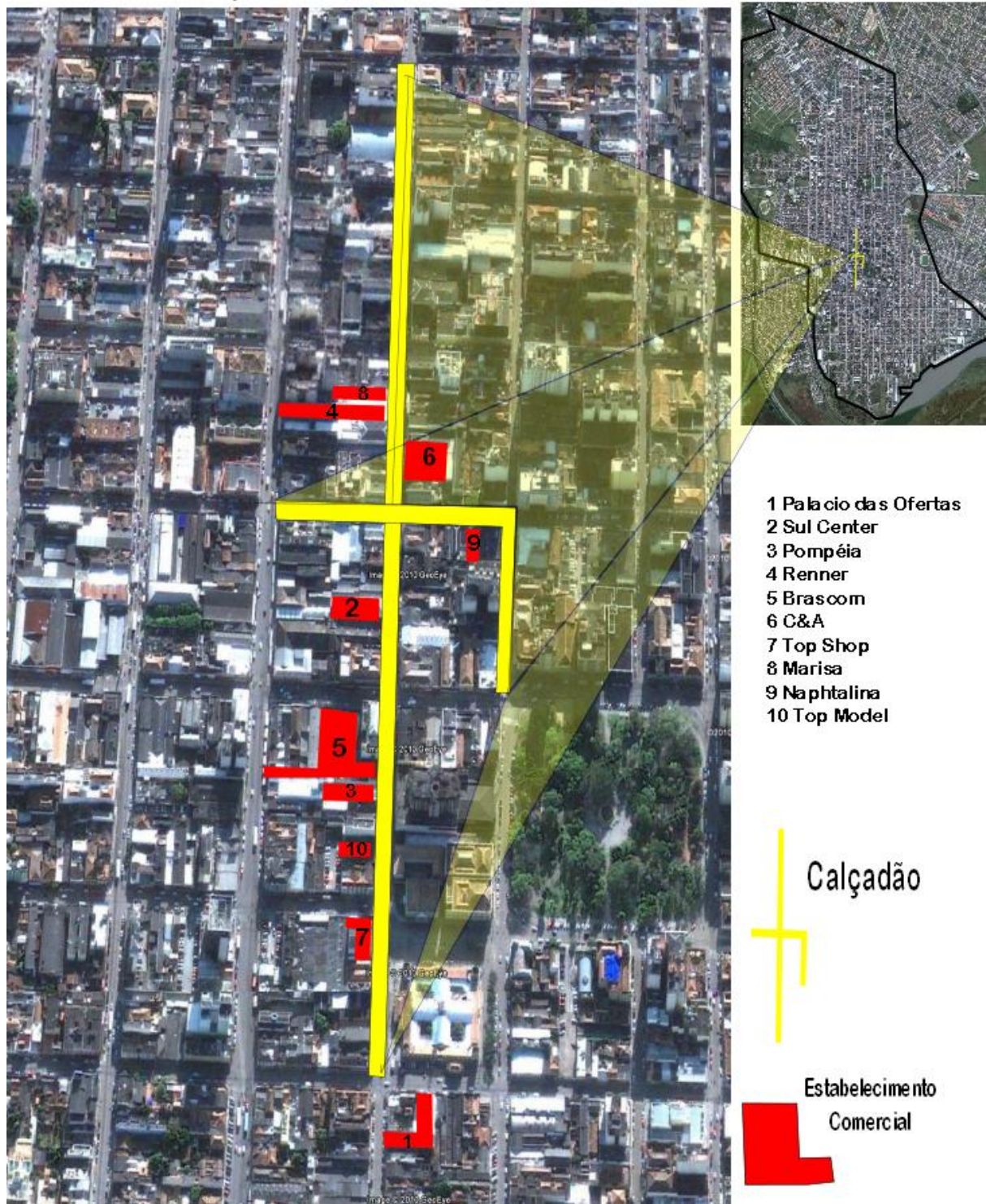


Figura 64: Localização das Lojas mais populares segundo pesquisa de campo.
 Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Localização das Lojas Mais sofisticadas segundo pesquisa de campo

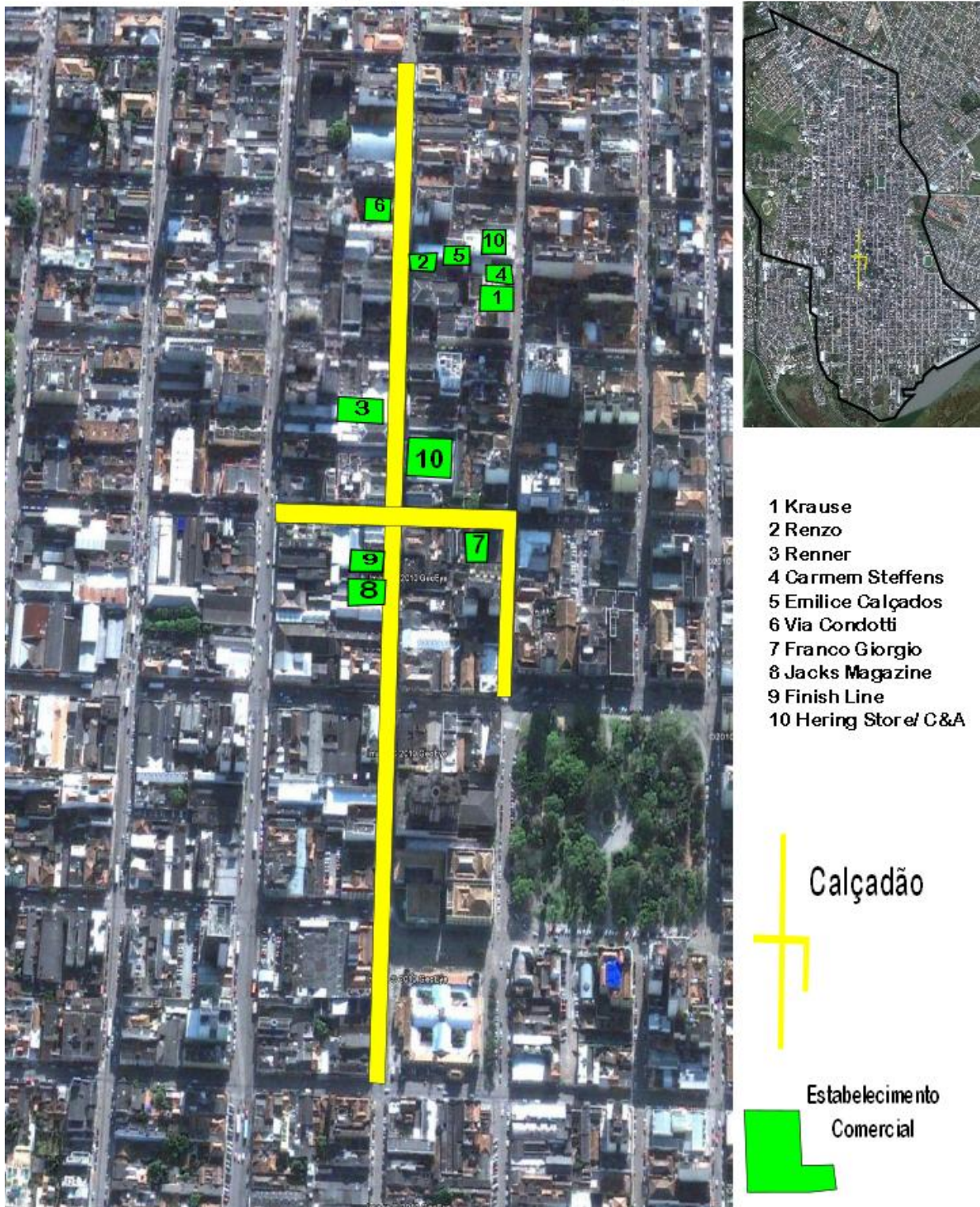


Figura 65: Localização das lojas mais sofisticadas segundo pesquisa de campo
 Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

Tabela 10: Ruas Limites do Centro

Nome da Rua	Nº Citações	Posição
MARECHAL DEODORO	16	Oeste
VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA	14	Norte
TIRADENTES	12	Sul
QUINZE DE NOVEMBRO	9	Leste
FELIX DA CUNHA	8	Leste
GENERAL OSORIO	8	Oeste
AVENIDA BENTO GONÇALVES	7	Norte
LOBO DA COSTA	6	Sul
ONÇALVES CHAVES	6	Leste
MARECHAL FLORIANO PEIXOTO	5	Sul
RUA DOM PEDRO II	4	Sul
ALMIRANTE BARROSO	4	Leste
DOCTOR CASSIANO	3	Norte
BARÃO DE SANTA TECLA	3	Leste
AVENIDA DOM JOAQUIM	3	Norte
MARCÍLIO DIAS	2	Oeste
GENERAL TELES	2	Sul
ANCHIETA	2	Leste
MAJOR CÍCERO	2	Norte
SANTOS DUMONT	1	Oeste
SETE DE SETEMBRO	1	Norte
TRÊS DE MAIO	1	Sul
ANDRADE NEVES	1	Oeste
Total	23	Sul, Norte, Leste Oeste

Legenda: 1º = 5 Pontos, 2º = 4 Pontos 3º = 3 Pontos ,4º = 2 Pontos 5º 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

Nesse ponto chegamos a questão 12, onde especificadamente perguntamos se existe a formação de um novo centro próximo a avenida Dom Joaquim no limite norte do centro, onde 23 entrevistados responderam sim e 7 não, indicando uma perspectiva bem acentuada de entendimento dessa nova expressão de centralidade. A questão 13, tem por objetivo avaliar justamente a formação desse novo centro, mesmo nos que responderam não na questão 12 fizemos a pergunta, se por hipótese acreditavam nisso quais seriam os motivos, onde 8 pessoas responderam, que o novo centro pode estar se formando por, crescimento simples das atividades comerciais em outras localidades da cidade, 15 responderam por, deslocamento do comércio central, com melhor qualidade de atendimento e oferta, e 9 por melhores condições de instalações e atendimento do comércio dessa área periférica, nesse ponto podemos destacar que os

consumidores já perceberam, que o comércio de melhor qualidade se desloca para essa áreas acompanhado por melhores condições de atendimento e instalações

Limites do Comércio no Centro por Ruas citadas, Oeste, Norte, Leste e Sul

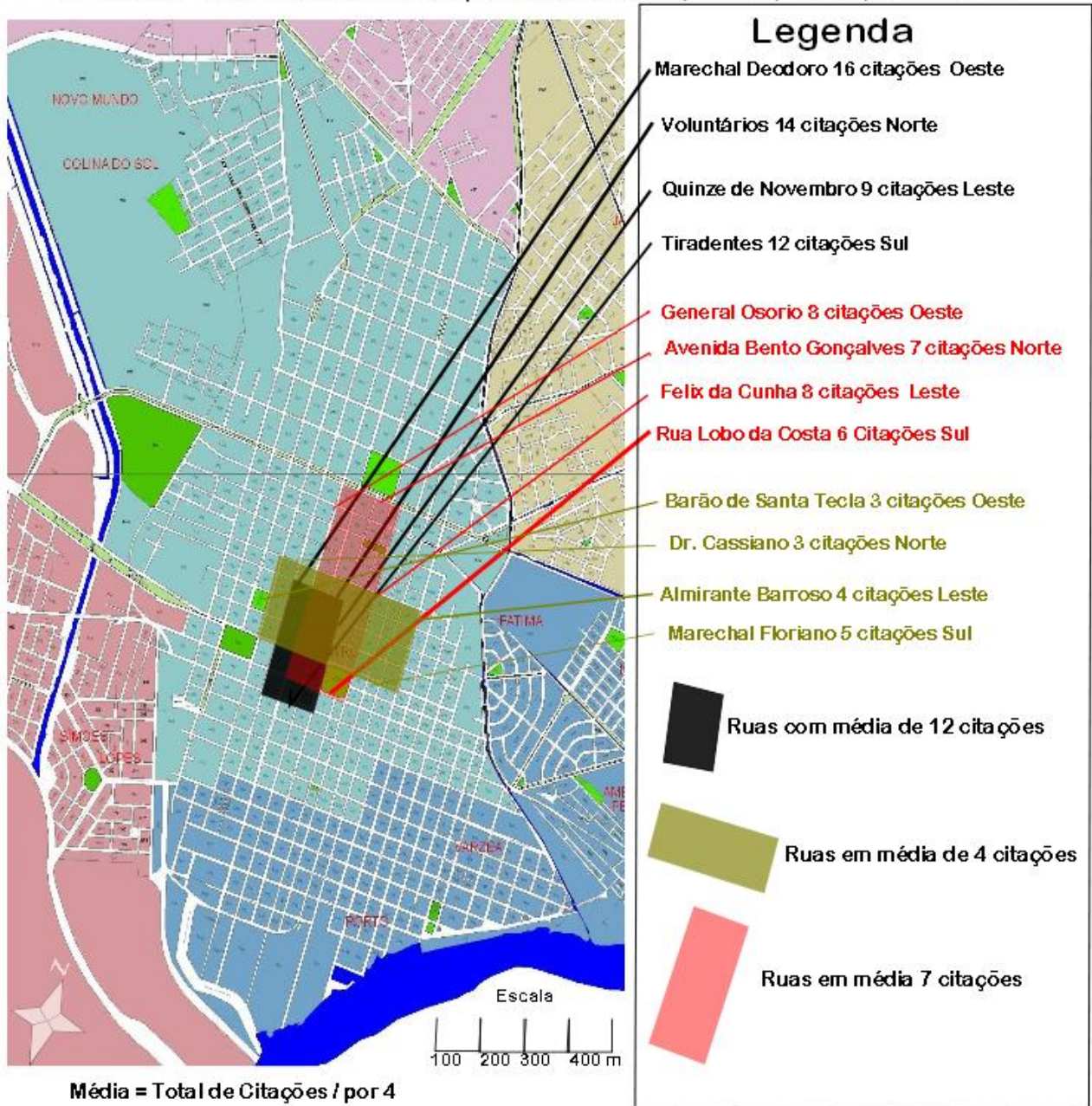


Figura 66: Limites do Comércio no Centro por ruas citadas, oeste, norte, leste e sul
 Fonte: Pesquisa do Autor (2010)

No que tange caracterizar o centro, perguntamos na questão 14, como o entrevistado considera o centro, podendo marcar mais de uma alternativa para caracteriza - lo, nesse aspecto,

28 levaram em conta o centro pelo seu papel comercial 15 pela sua história e 1 para melhor condições de moradia, dessa forma confirma-se a centralidade do comércio como formação histórica.

Na questão 15, trabalhamos, com o sentido de declínio do centro, aqui poderiam ser levados em conta, quaisquer motivos para responder sim ou não, onde e 18 responderam sim e 11 não, e com uma entrevista que não soube responder, dessa forma para a maioria o centro encontra-se em declino apontando assim uma piora de situação, revelando talvez um abandono por parte das pessoas.

A questão 16, tem por objetivo relacionar o declínio do centro a aspectos que podem ser apontados com responsáveis pela sua queda qualitativa, mesmo aqueles que responderam não na questão 15 foram perguntados no sentido de avaliar os principais problemas do centro, assim para esse grupo foram apenas inquiridos as 2 primeiras alternativas,

A primeira opção (desconforto) possui 5 sub alternativas para caracterizá-lo, a alternativa dois, relacionava a qualidade deficitária da oferta e do atendimento, e a 3 o simples aparecimento de localizações mais atraentes fora do centro.

Tabela 11: Principais Problemas do centro relatados na pesquisa

	Problema Questionado	N
1	Desconforto	21
	Pouco Espaço	15
	Dificuldade de Acesso	15
	Depredação Visual	14
	Calçamento Ruim	13
	Som Elevado	10
2	Qualidade deficitária da oferta e do atendimento	9
3	Simple aparecimento de novas localizações mais atraentes fora do centro	7
	Não sabe/ não opinou	00
	Total	104

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2° = 4 Pontos 3° = 3 Pontos ,4° = 2 Pontos 5° 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

Dessa forma percebe-se uma preocupação com o desconforto, principalmente a falta de espaço para circular, acesso ao centro, depredação visual e ao calçamento ruim, a qualidade da oferta e do atendimento foi bastante criticada pelos entrevistados.

A questão 17, pergunta qual o meio que utiliza para o acesso ao centro, mesmo para aqueles que residem na área central, trata-se também de uma questão múltipla com mais de uma

resposta Tab.12, nessa parcial aparecerão no total mais de 30 respostas, pois a opção permitia mais de uma resposta, por exemplo, o uso misto de automóvel e moto, ou automóvel e a pé.

Tabela 12 Meios de Acesso a Centro

Meios de Acesso	Respostas
Automóvel	14
Moto	2
Ônibus	18
A pé	10
Bicicleta	00
Outros	00
Não Sabe não opinou	00
Total	44

Legenda: 1°= 5 Pontos, 2°= 4 Pontos 3° =3 Pontos ,4°=2 Pontos 5° 1Ponto

Fonte: Pesquisa do Autor (2001) e SISQAN (BPSI)

Os acessos em sua maioria ao centro, são realizados por automóvel e por ônibus, a presença do veículo particular parecer ser uma característica muito freqüente no centro, inclusive a falta de vagas de estacionamento (público/privado), no que tange o ônibus o calçadão está localizado ao lado das duas maiores paradas de ônibus da cidade ligando- o aos bairros Fragata, Areal e Três Vendas.

6. PERSPECTIVAS FUTURAS.

Quando se fala em Perspectivas futuras, nem sempre podemos concluir com certeza se o que afirmamos hoje será de fato o que ocorrerá amanhã.

Dessa forma nos resta partir do entendimento que tivemos do passado e interpretar as formas de produção do espaço pautando a análise em relação ao futuro.

Primeiramente, verificamos a formação de uma cidade Político Comercial que até hoje se faz presente no cotidiano, seja pelo seu formato das ruas ou pelo casario antigo conservado, o papel histórico do centro consegue-se manter no tempo, pois, as exigências estruturais que o mesmo fazia possibilitaram a sua reprodução, o convívio de mais de uma estrutura ao mesmo tempo. Fig. 60.

Quando falamos em cidade industrial, nos referimos novamente ao centro, fruto de instalação de empresas de cunho local com diversidade industrial bastante grande que perdurou até os anos 1930, com a mudança na economia nacional destituiu-se esse modelo de indústria.

O centro novamente sobrevive, pois o segundo ciclo de industrialização mantém em sua conjuntura a população residente, tratava-se de um monumental parque industrial que se cria as margens do Canal São Gonçalo, no Porto, contudo nos anos 1950 essa indústria de grande capital cai pelos motivos já elencados nessa época o centro se reproduz principalmente pela verticalização e pelo comércio, além claro com a contribuição do poder público que melhora as questões de saneamento e modernizam a área central.

O parque industrial se desmantela e fica abandonado, surgem no período posterior as indústrias de conserva no interior da zona rural e no norte da cidade, grandes superfícies destituem a cadeia dos pequenos produtores de pêssego, assim esse espaço industrial é abandonado.

Opta-se pelo comércio como via de desenvolvimento, e se tem no centro urbano sua garantia de atratividade, contudo com o desenvolvimento residencial horizontal, o centro pela primeira vez tende a perder sua capacidade de gerar centralidade comercial, pois o varejo que é o principal agente nesse aspecto tende a pulverizar-se em direção aos bairros onde as classes de maior renda residem.

Chegamos assim a um ponto interessante e que muitas vezes não nos damos conta, com o crescimento de outros bairros, não só o comércio de maior valor agregado passa a sair do centro, gera-se então uma disputa dupla, a do centro com as áreas nobres, e a do centro com as áreas residências mais simples, na verdade é um processo que ainda vai levar tempo para se definir, mas os exemplos já estão na pauta como o hipermercado BIG.

Dessa forma a disputa e a perda da centralidade comercial tendem a serem os principais motivos de decadência do centro, é comum ver reclamações das pessoas em relação ao calcamento, e ao espaço reduzido ou outros problemas gerados pela falta de investimento.

Como aconteceu com a indústria o centro comercial tende a destituir-se, e o que fazer?

Analisando então as perspectivas futuras, tem-se falado muito em requalificação da área central. mas como obter tal requalificação se toda estruturação e capital estão sendo muitas vezes deslocados para outras áreas.

Devemos, escolher quais qualidades vamos atribuir ao centro pode-se optar pelo turismo histórico ou turismo comercial e garantir um centro comercial e turístico, contudo necessita-se assim um investimento pesado na infra-estrutura e embelezamento também a melhoria na qualidade do atendimento, possível é pois, por exemplo, com o crescimento econômico da vizinha cidade de Rio Grande ocorre a possibilidade de transformar o comércio em ferramenta de desenvolvimento é possível até mesmo ativar o potencial industrial, no setor alimentício e no setor têxtil.

A possibilidade futura está no investimento em melhorias no comércio central, algumas políticas já são efetuadas, como por exemplo a decoração de natal, os bancos instalados no centro das ruas, acredito que uma política que regulamente a propaganda e os sons também pode contribuir também na melhoria da qualidade, o já referido melhor atendimento, um calcamento melhor, padrão na instalação de lojas, diversificação na oferta³¹.

Talvez assim possa o centro renovar-se e não perder seu valor comercial.

Quanto às novas expressões de centralidade as mesmas deverão ter um crescimento bastante acentuado nos próximos anos, tanto em quantidade quanto em qualidade, vão estruturar-se em bairros com maior densidade populacional e nos lugares de maior renda na zona norte do centro.

³¹ Nesse Sentido Seguimos os argumentos trabalhados do Balsas (1999) a cerca da requalificação das áreas centrais degradadas nas cidades Portuguesa nos anos 1990.

Essas novas formações comerciais já estão sendo efetuadas principalmente em vias de grande circulação como a Av. Duque de Caxias no bairro Fragata, na Avenida Dom Joaquim e Fernando Osório, destaca-se ainda a Avenida Ferreira Viana no trecho que compreende hipermercado Big até o Fórum Fig. 67.

No caso de Pelotas, Vieira (2005) quando efetua a análise dos circuitos urbanos ao definir o circuito central vai além do bairro centro e estabelece assim uma área de abrangência um pouco maior, que justamente está sendo ocupada pelo comércio.

Assim, podemos dizer que essas áreas serão mais densamente ocupadas nos próximos anos o que já vem ocorrendo desde os anos 1960 no caso do centro norte, com a Av. Dom Joaquim e o Condomínio da Cohabpel, logo após com o crescimento do bairro Colina do Sol nos anos 1980 e 1990, e atualmente a frente que se tem seguido é em direção ao novo Fórum passando pelo Hipermercado Big.

São estágios diferentes de expansão da centralidade com as expressões da mesma ainda iniciando-se na zona norte do centro, contudo a proximidade com a Colina do Sol irá favorecer um novo desenvolvimento comercial no local, as concessionárias de veículos já instalam-se entre esses dois locais.

No que tange ao Hiper Big, o processo é semelhante ao da Cohabpel, com condomínio de apartamentos instalado nos anos 1990, a conseqüente inauguração do mercado em 2002 e com a mudança da comarca do Fórum para essas proximidades, com certeza haverá um aumento considerável na quantidade de residências e possivelmente de atividade comercial.

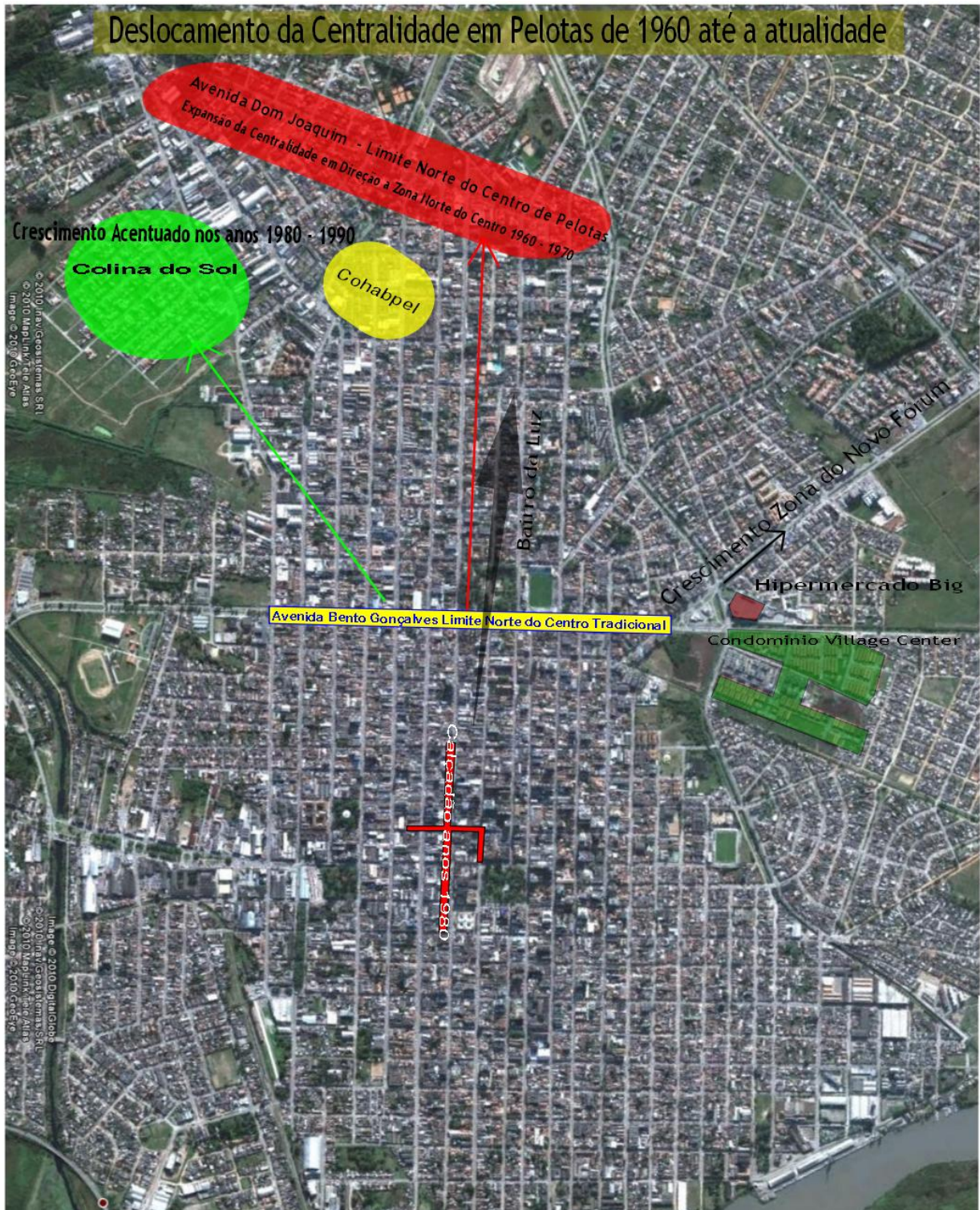


Figura 67: Deslocamento da Centralidade em Pelotas de 1960 até a atualidade
 Fonte: Google Earth (2010) editado pelo autor.

7. CONSIDERAÇÕES

As considerações a cerca desse trabalho não encerram todas as possibilidades que podemos ter ao trabalhar o comércio no âmbito da Geografia.

Ao propor esse projeto de Mestrado, entendemos como o Comércio tem papel de gerar a centralidade urbana em Pelotas.

Mas como conseguir provar tal hipótese?

Bom, nos pareceu razoável no início trabalhar com a Geografia do Comércio e do Consumo como elemento chave para a pesquisa, tanto é que dentro dessa pesquisa e do período do Mestrado não foram poucas as vezes em que tivemos de recorrer aos recursos metodológicos desse campo da Geografia.

Por isso logo no início o trabalho e dentro da introdução inserimos todo o ferramental possível de utilização da Geografia do Comércio e do Consumo.

Mesmo que pudéssemos efetuar uma pesquisa só para avaliar a qualidade do aparelho comercial do centro de Pelotas e assim estabelecer sua relação com a produção da centralidade teríamos sempre um problema a resolver que trata do cunho espacial.

Definir esse conceito não fácil nem é uma tarefa acabada sendo assim, não poderíamos recorrer análise economicista do espaço como sendo sustentáculo das atividades econômicas, e daí partir para entender a realidade comercial.

Bem como não podemos apenas fazer um levantamento estatístico, por mais proveitoso que fosse não nos permitiria analisar o espaço do comércio e nem sua produção.

Dessa forma, partimos então, para um recurso metodológico que pude-se, permitir a análise do comércio como produtor de espaço, sendo a centralidade ao qual nos referimos nada mais é do que o espaço produzido, ou seja um espaço urbano essa ideia não é nova, eu mesmo sempre me perguntei quais seriam as possibilidades de se analisar a atividade comercial como produtora de espaço, e espaço enquanto material, ou seja, quanto valor espacial.

Se numa escola tradicional, a Geografia não possuía ainda ferramental suficiente para entender essa parte tão específica de estudo, a partir dos anos 1950 com a mundialização do capitalismo e desafio proposto a ciência de conseguir regularidades fugindo de uma mera descrição e assim buscando ser científica é que surgem as primeiras propostas de estudo Geográfico a cerca do Comércio e do Consumo, o desenvolvimento de grandes superfícies

comerciais, com grande volume de capital exigia cuidadoso estudo a cerca dos locais de instalação desses hipermercados e shoppings centers, assim produção Geográfica na época previa um espaço geométrico, com representação Matricial que oferecia tais ferramentas de análise, contudo com o avanço dos estudos Marxistas e a Geografia Critica Radical, abria-se caminho para uma análise dialética a cerca da realidade, dessa forma a possibilidade de se estruturar um estudo sobre a realidade urbana e seus contrastes, e levar também analisar a produção do espaço comercial. Já nos anos 1980 ocorrem estudos de cunho humanistas subjetivos tanto no âmbito individualista quanto nos grupos de consumidores.

Em qual escolas dessas podemos incluir esse trabalho, é ai que reside o problema, não se trata somente de um levantamento estatístico, nem mesmo somente uma questão critica da ciência, e nem mesmo tenta-se analisar somente a parte subjetiva dos indivíduos consumidores.

Esse trabalho tem um pouco de tudo, mais de um, menos de outro, como recurso metodológico para entender o atual utiliza-se do Método Regressivo- Progressivo, proposto por Lefebvre, nele decompondo-se as temporalidades do presente verificamos como se produz as questões atuais e avaliar as possibilidades futuras.

Lefebvre, ao analisar a produção do espaço impõem categorias que lhe dão a forma, a função e a estrutura, nisso avalia-se também a ordem distante e a ordem próxima, e a sua representação de espaço e seu espaço de representação.

Entrando, na questão sistemática do Trabalho, em um primeiro momento trabalhamos as justificativas, objetivos e a hipótese, num segundo momento analisamos a Geografia do Comércio de do Consumo e sua implicação na teoria Geográfica, no terceiro aspecto, entramos na fundamentação Teórico Metodológica, primeiro a cerca do conceito de espaço na Geografia, logo após estruturamos a produção do espaço urbano através do desenvolvimento da cidade proposto por Lefebvre, nesse momento analisamos a sociedade urbana que se forma a partir do modelo de desenvolvimento capitalista.

Dentro desse aspecto, analisamos a questão do desenvolvimento varejista no Brasil no século XX, e juntamente as transformações ocorridas nas cidades Brasileiras a partir dos anos 1950 e como elas se refletiram na transformação dos centros urbanos modificando o papel do comércio na produção da centralidade.

Bem como, salienta-se o desenvolvimento urbano de Pelotas, em três períodos que podem ser decompostos na temporalidade do presente.

O Primeiro e a cidade Política/ Comercial (1780 – 1890), caracterizada principalmente pela riqueza do charque que produziu no seu sitio inicial as formas que estão na paisagem até a atualidade, bem como as obras matérias como os grandes casarões na Praça Coronel Pedro Osório.

Com o fim do Império Pelotas através de um investimento forte em industrialização e diversificando impõem mudanças no centro da cidade, sai a antiga cidade política e começa a cidade industrial moderna no período que compreende 1890 a 1930.

No período de 1930 – 1950, ocorre um novo surto econômico considerado o auge da cidade industrial onde a modernidade toma conta da região portuária com grandes superfícies industriais, nesse mesmo período as modificações no centro começam a atingir os andares mais altos é a verticalização residencial e comercial que reproduz então o espaço de moradia para as classes de maior renda fixando assim no centro as maiores atividades urbanas e dando ao mesmo o papel de centralidade residencial e comercial.

No terceiro período de Industrialização (1950 – 1970) a cidade já estava maior, as redes de esgoto e infra estrutura já interligavam os Bairros Fragata e a Zona norte do Centro no bairro da Luz, é a época da industria conserveira, que agora instala-se fora dos limites centrais começando inclusive na aera rural, logo após já no fim desse período as grandes indústrias monopolizam a produção em nível mundial mudanças que reestruturam o sistema econômico marcam o fim do ciclo industrial em Pelotas.

O centro residencial se expande ao norte e o tradicional centro encontra sua razão puramente no comércio, assim o mesmo garante seu papel de centralidade.

Com o Zoneamento Urbano, o centro passa a ter sua produção regulamentada pelo estado, nesse período a iniciativa local produz uma rede de comércio central que hierarquiza o centro no patamar mais alto no comercio urbano.

Com os anos 1990, e as transformações econômicas no Brasil, ocorre a entrada de novos produtos e novas práticas de consumo a transformação foi rápida de grande.

As estruturas que ate então dominavam a paisagem foram rapidamente substituídas por novas lojas, adaptadas ao mercado global a iniciativa local tem seu papel reduzido, pois a redes de varejo desfrutam de um capital e de uma economia de escala maior gerando preços mais baratos e conduzindo as novidades no mercado, que é o que gera o desejo de compra.

Junto a isso o comércio do tradicional do Centro que é envolto ao calçadão, começa a deslocar-se no sentido da expansão da centralidade residencial. Formando assim novas expressões de centralidade.

Atualmente, o novo Fórum na Avenida Ferreira Vianna, tem levado consigo grande numero de residentes, junta-se a isso o fato de que ali próximo existe desde os anos 1990 o condômino Vilage Center e no ano de 2002 é instalado do HiperMercado Big.

Assim essas áreas e outras que não foram citadas concorrem com o centro na atração de lojas o mesmo tende a perder valor com isso tende a ficar depredado.

No caso do centro, a área mais antiga e com preço de mercado ainda alto essa transformação poderá ser lenta, um exemplo são as indústrias do porto que ainda encontram-se abandonadas e só recentemente tem sido alvo de interesse comercial.

Dessa forma, o espaço comercial central que tinha a forma constituída por pequenas casas comerciais com ordem próxima estando à função mercantil articulada com sua localização contribuindo na formação do centro da cidade, com sua estrutura garantindo um papel único na produção de tal centralidade, passa atualmente a forma da grande loja, a função mercantil sai do objeto material e entra para o comércio de objetos representativo, a estrutura única e hierárquica tende a destituir-se e fragmentar-se pela cidade.

A ordem próxima é substituída pela ordem distante, tanto pela distancia que o produto é transportado, mas pelos idéias que os mesmo carregam, não á mais espaço representado e sim representação do espaço, onde produto e espaço são consumidos.

O comércio começa aqui a produzir seu próprio espaço, quando a cidade Industrial destituída pelo movimento de implosão e explosão da sociedade urbana, toma conta de todas as esferas do presente.

Esse presente é o que se vivencia no centro de Pelotas, um momento em que o Comércio tem o Papel de Geral a Centralidade Urbana, contudo papel disputado com outras áreas, visto que atualmente a localização das lojas influem menos que os produtos e a propaganda.

8. REFERÊNCIAS.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – Gênese e desenvolvimento Urbano** (1779 – 1835). Pelotas: Armazém Literário, 1994. p.

BACH, Alcir Ney Bach. **O Patrimônio Industrial Rural: As fábricas de compotas de pêssego em pelotas – 1950 à 1970**. 2009, 204 f Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), UFPel.

BALSAS, José Lopes. **Urbanismo Comercial em Portugal: e a revitalização do Centro das Cidades**. Lisboa: GEE – Ministério da Economia, 1999.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do Trabalho no Século XX**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CORREA, Roberto Lobato. Espaço um conceito chave na Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CACHINHO, Herculano. **O comércio retalhista português : pós-modernidade, consumidores e espaço**. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospectiva Econômica do Ministério da Economia, 2002. 473 p.

CHAVES, Rita Miréle. **Arquitetura Moderna em Pelotas**. 2001 179f Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GILL, Lorena Almeida. *”Casas que Matam”*: Cortiços e Tuberculose em Pelotas (RS) – 1890 - 1930 In: GILL. Lorena Almeida; LONER, Ana Beatriz; MAGALHÃES, Mario Osório. **Horizontes Urbanos**. Pelotas: Armazém Literário, 2004

GOMES, Paulo Cezar da Costa Gomes. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996

GOTTDIENER, Mark, **A produção social do espaço urbano**. São Paulo, Edusp, 1993.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena agricultura em crise: o caso da "Colônia Francesa" no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.- 209p

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2. Pelotas: UFPel, 2001. 250 p

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do Latifúndio**. Geografia do interesse econômico gaúcho. 1 ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000, p. 127-148.

HOBSBAWM, Eric. **Era Dos Extremos: O Breve Século XX: 1914 – 1991**. Companhia das Letras, São Paulo: 1993.

ITEPA - **Hierarquização Comercial do Município de Pelotas em relação aos outros Municípios da Zona Sul**. Disponível em: http://www.ucpel.tche.br/itepa/informes2/hierarquiz_volume_sintese_frt.doc acesso em 15 de abril de 2009

FEE – **Fundação Estadual de Estatística e Economia Relatório de 2004**

http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Pelotas
acesso em 10 de fevereiro de 2007 as 16:40

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamour. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte:Humanitas, 2002.

LEFEBVRE, Henri, **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991

LEFEBVRE, Henri, **O direito à cidade**. São Paulo : Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1966..

LIMONAD, Ester; Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir. In: X Encontro Nacional da ANPUR, 2003. Niterói. **Anais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional**. Niterói: UFF/GECCEL, 2003. P. 15 – 33

LOPES, André Luis Borges. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (1947-1957)**. 2007, 130F Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) PUC –RS.

ILHA, Adayr da S. ; ALVES, Fabiano Dutra ; SARAVIA, Luiz Hector Barboza . **DESIGUALDADES REGIONAIS NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA METADE SUL**. In: 1º ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 2002, PORTO ALEGRE. 1º ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 2002. v.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas Agrícola e Pastorial (História da Associação Rural)**. Pelotas. Editora Armazém Literário, 1998.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na Província de São Pedro: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel/Livraria Mundial, 1993,

MAGALHÃES, Mario Osorio **Os Passeios da Cidade Antiga. Guia histórico das ruas de Pelotas**. 2.ed. revista. Pelotas, Armazém Literário, 2000.

MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTO, Ricardo. **Cenário Gaúcho representações históricas e geográficas**. 1ed. Editora Moderna: 2001(p.127)

MARTINS, Solismar Fraga. **A produção do espaço em uma cidade portuária através dos períodos de industrialização**. Rio Grande:Editora da Furg, 2004.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Trad. Edgar Malagodi. Coleção Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEDEIROS, Vagner Nubias de. **A dinâmica da Centralidade em Pelotas: Um estudo de caso da zona norte da cidade**. 2005. 58f. Monografia – Licenciatura Plena em Geografia/UFPel – Pelotas.

MOURA, Rosa M. Garcia Rolim de. **Modernidade pelotense, a cidade e a arquitetura possível: 1940 – 1960**. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1998.

MOURA, R. M. G. R. ; SCHLEE, A. R. . **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 1. ed. Santa Maria: Pallotti, 1998. v. 2000. 240 p.

NEVES, Gervásio Rodrigo. A Rede Urbana e as Fronteiras: Notas Prévias. In: OLIVEIRA, Naia; BARCELLOS, Tanya. **Rio Grande do Sul Urbano**. Porto Alegre: FEE, 1990 118 – 140.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. 2 Volumes. 3.ed. revista. Organização e notas de Mário Osório Magalhães. Pelotas, Armazém Literário, 1997/1998.

PARADEDADA, Maria Regina A.: **Arquitetura da Paisagem e Modernidade: Um Estudo Sobre Representações e Memória das Praças de Pelotas (1860-1930)**

PETER, André Pinho. **Expansão do Centro: O Caso do Eixo Comercial da Rua Andrade Neves**. 2006.,. 50f. Monografia – Licenciatura Plena em Geografia/UFPel.

PETER, A. P. ; RAMOS, S.M.P ; VELHO, Edna Afonso . **Formação e Expansão do Centro: Comércio e Consumo.** In: III Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, 2007, Pelotas. Colóquio sobre Comércio e Consumo, 2007.

PETER, Andre Pinho, RAMOS, Shana Monte, PINTO, Vinicius Lacerda. A Produção do Espaço Urbano Regional do Rio Grande do Sul Analisada por meio de diferentes temporalidades do presente. In: VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Cadernos de Estudos Urbanos e Regionais Comércio e Consumo Urbano.** Pelotas: Editora Gráfica da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL E PELOTAS. **II Plano Diretor de Pelotas.** Pelotas: PMP, 1980.

PREFEITURA MUNICIPAL E PELOTAS. **Leis Municipais.** Disponível em <http://www.pelotas.com.br> acesso em 13 de janeiro de 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma nova Geografia.** São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1978.

SOARES, P. R. R. . **Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX.** Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, p. 184-201, 2000.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues, A cidade Meridional do Rio Grande do Sul: Cidade Pampeana ou Brasileira. In: GILL. Lorena Almeida; LONER, Ana Beatriz; MAGALHÃES, Mario Osório. **Horizontes Urbanos.** Pelotas: Armazém Literário, 2004

SPÓSITO, Eliseu Savério, **Geografia e Filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico.. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana In: **Revista Geográfica.** São Paulo, s/l, 10: 1-18, 1991.

VARGAS, H. C. **Espaço Terciário. o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio.** 1. ed. SÃO PAULO: SENAC, 2001. v. 01.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. Paisagem e Memória: As diferentes Temporalidades do presente. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Ana Beatriz; MAGALHÃES, Mario Osório. **Horizontes Urbanos.** Pelotas: Armazém Literário, 2004

VIEIRA, Sidney Gonçalves. A cidade Fragmentada: o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas. Pelotas: Ed. UFPel, 2005.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
 Instituto de Ciências Humanas
 Programa de Pós Graduação em Geografia
 Questionário Estruturado de Pesquisa de campo
 Pesquisador: André Pinho Peter
 Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
 Descrição do Consumidor
 Número de Entrevistados: 30

Questionário

1. Na sua opinião quais lojas são as mais importantes no comercio do centro de Pelotas (entre 5 e 10)?
2. Das lojas elencadas qual delas você considera a mais importante? (de 1 a 5)? Sendo 1 primeiro e 5 último
3. Quais lojas do centro você considera de uso mais popular?(de 1 á 5) 1 primeiro e 5 ultimo
4. E quais você considera mais sofisticadas? (de 1 a 5) 1 primeiro e 5 último
5. Você tem conhecimento a cerca de lojas que foram importantes no passado para o comercio no centro de Pelotas
 S
 N
 Não sabe ou Não respondeu
6. Quais ou quais estabelecimentos: (de 1 a 5) 1 primeiro e 5 último
7. Você foi freqüentador dessas lojas?
 S
 N
 Não sabe não opinou
8. Se não foi freqüentador, por intermédio de quem você soube dessas lojas?
9. Na sua opinião poderiam existir lojas melhores no centro de Pelotas
 S
 N
 Não sabe ou não respondeu
- De que tipo:
10. Na sua percepção que ruas limitam o centro comercial de Pelotas? (Sul, Leste, Oeste e Norte
11. Além deste centro delimitado você reconhece outras áreas de comércio no centro?
12. Você acha que está ocorrendo à formação de um novo centro próximo a Avenida Dom Joaquim
 S
 N
 Não sabe ou não respondeu
13. Esse novo centro está se formando em sua opinião por:
 - 1 Crescimento simples das atividades comerciais em outras localidades da cidade.
 - 2 Deslocamento do comércio central, com melhor qualidade de atendimento e oferta
 - 3 Por melhores condições de instalações e atendimento do comércio dessa área periférica
 Não sabe ou não respondeu
14. Quais motivos abaixo você leva em consideração para caracterizar o centro?
 - 1 Sua função comercial
 - 2 Pelo seu papel histórico
 - 3 Por ser o melhor lugar para moradia
 Não sabe ou não respondeu
15. Em sua opinião o centro está em declínio? Em termos de Qualidade.
 S
 N
 Não sabe não respondeu
16. Se esta em declínio, quais os motivos que você pode indicar entre as possibilidades apresentadas

1 Desconforto, () pouco espaço, () dificuldades de acesso, () depredação visual, () calçamento ruim, () Som elevado ()

2 Qualidade deficitária da oferta e do atendimento

3 Simples aparecimento de novas localizações mais atraentes fora do centro.

Não sabe ou não respondeu

17. Quais os meios que você utiliza para acessar o centro:

1 Automóvel () 2 Moto ()

3 Ônibus ()

4 Apé () 5 Bicicleta ()

APÊNDICE B – BANCO DE DADOS COM RESPOSTA

Banco de Dados
Resposta Questão 01

Loja	N° Vezes
Renner	24
Brascon	20
Cea	16
Marisa	12
HERCILIO CALÇADOS	11
SUL CENTER	9
NACIONAL SUPER MERCADO	9
Ponto Frio	8
JACKS MAGAZINE	7
POMPÉIA	5
Manlec	4
Deltasul	4
Obino	4
Colombo	4
FARMÁCIA SÃO JOÃO	3
ÓTICA CRISTAL	3
JOIAS ROCHEDO	2
Multisom	2
KRAUSE	2
TEVAH	2
TOP MODEL	2
PALACIO DAS OFERTAS	2
BIG HIPERMERCADO	2
CIA. DO CALÇADO	2
GASTON	1
ATACADO GLOBO	1
BECKER	1
GANG	1
FRANCO GIORGIO	1
FARMÁCIAS PANVÉL	1
CERTEL	1
FAMÍLIA MODAS	1
BLUMENAU	1
ESQUAIRE	1
CASA DA VOVÓ	1
CASA DAS ALIANÇAS	1
LOJA VIVO CELULAR	1

FARMÁCIA MAIS ECONÔMICA	1
MUNDO ATUAL	1
TOP LINE	1
TOK	1
SULPAR	1
SHANADU	1
RENZO	1
O BOTICÁRIO	1
NOVA ÉRA CALÇADOS	1
NORMAM	1
LIVRARIA VANGUARDA	1
NACIONAL SUPER MERCADO LOBO DA COSTA	1
HERING STORE	1
MOVEIS DE GRAMADO	1
MARJUR	1
MAGAZINE LUIZA	1
M E G	1
TUMELERO	1
LOJA CLARO CELULAR	1
ALTERNATIVA MATERIAL ESCOLAR	1
LAQUA DE FIORE	1
INDIVÍDUAL	1
NAPHTALINA	1
Total de Lojas:	60

Respostas Questão 02

Lojas	1	2	3	4	5		
BIG HIPERMERCADO					1	1	1
Brascon	5	2	5		3	15	51
Cea	2	4	4	2	1	13	43
CERTEL					1	1	1
CIA. DO CALÇADO		1				1	4
Colombo	1			2	1	3	10
Deltasul					1	1	1
ESQUAIRE				1		1	2
FAMÍLIA MODAS				1		1	2
FARMÁCIA MAIS ECONÔMICA		1				1	3
FARMÁCIA SÃO JOÃO				2		2	4
FARMÁCIAS PANVÉL		1				1	4
FRANCO GIORGIO			1			1	3
GANG			1			1	3
HERCILIO CALÇADOS	1	3	2	3		9	29
HERING STORE	1					1	5
INDIVÍDUAL		1				1	4
JACKS MAGAZINE			2	2	2	6	12

JOIAS ROCHEDO	1		1		1	3	9
KRAUSE	1					1	5
LAQUA DE FIORE					1	1	1
LIVRARIA VANGUARDA	1					1	5
M E G					1	1	1
MAGAZINE LUIZA				1		1	2
Manlec	1	1				2	9
Marisa	3	4	2		2	11	39
MARJUR			1	2		3	7
MOVEIS DE GRAMADO				1		1	2
Multisom				1		1	2
MUNDO ATUAL					1	1	1
NACIONAL SUPER MERCADO	3	3			1	7	31
NORMAM					1	1	1
O BOTICÁRIO					1	1	1
Obino			2	1		3	8
PALACIO DAS OFERTAS			1			1	3
POMPÉIA				1	2	3	4
Ponto Frio		1	1	1	2	5	11
Renner	9	6	3	1	3	22	83
RENZO				1		1	2
SHANADU				1		1	2
SUL CENTER		1	2	2	2	7	14
SULPAR			1			1	3
TEVAH	1					1	5
TOK				1		1	2
TOP LINE		1				1	4
TOP MODEL				1		1	2
TUMELERO				1		1	2
Total de Lojas 47							

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2° = 4 Pontos 3° = 3 Pontos ,4° = 2 Pontos 5° 1Ponto

Resposta Questão 03

	1	2	3	4	5		
ATACADO GLOBO	1				1	2	5
BLUMENAU			1			1	3
BRASCON	4	1		2	1	8	29
CEA	1	1	2			4	20
COLOMBO		2				2	4
DELTASUL				1		1	3
FAMÍLIA MODAS				1		1	3
FARMÁCIA MAIS ECONÔMICA		1				1	4
FARMÁCIA SÃO JOÃO			1			1	3
JACKS MAGAZINE			3	1		4	10
LOJÃO OBA OBA				1		1	3

MANLEC		1				1	4
MARISA		3		1	2	6	16
MODA ATUAL			1		1	2	4
MODA PÉ CALÇADOS	1				1	2	6
MUNDO ATUAL					1	1	1
MUNDO IMPOTADO					1	1	1
NACIONAL SUPER MERCADO	1					1	5
NAPHTALINA	1		3			4	14
PALACIO DAS OFERTAS	4	6	7			14	65
POMPÉIA	4	3	1	1	1	10	38
PONTO FRIO	1	1				2	9
RENNER	4	3	2			9	38
RIO BRANCO CALÇADOS			1	1		2	4
SHANADU				1		1	2
SUL CENTER	7	3		3		13	53
TEMPO MODAS		1				1	4
TOP MODEL		1	1	3		5	13
TOP SHOP		3	2	1		6	19
Total de Lojas							29

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2° = 4 Pontos 3° = 3 Pontos ,4° = 2 Pontos 5° 1Ponto

Resposta da Questão 04

Lojas	1	2	3	4	5		
5 MARIAS			1			1	3
AUTHENTICALL				1	1	2	3
BRASCON		1		1		2	5
CARÍCIA				1		1	3
CARMEM STEFFENS	1	3	2	4	1	11	32
CASA DAS ALIANÇAS	1					1	5
CASA FLOR			1			1	3
CEA	1	1				2	9
COLOMBO			1			1	3
CONSUELO FERREIRA					1	1	1
DAMYLLER		1	1			2	7
EMILICE CALÇADOS	1	3	3	1	2	9	30
ESQUAIRE		1				1	4
FINISH LINE		1	2			3	10
FORMULA JOVEM				1		1	2
FRANCO GIORGIO	1	1	1		1	4	13
HERCILIO CALÇADOS			1			1	3
HERING STORE	1	1				2	9
IARA DECORAÇÕES	1					1	5
JACKS MAGAZINE		1	3			4	13
KRAUSE	5	4	3	2		14	54
LOJA CIMO	1					1	5

LUZ DA LUA					1	1	1
M. OFFICER					1	1	1
MANLEC		1	1			2	7
MARISA		1				1	4
OBINO		1				1	4
ONIX			1		2	3	5
ÓTICA CRISTAL			1	1		2	5
POA				1		1	2
RENNER	8					8	40
RENZO	6	2	4			10	50
TEVAH		3		2		3	16
TOK		1				1	4
VIA CONDOTTI	1	2		2		5	17
ZSCHONARCK	1		1			2	8
Total de Lojas							36

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2° = 4 Pontos 3° = 3 Pontos ,4° = 2 Pontos 5° 1Ponto

Resposta Questão 06

	1	2	3	4	5		
A PRINCIPAL				1		1	2
AMERICANAS		1				1	3
AO PARAISO				1		1	2
ARAPUÃ			1			1	3
AS BRASILEIRAS	5		3	1	1	10	37
BEIRO DISCOS	1					1	5
BRONDER			1			1	3
CARINGE CHAPELARIA					1	1	1
CASA WELBERG				1		1	2
CAUDURO			1			1	3
CENTER SUL		1				1	4
FAVORITA		1	1	1		3	9
FORMOSA	1					1	5
HM				1		1	2
INCOSUL	1	4	1			6	22
LIVRARIA GLOBO					1	1	1
LOBRAS				1		1	1
MAZZA	8	1	4	1	2	16	60
MESBLA	5	5	2	3		15	57
MONTE KINAB					1	1	1
ÓTICA MELEM			1			1	3
PAQUETÁ	1					1	5
PERNAMBUCANAS		2			1	3	5
PINTO FERREIRA		1				1	4
PROCÓPIO		2				2	8
RIACHUELO	1	2		1	1	5	16

RONUS			1			1	3
SEDUTORA				1		1	2
VELOCINO TORRES	1		1			2	8
WOLENS MAGAZINE			1			1	3
Total de Lojas							30

Legenda: 1° = 5 Pontos, 2° = 4 Pontos 3° = 3 Pontos ,4° = 2 Pontos 5° 1 Ponto

Respostas Questão 10

Nome da Rua	Nº Citações	Posição
MARECHAL DEODORO	16	Oeste
VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA	14	Norte
TIRADENTES	12	Sul
QUINZE DE NOVEMBRO	9	Leste
FELIX DA CUNHA	8	Leste
GENERAL OSORIO	8	Oeste
AVENIDA BENTO GONÇALVES	7	Norte
LOBO DA COSTA	6	Sul
ONÇALVES CHAVES	6	Leste
MARECHAL FLORIANO PEIXOTO	5	Sul
RUA DOM PEDRO II	4	Sul
ALMIRANTE BARROSO	4	Leste
DOUTOR CASSIANO	3	Norte
BARÃO DE SANTA TECLA	3	Leste
AVENIDA DOM JOAQUIM	3	Norte
MARCÍLIO DIAS	2	Oeste
GENERAL TELES	2	Sul
ANCHIETA	2	Leste
MAJOR CÍCERO	2	Norte
SANTOS DUMONT	1	Oeste
SETE DE SETEMBRO	1	Norte
TRÊS DE MAIO	1	Sul
ANDRADE NEVES	1	Oeste
Não Sabe não opinou	00	00
Total	23	Sul, Norte, Leste Oeste

Questão 16

	Problema Questionado	N
1	Desconforto	21
	Pouco Espaço	15
	Dificuldade de Acesso	15
	Depredação Visual	14
	Calçamento Ruim	13
	Som Elevado	10
2	Qualidade deficitária da oferta e do atendimento	9
3	Simplex aparecimento de novas localizações mais atraentes fora do centro	7

	Não Sabe/ Não Opinou	00
	Total	104

Questão 17

Meios de Acesso	Respostas
Automovel	14
Moto	2
Ônibus	18
Apé	10
Bicicleta	00
Outros	00
Não Sabe não opinou	00
Total	44

Resposta da Questão 08

Entrevistado N°	Resposta Questão 08
1 Não	Sem Resposta
2 Não	Não é da Cidade
3 Sim	
4 Sim	
5 Sim	
6 Sim	
7 Sim	
8 Não	
9 Sim	
10 Sim	
11 Não	
12 Sim	
13 Sim	
14 Sim	
15 Sim	
16 Sim	
17 Não	
18 Sim	
19 Sim	
20 Sim	
21 Não	Pelo Pai
22 Não	Pais
23 Sim	
24 Sim	
25 Não	Não Residia na Cidade
26 Sim	
27 Sim	
28 Sim	

29 Sim	
30 Sim	
Total	30

Entrevistado N°	Resposta Questão 11
1	Lojas de Material de Construção, Tumelero e Varejão Rejunte
2	Zona Norte do Centro, Cohab Pel
3	Rua Marechal Deodoro
4	Não Respondeu
5	Av. Bento Gonçalves
6	Avenida Dom Joaquim, e fora do Centro, Av Domingos de Almeida, e o Bairro Fragata
7	Não
8	Não
9	Não Respondeu
10	Não Respondeu
11	Big Hipermercado
12	Shopping Zona Norte
13	Não
14	Dom Joaquim deslocamento do centro, mas inclusão de mais agências bancárias
15	Dom Joaquim e Bento Gonçalves
16	Avenida Bento Gonçalves
17	Concessionária Satte Allam Prolongamento da Av. Bento Gonçalves
18	Não Respondeu
19	Voluntários da Pátria e General Osório
20	Avenida Bento Gonçalves e Próximo as Universidade Católica de Pelotas
21	Zona Norte
22	Lojas de Automóveis na Fernando Osório e Marcilio Dias
23	Avenida Bento Gonçalves
24	Próximo a Dom Joaquim
25	Santa Teresinha Comércio Forte
26	Camelos
27	Camelos
28	Bento Gonçalves e Av. Duque de Caxias
29	Avenida Bento Gonçalves
30	Santa Terezinha e Zona Norte
Total	30

Questão 09

Entrevistas	Respostas
1	Bazar Eletrodomésticos
2	Lojas de Calçados

3	Lojas de Grandes Magazines
4	Não Respondeu
5	Vestuário
6	Shopping Center
7	Não
8	Shopping Center Comercio mai Variado
9	Não
10	Diversas
11	Não Respondeu
12	Maior Número de Comércio
13	Não
14	Shopping
15	Roupas
16	Marcas Diferenciadas
17	Atendimento Mais qualificado
18	Não
19	Joalherias de Melhor Qualidade
20	Variedades e Informática
21	Com vendedores mais qualificados
22	Lojas de Grifes, com em outras cidades
23	Não
24	Grifes: Benetton
25	Maior quantidade de Produtos e Variedades
26	Não
27	Lojas de Departamentos
28	Lojas de Departamentos e Brinquedos
29	Departamento e Informática
30	Lojas de Boa Qualidade

Questão 13

	1	1	3	N/R
1	x	x		
2		x		
3				x
4			x	
5			x	
6	x			
7	x	x		
8		x		
9	x	x		
10		x	x	
11				x
12			x	
13				x
14	x			

15		x	x	
16		x	x	
17	x		x	
18			x	
19		x		
20				x
21		x		
22				x
23		x		
24		x		
25	x			
26	x			
27		x		
28		x		
29		x		
30			x	
Total	8	15	9	5

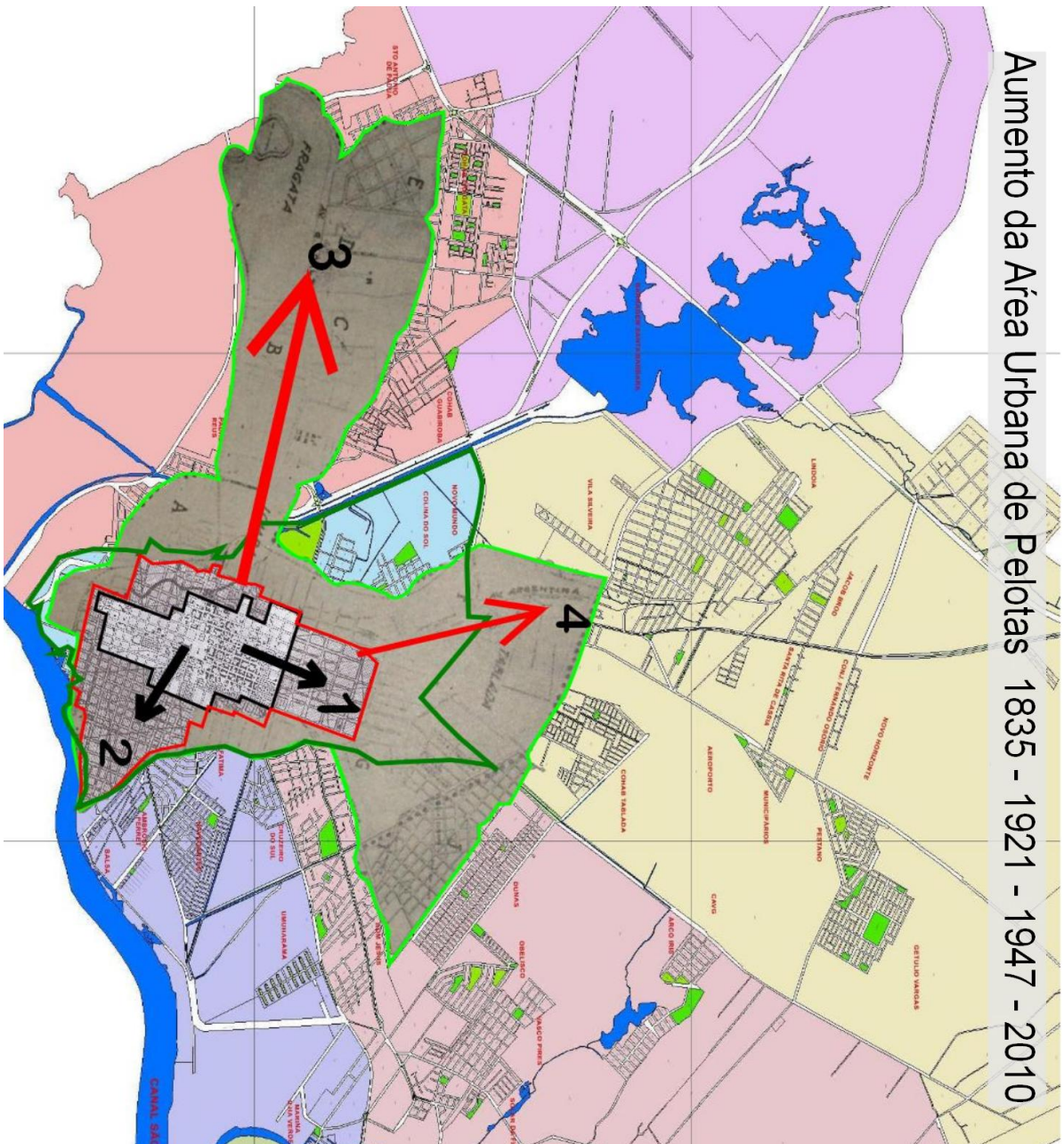
Questão 14

	1	2	3	N/R
1	x	x		
2	x			
3	x			
4	x			
5	x			
6	x			
7	x			
8	x	x		
9	x	x		
10	x	x		
11	x			
12	x			
13	x	x		
14	x			
15	x			
16	x			
17	x	x		
18	x			
19	x	x		
20	x	x		
21	x	x		
22	x	x		
23		x		
24	x	x		
25				x

26	x	x	x	
27	x	x		
28	x			
29	x			
30	x	x		
Total	28	15	1	1

Questões		Sim	Não	Não Sabe	Não Respondeu
5	30	24	6		
7	30	22	8		
9	30	23	7		
12	30	23	7		
15	30	18	11	1	

Aumento da Área Urbana de Pelotas 1835 - 1921 - 1947 - 2010



LEGENDA

Região Administrativa do Centro 2010



Planta da Cidade em 1947



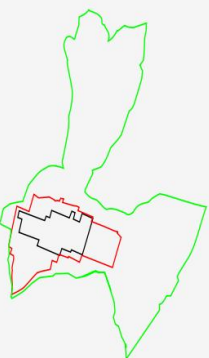
Planta da Cidade em 1922



Planta da Cidade em 1835



Expansão Urbana 1835 - 1921 - 1947



1 Expansão ao Norte 1835 - 1921

2 Expansão ao Porto 1835 - 1921

3 Expansão para o Fragata 1921 - 1947

4 Expansão para as Três Vendas 1921 - 1947



ANEXO A – LEI DO ZONEAMENTO EM PELOTAS LEI Nº 4.857

Dispõe sobre a Zona de Comércio Central (ZCC), alterando a Lei nº 3.537, de 05 de junho de 1992.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PELOTAS, Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - A Zona de Comércio Central (ZCC) constante da prancha 01, anexa ao Plano Diretor, passa a ser composta pelo quadrilátero formado pela Avenida Bento Gonçalves, Rua Três de Maio,

Rua Almirante Barroso e Rua Barão de Santa Tecla.

Art. 2º - A Zona de Comércio Central (ZCC) deverá ser expandida até os limites da Zona de Comércio Central de Extensão (ZCC-EXTENSÃO), valendo os recuos, índices e demais exigências urbanísticas da ZCC, na forma do disposto na Lei nº 2.565/80.

Art. 3º - Revogadas disposições em contrário, em especial a Lei nº 3.537, de 05 de junho de 1992, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO DE PELOTAS, EM 30 DE SETEMBRO DE 2002.

Fernando Marroni

Prefeito

Registre-se e publique-se

Mário Filho

Secretário de Governo

CAPÍTULO III
DO ZONEAMENTO URBANO
SEÇÃO I
DAS ZONAS URBANAS E
DE EXPANSÃO URBANA

Lei 2.729/82 - ALTERA O ZONEAMENTO URBANO, DEFINIDO NA LEI Nº 2.565, DE 26 DE AGOSTO DE 1990, QUE INSTITUI O II PLANO DIRETOR de Pelotas.

Lei 2.863/84 - Altera disposições do II plano diretor de Desenvolvimento Urbano de Pelotas, institui

à zona residencial mista III (ZRM), e dá outras providências.

Lei 3.090/87 - Altera os recuos da Zona de Comércio Central Extensão e dá outras providências.

Lei 3.183/88 - Altera e estabelece as divisas dos Distritos do Município.

Lei 3.224/89 - Modifica a Lei nº 3.183, de 30 de dezembro de 1988, que altera e estabelece as divisas dos distritos do Município.

Lei 3.263/89 - Regula a destinação de solo urbano para atividades terciárias - AT.

Lei 3.454/91 - Altera o limite da Zona Residencial Mista Um (ZRMI) definido na Lei nº 2565/80.

Lei 3.535/92 - Disciplina o plantio de árvores no município de Pelotas.

Lei 3.537/92 - Delimita a Zona de Comércio Central.

Lei 3.576/92 - Altera a lei nº 3.537/92, que trata sobre a Zona de Comércio Central, no Plano de Diretor.

Lei 3.907/94-Suprime a letra b, do inciso II, do art. 3º da Lei nº 3.263, de 19 de dezembro de 1989 e

dá outras providências.

Lei 4.098/96 -Dispõe sobre dispensa e redução das limitações administrativas estabelecidas no Plano de Desenvolvimento Urbano.

Lei 4.130/96 - Acresce Parágrafo Único ao art. 1º, da Lei nº 4.098/96.

Lei 4.715/01 -Institui a Zona Portuária, altera a redação do Art. 3º, da Lei nº 2.863, de 06 de novembro de 1984, que institui a Zona Residencial Mista (ZRMIII).

Lei 4.857/02 - Dispõe sobre a Zona de Comércio Central (ZCC), alterando a Lei nº 3.537, de 05 de

junho de 1992.

Art. 58 - A ZONA URBANA, para os fins desta lei, é a constante em planta anexa (prancha 01), com perímetro formado por uma linha imaginária que inicia na antiga ponte rodoviária sobre

o

canal São Gonçalo que dá acesso ao Município de Rio Grande e segue pela margem deste até o ponto de encontro com a Lagoa dos Patos, conhecida como Barra do Canal de São Gonçalo; segue pela margem da Lagoa até 800 (oitocentos metros) além da última rua, a norte, da parte já implantada do Balneário dos Prazeres; neste ponto sofre uma inflexão e segue numa linha reta e paralela à referida rua, cruza a estrada do Laranjal em ângulo de aproximadamente 90º (noventa graus) e continua por mais 500m (quinhentos metros); daí, toma primeiramente a direção sudoeste

e posteriormente a oeste, sempre acompanhando a estrada do Laranjal até o Arroio Pelotas; segue pela sua margem direita, no sentido do nascente, inflexiona-se para a direção noroeste, onde cruza

a estrada do Cotovelo, com afastamento de 500 m (quinhentos metros) do entroncamento desta

com a estrada dos Maricás, em ângulo aproximadamente reto; segue paralela, sempre a 500m (quinhentos metros) a esta estrada, que toma primeiramente o nome de estrada dos Marinheiros e, posteriormente, o nome de estrada da Costa do Retiro, até 500m (quinhentos metros) adiante da BR-116 toma a direção sudoeste, acompanhado a BR-116 até 200m (duzentos metros) do limite

do

Sítio Floresta, contornando, sempre a 200m (duzentos metros) o perímetro, desde o loteamento até

a linha férrea: por ela, até 500m (quinhentos metros) da BR-116; sofre uma inflexão de aproximadamente 90° (noventa graus) e segue com afastamento constante de 500m (quinhentos metros) do eixo da BR-116 até 500m (quinhentos metros) da Avenida 25 de Julho, acompanhando,

acompanhando,

também, com tal afastamento, essa Avenida no sentido da estrada do Passo dos Carros onde inflexiona-se novamente para oeste; segue acompanhando a estrada do Passo do Salso sempre a 500m (quinhentos metros) do eixo; cruza a estrada do Salso e continua em linha paralela a 500m (quinhentos metros) desta no sentido do Distrito Industrial, até 500m (quinhentos metros) da BR-116, onde toma novamente a direção a esta BR, por esse alinhamento, continua pela BR-116 e

BR-

392 até o ponto cuja perpendicular cruza a rótula que liga a BR-392 à estrada pelo Morro

Redondo

e segue até a linha férrea para Bagé; sofre uma inflexão para o leste, segue pela linha férrea e 250m (duzentos e cinquenta metros) antes da estrada da UFPEL, em direção sul, continua

paralela

a esta até o pórtico da estrada, limite da área da UFPEL; retorna no mesmo percurso, também a 250m (duzentos e cinquenta metros) da estrada e a partir da linha férrea, em direção leste

continua

até 200m (duzentos metros) da Rua Frederico Bastos; neste ponto toma a direção desta rua no sentido do prolongamento da rua Tobias de Aguiar; 200m (duzentos metros) além desse prolongamento, sofre uma inflexão, e continua paralela, sempre a 200m (duzentos metros), à referida rua, até o Canal de Santa Bárbara; por este, até a antiga ponte rodoviária sobre o Canal São Gonçalo que dá acesso ao Município de Rio Grande, ponto inicial da descrição do perímetro urbano.

Art. 59 - A ZONA URBANA se compõe de:

I - Área de Ocupação Intensiva, correspondente à parte da Zona Urbana dotada de infra-estrutura e

equipamentos urbanos, ainda que não efetivamente ocupada;

II - Área de Ocupação Diferenciada, correspondente à parte da Zona Urbana, contígua à Área de Ocupação Intensiva, com população rarefeita não servida por infra-estrutura e equipamentos urbanos, e destinada à expansão urbana.

Art. 60 - ÁREA DE OCUPAÇÃO INTENSIVA se subdivide, conforme planta anexa (prancha 01), em:

- I - Zona do Comércio Central (ZCC);
- II - Zona Residencial I (ZRI);
- III - Zona Residencial II (ZRII);
- IV - Zona Residencial III (ZRIII);
- V - Zona Residencial Mista I (ZRMI);
- VI - Zona Residencial Mista II (ZRMII);
- VII - Corredor Varejista (COV);

VIII - Corredor Atacadista (COA);

IX - Zona Industrial.

§ único - Os corredores (COV e COA) abrangem terrenos com profundidade máxima de 100 (cem)

metros, com frente para as vias assinaladas em planta anexa a esta lei (prancha 01).

Art. 61 - A ÁREA DE OCUPAÇÃO DIFERENCIADA se subdivide, conforme planta anexa (prancha 01), em:

I - Zona de Expansão Prioritária (ZEP), correspondente a Zona contígua à Área de Ocupação Intensiva, cuja ocupação será prioritariamente estimulada pelo Município, quer por ação do Poder Público, quer por iniciativa privada;

II - Zona de Expansão Secundária (ZES), cuja ocupação só será estimulada pelo Município, inclusive com implementação de infra-estrutura e equipamentos urbanos, após a ocupação da Zona de Expansão Prioritária;

III - Zona de Expansão Industrial (ZEI), destinada a abrigar atividades industriais dos Tipos AI-4 e AI-5.

§ único - Nas Zonas de Expansão Industrial ficam proibidos parcelamentos para fins residenciais.

GABINETE DO PREFEITO DE PELOTAS, EM 06 DE NOVEMBRO DE 1984.

BERNARDO OLAVO GOMES DE SOUZA

Prefeito

Registre-se e Publique-se

JOSÉ LUÍS MARASCO C. LEITE

Chefe de Gabinete